

CHRISTINE
FEEHAN



descida
Sombria

OS CARPA†OS

CHRISTINE FEEHAN

desida
Sombrio

Série Os Cárpatos - Livro 11

Tradução de Jossi Borges
Revisão de Célia Sarita
Formatação ePub de LeYtor

Este conto foi publicado em inglês como parte da recompilação de relatos *“The Only One”* das autoras: Christine Feehan, Susan Grant e Susan Squires.

Em plena viagem astral, a guarda-costas Joie Sanders conhece um homem perfeito, divertido e sensual. Um homem cuja voz a persegue e atormenta até que se vê obrigada a realizar uma descida real às cavernas onde o encontrou pela primeira vez para comprovar se está perdendo a prudência ou realmente ele a espera ali, precisando de sua ajuda.

Capítulo 1

Nervuras de relâmpagos iluminavam as nuvens em látegos dançantes de branca energia iluminando o céu de meia-noite. A terra retumbou e se retorceu, instável e hesitante, enquanto a criatura abria caminho através do solo até alcançar o ar, sujando instantaneamente cada ser vivente que tocava. Saiu murcha e enegrecida. O ar vibrou com alarme. O vampiro pousou sobre a terra, girando a cabeça de um lado para outro, escutando, esperando. Sua ardilosa mente corria, seu podre coração pulsava com uma mistura de triunfo e medo. Ele era a presa e sabia que o caçador não estava muito longe, as suas costas, sobre sua pista, dirigindo-se diretamente ao coração da armadilha.

Traian Trigovise abriu passo através do chão, seguindo o mau cheiro do não-morto. Era muito fácil, o rastro estava bem marcado. Nenhum vampiro seria tão óbvio a menos que fosse um novato e Traian tinha a certeza de que estava lidando com um dos fortes e ardilosos. Ele era um antigo caçador Carpato, de uma espécie quase imortal, benta e maldita com a longevidade, com dons eternos e a necessidade de uma companheira que o completasse. Era acima de tudo um predador, capaz de se converter na mais detestável e perversa de todas as criaturas, o não-morto. O vampiro.

Era sua enorme força de vontade e o dever para com sua raça, o que o mantinha a salvo de cair presa dos insidiosos sussurros e a chamada do poder.

Quando o túnel virou para cima, para o céu, Traian continuou para frente, entrando profundamente na terra, sentindo-a, escutando o batimento de seu coração e a energia a seu redor. Tudo estava em silêncio, inclusive os insetos, criaturas freqüentemente convocadas para a maldade. Examinou a superfície, estudando uma grande área e descobriu três pontos vazios, evidência de que mais de um vampiro estava por perto.

Encontrou uma trama de raízes, espessa e nodosa, transbordante de vida, que se estendia fundo na terra. Sussurrou moderadamente, respeitosamente, tocando a artéria mais larga e profunda, sentindo sua força vital. Cantarolou baixinho, em sua língua ancestral, solicitando a entrada, sentindo a resposta movendo-se através da grossa e velha árvore. As folhas estremeçeram quando a árvore se estendeu para a lua, abraçando a noite, como se encolhesse ante a presença de seres impuros. Repartindo segredos e conspirando para ajudar. A árvore estendeu suas raízes para permitir Traian entrar no intrincado sistema de amparo e nutrição do grande tronco.

O caçador tomou cuidado em não perturbar o solo ou o sistema de raízes, quando abriu caminho cuidadosamente através do labirinto, para a superfície, bastante longe para explorar os arredores, de dentro da jaula de segurança das superpostas raízes sobre a terra. Mudou de forma quando emergiu uma sombra, entre os espessos ramos e folhas.

Durante um momento pôde ver sua presa, a figura alta e magra de Gallent. Reconheceu o vampiro como um dos mais antigos, enviado para fora por seu príncipe, vários séculos atrás, como ele havia sido. O não-morto se retorcia continuamente, farejando o ar e lançando olhares atentos a seu redor. Batendo suas longas unhas, umas contra outras, num peculiar e repetitivo ritmo.

O vento bateu através do arvoredo e as folhas sussurraram. Traian deixou que seu olhar vagasse, examinando o lugar, procurando com sua mente, mais que com sua aguda visão. A brisa lhe trouxe o eco do estranho ritmo, aproximando-se a sua direita. Depois por sua esquerda. Mais dois dos não-mortos esperavam para cair sobre ele e despedaçá-lo. Mudou de forma novamente, fluando com a brisa através das raízes, elevando-se como moléculas na noite, permitindo que um vento amigo o levasse mais alto entre as folhas.

Nuvens escuras formavam redemoinhos. Um relâmpago iluminou a escura massa. Revoou, como um pequeno sorriso sem humor, em sua mente. A discrição era na verdade a melhor parte do valor em algumas circunstâncias. Escolheria seu próprio campo de batalha. Então ouviu o tamborilar das unhas novamente. O som era cada vez mais alto. A cada golpe, gotas de água caíam da nuvem. Grossas gotas que nunca alcançavam o chão. Agrupavam-se no meio do ar, formando um grande charco brilhante. Podia ver seu reflexo claramente no charco. Não as moléculas pulverizadas, ou uma ilusão, mas o homem real entre as folhas. Foi sua única advertência e chegou como um batimento de coração, antes do ataque.

Captou o movimento pela extremidade do olho e instantaneamente reagiu, dando um salto mortal para o céu, mudando sua verdadeira forma, agradecendo as folhas que estorvaram a quase invisível rede prateada impedindo que se enredasse sobre ele. Lanças se moveram em espiral através do ar, junto com grossos dardos impregnados com veneno de rã e que luziam penachos vermelhos que se cravavam na pele e ardiam durante semanas. Os insetos nublaram os céus e todo o momento o tamborilar de unhas continuou implacavelmente.

Traian se lançou para a escura figura que orquestrava a luta, ignorando os dois vampiros restantes. Gallent estava dirigindo a ação, um líder no mal, como havia sido um líder entre os Cárpatos. Traian se lançou através do céu, com o punho dirigindo-se para o peito do vampiro. Gallent resplandeceu, ficou transparente.

O punho passou através de seu corpo, enquanto o não-morto devolveu o golpe com garras afiadas como navalhas. A mão chegou pela esquerda de Traian, o veloz e seguro movimento de um professor. As unhas como afiadas facas se introduziram profundamente através de carne e músculo, até chegar ao osso. Um dos vampiros restantes se lançou para as costas de Traian, cravando seus dentes no alvo de seu exposto pescoço.

Traian simplesmente evaporou, deixando uma mancha de sangue nas estremecidas folhas e o aroma do antigo dom que conduziria os vampiros a um frenesi de raiva e fome. Viajou rapidamente através da noite. As Montanhas dos Cárpatos eram um labirinto, uma rede de cavernas, onde a rica e profunda terra o esperava, para lhe dar as boas vindas. Estava perto de casa. Tinha estado viajando de volta a sua terra natal para ver seu príncipe, mas desviou ao cruzar-se com os vampiros.

Seu ombro pulsava e queimava. Seu pescoço era um tortura feroz. Havia cem lugares em seu corpo que doíam por causa das lanças e os dardos. Encontrou uma abertura no afresco interior da montanha, introduziu-se profundamente, através do labirinto de túneis, no interior da terra. Flutuou para baixo, dentro da cama de rica terra e se estendeu ali, sentindo uma sensação de paz, na riqueza dos abençoados minerais.

Áustria

As portas do teatro se abriram para permitir a saída da elegante multidão. Emergiram sorrindo e falando, um amálgama de pessoas felizes, agraciadas pela atuação que haviam presenciado. Um relâmpago atravessou o céu, um brilhante e deslumbrador desdobramento da natureza elementar. Durante um longo momento, as pessoas vestidas com peles e trajes de variadas cores foram iluminada, como se fossem captadas por um refletor. O trovão estalou diretamente sobre suas cabeças e o solo e os edifícios tremeram sob o assalto. A luz apagou, deixando a noite negra e à multidão quase cega. Eles se dividiram em casais ou grupos, apressando-se para suas limusines e carros,

enquanto os manobristas tentavam trabalhar rápido, antes que a chuva começasse a cair.

O Senador Thomas Goodvine permaneceu sob o arco da entrada inclinando a cabeça para sua esposa, tentando ouvi-la por cima do zumbido da multidão, rindo ante suas palavras, assentindo em acordo. Aconchegou-a em seu ombro para evitar que fosse empurrada pelas pessoas que se apressavam para evitar o mau tempo.

Duas árvores formavam o único arco para o teatro, os ramos se entrelaçavam no alto, formando um pequeno amparo contra os elementos. As folhas rangiam e os ramos batiam uns contra os outros, com o impulso do vento. As nuvens formavam redemoinhos e desfiavam, ondeando na escuridão, tecendo ameaçadores filhos que cruzavam a lua.

Outro estalo de um relâmpago iluminou dois homens grandes que se esforçavam para avançar contra a maré dos assistentes do teatro, aparentemente decididos a ganhar o amparo do edifício. Sob a parca iluminação do arco, Thelma Goodvine segurou a jaqueta de seu marido, para atrair sua atenção de novo para ela.

– Abaixo! Baixem-se! – Joie Sanders se lançou sobre o senador e sua esposa, com os braços estendidos, atirando-os ao chão. Em um só movimento, se voltou a levantar sobre o joelho diante deles, com uma arma em sua mão estendida.

– Uma arma, uma arma, todo mundo ao chão! – Gritou.

E uma labareda vermelha explodiu de dois revólveres diretamente para o casal que ela protegia. Joie devolveu o fogo com sua calma habitual e mortal pontaria, observando o homem começou a rodar, quase com um movimento lento, com a arma ainda disparando, mas saltando no ar.

As pessoas gritavam, corriam em todas as direções, caía no chão e se abaixava por trás de débeis coberturas. O segundo homem armado pegou uma mulher com um longo casaco de pele e a arrastou para ele, como escudo. Joie já estava empurrando o senador e sua esposa, num esforço para que se arrastassem para trás entrando na relativa segurança do teatro. O segundo pistoleiro empurrou a mulher soluçante para frente, enquanto disparava em Joie, que se virou novamente, para cobrir a retirada de seus protegidos.

Uma bala cortou a carne de seu ombro, num caminho de dor e salpicando sangue sobre as calças do senador. Joie gritou, mas manteve seu objetivo, ignorando a confusão de seu estômago. Seu mundo se reduziu a um homem, um objetivo. Apertou o

gatilho lentamente, com precisão, observando o feio e pequeno buraco florescer no meio da testa do homem. Ele veio abaixo como uma pedra, levando sua refém com ele, caindo numa confusão de braços e pernas.

Fez-se um pequeno silêncio. Só se podia ouvir o tamborilar dos ramos num estranho e inquietante ritmo. Joie piscou, tentando limpar sua visão. Parecia estar olhando para interior de um grande lago resplandecente, olhando fixamente para um homem de olhos frios e com algo metálico brilhando na mão. Ele elevou-se sobre a multidão, deslizando até Joie antes que ela pudesse afastar do caminho. Ela se mexeu o suficiente para escapar da letal arma, dirigindo a culatra de sua arma para cima sobre a queixo do homem e depois a deslizando para baixo, sobre a mão que empunhava a faca. Ele gritou, deixando cair a arma, que foi lançada ao longo da calçada. Seu punho encontrou a face de Joie, lançando-a para trás. O homem a seguiu, com a face convertida numa máscara de ódio.

Algo bateu com força na parte de atrás da cabeça dele e Joie se encontrou olhando fixamente para um de seus homens

– Obrigado, John. Acho que ele destroçou cada osso de meu corpo ao cair em cima de mim.

John tomou sua mão, ajudando-a a sair de debaixo do enorme corpo. Joie chutou a arma da mão flácida do primeiro homem no qual havia disparado, embora a debilidade a curvasse. Sentou-se abruptamente quando suas pernas se tornaram de borracha.

– Coloque o senador e a senhora Goodvine a salvo, John. – Os uivos das sirenes estavam fluando dentro e fora. – Que alguém ajude essa pobre mulher a se levantar.

– Como está seu ferimento? Quantos tiros recebeu? Dê-me sua arma.

Joie baixou o olhar para a arma em sua mão e notou com surpresa que estava apontando para o atacante inconsciente.

– Obrigado, Robert. Acredito que deixarei que John e você dirijam as coisas por um momento.

– Você está bem? – Ela pôde ouvir a voz ansiosa do senador. – Você está ferida? Não quero deixá-la aqui Aonde nos levará?

Joie tentou levantar o braço para indicar que estava bem, mas seu braço parecia pesado e pouco disposto a cooperar. Fechou os olhos e respirou profundamente. Precisava sentar-se em alguma outra parte durante um momento, enquanto os médicos a atendiam. Não era a primeira vez que disparavam nela e duvidava que fosse a última. Possuía certos instintos que a haviam levado ao topo de sua profissão. E era um topo muito perigoso.

Joie podia se misturar. A alguns dos homens gostavam de chamá-la de camaleão. Podia parecer surpreendentemente formosa, singela ou simplesmente passável. Podia se misturar a uma multidão dura, com os vagabundos ou com os ricos e glamorosos. Era um valioso dom e usava-o de boa vontade. Chamavam-na para os casos difíceis, desses onde a ação era inevitável. Poucos tinham sua habilidade com facas ou armas e nenhum podia desaparecer numa multidão da forma em que ela podia.

Saiu de seu corpo, observou a frenética cena a sua volta, com interesse, durante alguns poucos minutos. Os outros guarda-costas atribuídos ao senador e os agentes austriacos tinham tudo sob controle. Estavam-na colocando no interior de uma ambulância e se empurrou para longe da cena. Mais que nada, detestava os hospitais. Simplesmente partiu, voando livre. Queria estar fora, sob o céu ou clandestinamente num mundo de beleza subterrânea, não importava, desde que não fosse entre as paredes de um hospital.

Joie se sentia, livre, deslizando-se através das montanhas que havia estudado tão cuidadosamente. Enquanto voava livre, planejava uma excursão às cavernas, com seu irmão e sua irmã, logo que o senador e sua esposa estivessem a salvo e de volta para casa. Cruzou o espaço. Cheirou a chuva. Sentiu a fresca e úmida garoa das montanhas. Longe, embaixo, ela viu a entrada de uma caverna, iluminada por um pequeno raio de lua que espionava através da espessa cobertura das nuvens. Sorrindo deixou-se cair para entrar num mundo de cristal e gelo. Se estava sonhando ou alucinando-se, não importava. Tudo o que importava era estar escapando da dor de seus ferimentos e o cheiro de hospital.

Traian, deitado na terra, olhava fixamente para cima, o teto parecido ao de uma catedral. Seu corpo estava ferido em tantos lugares, que ele só queria descanso. A beleza da caverna era impressionante e afastava sua mente da dor física. Então virou a cabeça e a viu. Ela estava flutuando sobre sua cabeça à esquerda. Uma mulher de longos cabelos e grandes olhos. Estava olhando para baixo, para ele, completamente atônita.

– Está ferido! – Disse. – Se fosse real, iria aos paramédicos.

– O que te faz pensar que não sou real?

– Que eu não esteja realmente aqui. Estou num hospital a muitas milhas de distância. Nem sequer que lugar é este.

– Você me parece bastante real.

– Que pensa que está fazendo aí deitado na terra em meio a uma caverna? – Sua suave risada ondeou através dele. – Não terá confundido isto com uma sauna, não é?

Seu coração quase deixou de pulsar. Essa simples pergunta voltou seu mundo ao contrário. Era consciente de cada coisa, da frieza do interior, do azul do gelo e da dramática arquitetura formada a milhares de anos atrás. Foi, sobretudo consciente de que o cabelo dela era de um rico castanho e seus olhos um afresco cinza. Sua boca era generosa e curvada nos cantos e possuía traços de riso.

E ele estava vendo em cores. Após de centenas de anos de existência erma e cinza, vivendo num mundo sem cor ou emoção, ali estava ela. A outra metade de sua alma. E estava olhando fixamente para ele com olhos curiosos e uma careta divertida. Havia sangue em seu ombro, marcas de dor em sua face e um rasgão na roupa que vestia.

– Está um pouco bem vestida para uma caverna. – Assinalou ele.

Ela ergueu os ombros e sorriu suave e convidadoramente.

– Bem, uma dama gosta de ter seu melhor aspecto quando os grilos da caverna a chamam.

– Você também está ferida.

– Um pequeno problema com uns tipos desagradáveis. O que tem que você? Nada freqüentemente no barro, com um buraco aberto em seu ombro? Já ouviste falar de infecção e gangrena, não?

– Como bem assinalaste, uma pequena peripécia com um grupo de insípidos rufiões. Fui atípicamente lento.

– Tem um sotaque incrivelmente sexy. Ele faz com que as mulheres caiam rendidas ante o mero som de sua voz? – Era muito boa identificando a procedência das pessoas por seus sotaques, mas o dele era diferente. – Havia um tom rico em suas

palavras. Para ser um sono, estava divertido.

– Não notei tal fenômeno, mas estarei atento no futuro.

– Bonita caverna. Adoro as cavernas. Esta parece um maravilhoso lugar para explorar.

– Não acredito que tenha sido descoberta ainda. – Respondeu ele, agradavelmente. A paz gotejava em seu corpo, em sua alma. A gargalhada genuína encontrou o caminho para seu coração.

– Sério? Simplesmente tropeçou com ela na escuridão, não é? Uma forma interessante de explorar cavernas. Onde estou? Eu gostaria de voltar aqui.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Flutuou através do ar, às cegas?

Ela sorriu, amplamente.

– Faço isso às vezes, quando não quero estar onde estou. Um mau hábito. – Sua forma brilhou fracamente e seu sorriso murchou. – Estão me fazendo algo asqueroso, não posso manter a projeção.

Ele se sentou e soltou um gemido, quando os dardos penetraram sua pele ardendo ferozmente.

– Não vá ainda.

– Sinto muito.

Ela olhou para o braço, voltou o olhar para ele, com lágrimas em seus olhos.

– Estão limpando meu ferimento. Dói como o demônio.

E então se foi. Assim, rapidamente. Desvaneceu-se sem deixar rastro.

Ele ficou ali sentado, sozinho na escuridão da caverna, atônito em pensar como a vida podia mudar numa piscada. Ela era real. Suas capacidades psíquicas eram fortes e haviacompartilhado com ela seu espaço, compartilhado sua mente e o caminho estava impresso em seu cérebro. Ela não podia escapar dele

Traian se deitou de costas novamente e ondeou sua mão para fechar a terra sobre ele, imobilizando seu coração e sua respiração, permitindo que a canção da terra o enviasse para dentro do profundo e reparador sono.

Capítulo 2

– Está ficando louca, Joie, aqui não há nada. – Gabrielle Sander se levantou graciosamente do chão e se limpou o joelho enquanto estudava sua irmã com seus olhos cinzas. – Deixe essa loucura de lado e desfrute da vista. Isto é impressionante. Esteve frenética durante horas. – Inclinando a cabeça para trás, ela elevou o olhar para o céu – Estivemos escalando sempre. Se fôssemos encontrar alguma coisa, já o teríamos feito.

– Não me estou ficando louca, Gabrielle. – Insistiu Joie. – Já estou.

Produziu-se um súbito silêncio. O vento parou. Um falcão gritou como se tivesse perdido sua presa. Gabrielle intercambiou um longo olhar com seu irmão, Jubal. Ambos olharam fixamente para sua irmã caçula. Ela parecia completamente ensimesmada com a superfície da pedra que estava estudando.

– Bom, é um alívio.- Replicou Gabrielle, sorrindo. – Todo este tempo, pensei que eu era a única anormal.

Joie deixou escapar a respiração devagarinho. Sabia que estava atuando como uma louca, possivelmente fora de controle. O que estivera dizendo a Gabrielle e Jubal? Que já tinha perdido a cabeça fazia algumas semanas e que este era seu último esforço por recuperar a prudência? Não estava brincando e se realmente devesse estar presa num manicômio, sob chave e fortemente medicada?

– O que você está fazendo?

A voz chegou de nenhuma parte, inesperadamente como fazia sempre, pegando-a de surpresa. Masculina, às vezes divertida. Às vezes chateando. Sempre tentando. Tentou não ouvi-la e nem responder. Mas nunca conseguia. Sempre falava com ele. Sorria com ele. Desejava-o. Apesar da beleza da voz, desta vez soava imensamente fraca, tensa, como se estivesse sofrendo dor.

– Vamos, estou tão perto da entrada que deveria ser capaz de vê-lo, Jubal – Joie apelou a seu irmão. – Sabe que tenho razão. Sempre tenho. Há uma rede de cavernas aqui e a maioria, inexploradas. Estamos no alto delas.

Joie estava certamente onde, na realidade, havia começado sua descida à loucura. Sentia-se melhor com essa voz em sua cabeça, que com qualquer pessoa do mundo real. Vivia para ouvir essa voz. Pensava nele dia e noite e estava se consumindo por ele. Joie elevou o queixo.

– *Estou provando que você não existe, para assim poder te superar. Tenho uma lista de possíveis amantes, de um quilômetro de comprimento e eu gostaria de ter um pouco de diversão para variar.*

– *Agora não é o momento. Saia daqui. É perigoso.*

– *É óbvio, sabia que diria isso. Não quer que saiba que não é real. Olhe, carinh. Foi divertido, mas nós temos que romper. Não posso ter um amante imaginário, mesmo que seja um imponente amante em meus sonhos. Uma garota quer ter algo real de vez em quando. Não vejo como poderia te apresentar a minha família. Como vou dizer a meus irmãos: meninos, este é meu amante invisível, Traian. Ele tem nome de locomotiva, mas é fruto de minha fantástica imaginação.*

– *Traian é um nome antigo e respeitado. Parta daqui, Joie. Não farei comentários sobre seu nome, porque seria considerado extremamente grosseiro.*

– Comente o que queira, Traian. Não é real, assim como nenhuma de nossas conversas, assim pode me insultar.

– Está sempre olhando para baixo, quando deveria estar olhando para cima, Joie. – Disse Gabrielle com um suspiro. – Se chegar a se endireitar, poderá captar uma nuvem. Note as pelo menos as flores? São magníficas. Descjaria saber como se chamam. Pelo menos uma vez em sua vida, pense em algo além de cavernas. – ela ondeou os braços, para abranger o campo. – Este é o país do Drácula. Se esquecesse sua obsessão por cavernas, poderíamos explorar velhos castelos para variar.

– *As flores rosas com amarelo no meio de chamam Tratinas. As margaridas brancas são Marguaretas. Não posso me lembrar como se chamam as azuis, mas virá para mim.*

– Está ouvindo nossa conversa?

– Estão pensando muito ruidosamente. E negando minha existência, o que parece ser um hábito para você, ultimamente.

Joie estralou os lábios. Ele era um produto de sua imaginação e ela sabia o nome das flores.

– Gabrielle, as rosas são Tratinas, e as margaridas brancas são Marguaretas. Não tenho nem idéia de como se chamam as azuis.

– Você é uma enciclopédia ambulante. – Disse Gabrielle, impressionada.

Jubal olhou fixamente à paisagem selvagem que os rodeava, de ambos os lados e embaixo. Havia muitas gargantas profundas e várias cavernas. Verdes vales e prados

ofereciam uma vista impressionante. Abaixo deles, na profunda depressão, a água encharcara a terra, provocando pântanos de turfa. Havia vívidas camas de musgo verde e numerosos lagos rasos, que abriam caminho ao redor de pinheiros e abedules. Era mágico e até para ele era uma descida difícil. O ar estava crispado e frio e o céu parecia espaçoso, uma estranha neblina cobria ainda, as superfícies sobre eles. Nesse exato momento pensou avistar alguma coisa que se moveu na névoa. Algo vivo e espantoso.

– Joie, saíamos daqui. – Ele disse. – Este lugar me dá calafrios. Eu não gosto das vibrações daqui.

Gabrielle voltou à cabeça

– Seriamente? – Ela arqueou uma sobrancelha castanha para ele. – É estranho, Jubal! Eu me sinto igual. É como se não devêssemos estar aqui ou como se tivéssemos nos misturado de alguma forma. Será que é por todas as histórias de vampiros que estivemos ouvindo ontem à noite na estalagem? Normalmente as histórias de terror são divertidas, mas definitivamente me sinto apreensiva. – Ela levantou a voz. – E você, Joie? Este lugar te dá calafrios?

– Nós viemos explorar as cavernas. – Disse Joie, firmemente. – Sempre somos respeitosos quando praticamos espeleologia, assim não há razão para ficar nervoso. Sei que a entrada está aqui. Estou tão perto. – Ela caminhou ao redor da montanha, passando por cima das pernas estendidas de seu irmão sem sequer lhe olhar. – A entrada está aqui, eu sei. – Murmurou.

– *Os outros sentem a ameaça dos vampiros. Deve ir, Joie.*

– OH! Agora vai me dizer que acredita em vampiros. Acaba de pegar essa idéia de Gabrielle. Você não é real, assim tranquilo e deixe de tentar me assustar para que eu me afaste. Não vou até que saiba com certeza.

– *Na verdade, você sabe, só não quer admitir a verdade. Estou preso e não serei capaz de te resgatar se chegar a se encontrar com eles.*

– *Me resgatar?* – Joie quase gritou as palavras e seus olhos escuros chamejaram de indignação. Voltou à cabeça para sorrir com tranquilidade, para seus irmãos.

Gabrielle e Jubal trocaram um longo e divertido olhar, acostumados com Joie e suas divagações, quando estava atrás do rastro de uma nova caverna. Poucas pessoas eram tão aficionadas como sua irmã, em descobrir mundos mágicos sob a superfície.

– *Resgatar-me?* – Ela sibilou em sua mente. – *Só pode me morder, Traian. Tem alguma idéia do quanto é ruim para alguém como eu, ser tratada como uma mulherzinha adoentada que não pode se defender?*

– *Eu não me importaria em te morder.* - Desta vez sua voz ronronou com uma indireta sexual. – *Mas em outro momento seria melhor.*

Joie estremeceu, o calor se enroscava em seu íntimo. – *Se continuar com isto, meus irmãos vão pensar que estou louca e tenho responsabilidades. Bem, onde você está?* – Mechas de cabelo negro voavam por seu rosto, velando sua expressão a seus irmãos. - *E só para sua informação, Sir Galahad, não sou do tipo de "preciso que me resgatem". Então, supere isso, rápido. Deus! Primeiro vampiros e agora me resgatar. Você vai ficar calado e me deixará deduzir isto? Suponho que não queira me ajudar, me dar uma indicação ou duas, se é que realmente eles estão aí embaixo e sabem onde está a entrada.*

Jubal apoiou as costas na grama alta com as mãos atrás da cabeça, estudando as formações das nuvens. Não queria olhar os incomuns farrapos de névoa que pareciam enroscar-se ao redor das pernas de Joie enquanto ela caminhava cuidadosamente ao redor.

– *É como um cão rastreador depois da pista de um criminoso, Joie.* – Disse. – *Teria sido um grande detetive.*

– *Teria sido.* – concordou Gabrielle, com um pequeno sorriso e depois se concentrou nas brilhantes flores azuis, de pétalas simétricas. A formosa massa de flores era incomum, inclusive algo sinistro parecia estar sob a terra, a centímetros das suaves pétalas. Uma presença obscena e maliciosa. Olhando fixamente para as flores, Gabrielle juraria que a terra se elevou um centímetro mais ou menos, como se algo estivesse escavando sob ela. O vento soprou sobre a ladeira. Ela sentou-se, endireitando-se rapidamente, piscando.

– *O que foi isso?* – Perguntou Jubal.

– *Não sei. Por um momento pensei que vi algo se mover sob o chão. Este lugar me dá calafrios.*

– *Joie, vamos embora. Vamos daqui.* – Decidiu Jubal, estendendo um longo braço para segurá-la pela roupa. – *O Sol se pôs a um par de horas.*

Joie examinou cada polegada do topo e cada nicho de ambos os lados. A pedra

terminava em matagais e grama. Flores silvestres se elevavam para o sol. Joie entreteceu o olhar e caminhou tão perto como era possível, totalmente concentrada na superfície saliente e cada rangido e sombra.

– Nunca me senti tão perto em toda minha vida. Não acredito que possa ir, sem encontrá-la. – Admitiu honestamente. – Sinto muito, se os dois querem partir, se adiantem. Irei logo que puder.

Jubal e Gabrielle trocaram outro olhar.

– Claro que sim. Se deixarmos você aqui acima sozinha, desapareceria dentro de uma caverna. – Disse Gabrielle.

– Estraga prazeres. – Respondeu Joie.

– Qual é o nome desta cordilheira? – Perguntou Jubal ociosamente, mas seu olhar estava atento em Joie, enquanto ela explorava a superfície da rocha. – Mesmo os pântanos são belos. Se não fosse tão arrepiante estar aqui acima, poderia viver neste lugar. – Quando Gabrielle arqueou uma sobrancelha escura para ele, sorriu. – Poderia. Não preciso viver numa cidade. Tenho os mesmos gens que vocês dois. Simplesmente eu gosto de ter dinheiro, sabem disso? Preciso dele por vocês duas. Para lhes tirar de todos os problemas em que se metem.

– Bobo. – Disse Joie afetuosamente, embora não o olhou. – Tem dinheiro suficiente para se retirar desse estúpido trabalho seu e fazer algo útil com sua vida. Algo humanitário. Há uma pequena abertura que rompe a linha da pedra aqui. Há algo curioso nisto, Jubal, venha ver. Não tem sentido.

– Minha humanitária contribuição ao mundo é cuidar de vocês duas, caçadoras de emoções. – Assinalou Jubal enquanto ficava em pé. – Sem mim restando suas inclinações extravagantes, o mundo seria um lugar aterrador. – Ele levantou o olhar para a estranha névoa em movimento. – Como este lugar. – Aproximou-se devagar, para examinar a superfície do afloramento.

– Estamos nas Montanhas Apuseni, parte das Montanhas dos Cárpatos e é um pagão. – Informou Gabrielle a seu irmão. – Se prestasse a mínima atenção a algo que falo, saberia. E você não poderia deixar sua cômoda e luxuosa vida e viver nas montanhas, mais do que poderia nadar atravessando o Canal da Mancha. E, poderia acrescentar, que nós cuidamos de você.

– É! Eu posso nadar. – Objetou Jubal e percorreu com sua mão a pedra, franzindo o cenho enquanto o fazia. – Só porque eu não gosto de nadar, não significa que não possa. Não nasci com guelra como vocês duas. Ela encontrou alguma coisa, Gabrielle. Isto é um padrão, mas tem que ser... – Ele arrastou-se para fora, escavou com os dedos ao redor de várias pedras pequenas e começou a recoloca-las.

– Há uma surpresa. – Disse Gabrielle e ficou em pé também. O frio ar montanhês vibrava de excitação. – Sempre poderia vir e investigar algum vírus comigo. – Ela convidou-lhe, deslizando um braço ao redor de seu irmão.

– Sim. Eu adoraria, Gabrielle, porque estou louco e quero morrer de uma morte miserável, mas nobre. – Disse Jubal, alvoroçando o cabelo escuro de sua irmã. – Acredito que continuarei com minhas ações e bônus e deixarei as investigações todas para você. Olhem isto! – A abertura se alargou quando ele colocou a última pedra em seu lugar. – Isto foi feito pelo homem, não é natural. Demônios! Joie, não entre! – Ele pegou sua mochila e tirou um livro e cuidadosamente anotou a hora. – Estamos fazendo sozinhos uma exploração superficial e quase anoiteceu. Ninguém sabe que estamos aqui. – Murmurou ele, colocando o livro perto da abertura, quando sua irmã se deslizou para o interior.

Gabrielle pendurou sua equipagem e a seguiu.

– É extremamente estreito, Jubal. – Ela acautelou-se. – Me passe sua mochila. É a única forma de que consiga entrar.

Jubal deu uma última olhada para o céu, notando que as nuvens que estavam flutuando prazerosamente estavam agora se desfazendo, numa coleta de enorme força. Ele arranhou o peito quando manobrou através da abertura pontiaguda e atravessou a estreita entrada. Atrás dele, o vento se elevou num repentino uivo e açoitou a montanha, enquanto estranhos e fantasmagóricos lamentos ressonavam sobre as cristas. A névoa se formava ao redor do topo da montanha. Um pequeno tornado pegou o livro e o enviou revoando colina abaixo, até aterrissar em um dos muitos pântanos, onde afundou devagar, sob as escuras águas.

Joie se movia rapidamente através da estreita entrada, bem adiantada a seus irmãos. O teto baixava mais a cada passo e ela se via forçada a se inclinar, até se abaixar, ficar de quatro e depois a se arrastar. Podia sentir o ar frio chegando da câmara subterrânea. Tudo em seu interior exigia que seguisse adiante, mesmo quando tinha que

manobrar seu corpo em ângulos estranhos, para deslizar através do tunel.

– Mais devagar, Joie. – Acautelou-a, Jubal.- Fique à vista.

– Eu não gosto do jeito que ela está atuando. – Sussurrou Gabrielle. – Nunca a vi assim. Ela sempre obedece às regras de segurança, Jubal. Algo está realmente errado.

– Gabrielle se sentia doente, Seu estômago se revolvia, sua mente estava cheia de medo.

– Algo terrível vai acontecer se não a determos.

Jubal esperou, mas Gabrielle não se moveu, mantinha-se presa na estreita entrada, bloqueando o caminho.

– Siga adiante, Gabrielle. Vamos alcançá-la e falaremos sensatamente com ela. Ela esteve explorando cavernas durante anos. Não vai esquecer tudo o que aprendeu.

– Desde que foi ferida na Áustria, ela está diferente. – Assinalou Gabrielle. – Está distraída. Atropela tudo.

– Sempre foi muito concentrada quando entra numa caverna. E este é um grande descobrimento, uma caverna inexplorada. Não temos idéia do que vamos encontrar. É obvio que ela está excitada.

– Sabe que é mais que isso. Ela esteve diferente durante toda a excursão. Mesmo antes disso. Está calada. Joie não é calada. Agora parece estar em outro lugar, a metade do tempo. Sinto como se estivéssemos perdendo-a, Jubal. Como se algo a empurrasse para outro mundo aonde não podemos segui-la.

Jubal suspirou ruidosamente.

– Desejaria poder dizer que não sei do que fala, mas essa é a razão pela qual vim a esta excursão. Eu também estou preocupado com ela. – Ele estendeu a mão e aconchegou sua irmã. – Mova-se, nem posso ouvi-la.

– Não posso me mover, Jubal. – Gabrielle soava assustada. – Realmente não posso.

– Está entupida? – Jubal parecia muito tranqüilo, mas por dentro um escuro temor plainava sobre ele.

– Não. – Sussurrou Gabrielle. – Não posso me mover. Já ouviste alguma vez a frase "paralisada de medo?" Pois acredito que realmente estou.

Joie se empurrou para frente enquanto o teto se elevava, permitindo caminhar

uma vez mais. A entrada se abriu numa grande câmara.

– Ei! Vocês dois? Está bem melhor aqui. Há uma grande galeria. – Ela varreu com a luz da lanterna de mão, o lugar a seu redor. Só formações de estalagmitas rodeavam o grande abismo que se abria em meio à câmara. Ela escalou, enquanto de esforçava por apegar-se à realidade.

– Gabrielle! Jubal! Vocês estão bem?

– Nos espere, Joie. – Ordenou Jubal. – Gabrielle está com um mau pressentimento com isto e eu também. Acredito que deveríamos nos juntar e conversar. Isto pode ser mais problemático do que pensávamos.

Joie lutou para conter a risada que borbulhava nela, vinda de nenhuma parte.

– Falar disso? Agora ninguém tem mais problemas que eu, Jubal. Não posso retroceder. Tenho que fazer este descida ou viver numa cela acolchoada, o resto de minha vida. Não estou brincando.

Jubal pegou a perna de Gabrielle.

– Ela não está brincando, parece estar à beira da histeria. Mova a perna, Gabrielle. Agora.

Jubal raramente usava esse tom com suas independentes irmãs, mas obteve o efeito desejado. Gabrielle ofegou ante o fato de que seu irmão obviamente compartilhava seu crescente temor por Joie.

Joie se sentou à beira do precipício, olhando fixamente para baixo, para o negro abismo. Não levantou o olhar quando seus irmãos se uniram a ela. Jubal descansou as mãos sobre seus ombros. Gabrielle se sentou cautelosamente junto a sua irmã e segurou sua mão.

– Conte-nos o que está acontecendo, Joie? Sempre estivemos unidos. Não há necessidade de nos ocultar nada.

– Há antecedentes de loucura na família? – Joie continuava olhando fixamente para baixo, para o poço de escuridão. – Porque se há, alguém deveria nos ter advertido.

– Acredita que está louca? – Jubal se esforçou para entender. Joie era a que ria o tempo todo, a que levava tudo na base do humor. Iluminava o mundo com seu sorriso e certamente, nunca sofrera de depressão.

– Ouço vozes. Bem... – Ela corrigiu-se. – Uma voz. A voz. Todo o tempo. Temos conversas. Longas conversas. Às vezes muito intensas e às vezes cômicas. – Ela sentia o rubor crescendo sob sua pele e agradeceu que estivesse escuro na galeria. – Às vezes sexy. Encontro-me olhando fixamente para o teto todas as noites, para poder ouvir sua voz e passar tempo com ele. – Ela encolheu os ombros. – Tem até um nome. Traian Trigovise. Como pude inventar um nome como esse? Ele tem sotaque. Um sotaque europeu, muito sexy.

Gabrielle apertou seus dedos ao redor da mão de Joie.

– Quando começou tudo isto? Quando foi a primeira vez que ouviu a voz?

Joie permanecendo em silêncio. Nem Jubal nem Gabrielle falaram, esperaram por ela. Finalmente, ela suspirou.

– Quando fui ferida na Austria. Sabem o quanto odeio os hospitais. Quando me recolheram, levei a cabo meu pequeno ato de desaparecimento. – Ela olhou para seus irmãos. – Pensei que estava sonhando quando o vi pela primeira vez, que estivesse experimentando a projeção astral. Suponho que tive êxito, não sei. Acredito que nos conectamos, porque estávamos em meio a uma tempestade, em meio de uma batalha e feridos. – Ela os olhou, desamparadamente. – É a única explicação razoável para mim. Não foi embora. Posso ouvi-lo falando comigo, em minha mente. Encontrei algo importante nas cavernas. Já estava planejando uma excursão aqui com vocês dois, então imaginei que poderia ver se era real.

– Joie. – Repreendeu-a Jubal, gentilmente. – Comunicação telepática, com outra pessoa? Com alguém mais? Sei que nós podemos usar a telepatia, mas nunca conhecemos ninguém mais que possa fazê-lo.

– Realmente é tão desatinado? Posso levar a mim mesma a qualquer outra parte. Sei quando estou em perigo. Você é fantástico imitando e Gabrielle pode fazer todo tipo de coisas estranhas. Somos capazes de usar a telepatia uns com os outros. É tão desatinado pensar que outros possam usá-la também? Tenho que descer ali embaixo. Tenho que saber se é real, se ele está aí, nesse lugar. Sinto-o. Não posso explicar, mas é como se ele tenha deslizado dentro de mim e eu preciso dele. Preciso provar para mim mesma.

– Por que não nos contou isso em seguida, Joie? – Perguntou Jubal.

– Porque não quero que a voz se vá. – Admitiu Joie com total sinceridade. –

Fui a um médico. Disse que eu estava tomando um descanso da realidade. Esquizofrenia, provavelmente produzida pelo trauma do disparo. Não quis contar a ele que não era a primeira vez que me feria com uma bala, que não foi o pior ferimento nem será o último. Não tomei a medicação que ele me prescreveu. Pensei que não seria tão ruim viver em um mundo de fantasia, parte do tempo. Ainda funciono e faço meu trabalho. – Ele tentou sorrir. Seu senso de humor aparecia em meio à tão séria conversa. – Acham que haverá alguém que queira um guarda-costas esquizofrênico? Terão dois pelo preço de um.

– Vamos, Joie! Você não pode acreditar que esteja ficando louca. Você é... – Gabrielle parou para procurar as palavras corretas. – Você é você. Pode fazer tudo. É excelente em tudo. Não pode ouvir vozes.

Joie sorriu para sua irmã.

– Definitivamente estou ouvindo uma voz. Agora mesmo ele me está dizendo que saia daqui. Esta dizendo que isto é perigoso e que estamos todos em perigo mortal. Realmente usou a palavra mortal. Eu não uso essa palavra. Acreditam que tenho uma personalidade desdobrada? Sempre preferi atividades masculinas. Sempre fui uma espécie de Maria macho. Possivelmente seja meu lado masculino aflorando. E vocês sabem como funciona minha mente, ele é mais sexy que eu.

– Possivelmente sua intuição esteja dizendo que não faça a descida, Joie. – Acautelou-a Jubal. – Não planejamos isto adequadamente.

– Não tenho escolha.- Disse Joie, tristemente. – Não desta vez. Temos o arranjo. Temos as provisões, o que é preciso. Estamos todos vestidos apropriadamente. Posso baixar e dar um olhar ao redor. Se não voltar em algumas horas, podem ir buscar ajuda.

Gabrielle sacudiu a cabeça.

– Vamos todos, então. Estamos juntos, Joie. Se tiver que fazer isto, então faremos juntos, como sempre temos feito.

– Pois deveríamos deixar de falar e começar a nos mover. – Disse Jubal, decididamente.

Joie não ia mudar de idéia. Fosse o que fosse o que a compelia a esse abismo negro era muito forte para lutar contra. O que era pior, o temor estava ainda crescendo

em seu interior. Baixou o olhar para o buraco escuro. O mal espreitava perto e ela estava com o pressentimento de que iriam encontrar com ele, cara a cara.

Capítulo 3

– Joie, isto é muito estranho. – Disse Jubal sussurrando, com temor reverencial. Deu um giro de trezentos e sessenta graus, varrendo com sua luz, as paredes da galeria. A descida havia sido muito longa, mais ou menos sessenta e cinco metros. – Nunca vi nada como isto aqui. Que descobrimento! As formações de gelo são incríveis. Juro que vi já uma nervura de ouro em mais de um lugar. Há muitas cavernas e galerias para explorar.

Gabrielle se moveu cautelosamente ao redor de uma escultura de gelo, que se elevava como uma tocha do chão.

– Olhem isto! Quando dirijo minha luz para ela deste este ângulo, juraria que esta coisa tem pedras preciosas dentro. É tão brilhante como um diamante, mas reflete a luz como se fosse vermelha como um rubi. – Um movimento captou sua atenção e virou a cabeça para observar Joie, enquanto esta examinava o gelo glacial que formava a galeria. – Tome cuidado, suspeito que uma boa quantidade de vírus ainda desconhecidos para nós, poderiam estar em insetos e possivelmente no interior de cavernas como esta. Estes microorganismos vivem sem a luz e com poucos nutrientes, encerrados dentro do gelo, embora ainda com vida. Há abundante informação aqui embaixo.

Joie ignorou seus dois irmãos. Agora estava bem perto, quase podia senti-lo respirar. Em algum lugar neste labirinto de cavernas, ele estava esperando-a. Ardente. Zangado porque ela tinha desobedecido. Era real, não uma voz em sua mente, não uma parte de uma personalidade desdobrada. Era real, estava vivo e sofria. Podia sentir sua dor, estendendo-se através de seu corpo, batendo em sua mente.

– *Conte-me.* – Exigiu. Obrigando-o a tratar com quem era ela realmente, não com quem ele pensava que devia ser.

– *Diga aos outros que fiquem calados. Estão em perigo. Entrei em batalha com o mesmo inimigo três vezes desde que me encontrou na caverna. Estou prisioneiro e ferido, extremamente fraco. Não posso te ajudar muito na luta e o inimigo tem poderes que você não tem possibilidade de compreender.*

Joie lhe enviou uma imagem mental, revirando os olhos, com exasperação. – *Sinto o cheiro da fumaça em minha mente, mas normalmente não me encontro envolta em algodões, para me proteger de toda as pessoas perversas do mundo.* – Ela fez gestos a seus irmãos pedindo silêncio, internando-se facilmente entre as sombras. Moveu-se ao longo das cavernas com segurança, reconhecendo sua presença agora. Sabendo que estava se aproximando

dele. – *Duvido muito que vá precisar de sua ajuda, Bombom, mas o terei em conta. Quantos são?*

– *Há um amigo agora. Os outros voltarão alimentados e em forma depois de uma orgia de morte. Não quer enfrentá-los.*

– *Então suponho que será melhor tirar seu trajeiro de problemas e sair daqui.*

– Não age como nenhuma mulher que tenha conhecido.

– Obrigado. Gosto muito que diga isso.

Joie se deixou cair de joelhos e engatinhou através de uma estreita passagem em forma de tubo. Jubal e Gabrielle a seguiam muito de perto. A firme destilação da água recordava a Joie, o tamborilar dos galhos na noite do teatro quando haviam disparado nela. Havia um ritmo peculiar nas gotas, quase como se uma mão invisível, não natural, guiasse a descida da água. O tubo começou a ampliar-se, até que pôde ficar em pé outra vez.

Um som estranho e crescente assaltou seus ouvidos. Soava como um cruzamento entre uma hiena e um cão, grunhindo viciosamente. Imediatamente levantou a mão estendida atrás dela, indicando Jubal e Gabrielle que se detivessem, enquanto ela se aproximava mais. Utilizou uma alta coluna de pedra e formações de gelo como cobertura.

Traian estava literalmente parecido a uma parede de gelo. O sangue corria de cada ombro e pernas, onde afiadas e retorcidas estacas haviam sido introduzidas através de seu corpo, para lhe cravar como um inseto em uma madeira. Joie conteve o fôlego para evitar chorar. Não era estranho que pudesse sentir a dor irradiando dele. Sabia que Traian havia notado sua presença, mas não cometeu o engano de revelar sua posição. Observava à criatura que flutuava sobre ele, com olhos frios.

– Vejo-o nervoso, Lammont. – Observou Traian.

A criatura sibilo e sem preâmbulos, inclinou a cabeça sobre o pescoço de Traian cravando os dentes em sua pulsação.

Joie pôde ver facilmente os longos incisivos apunhalando a carne, algo que só vira em filmes. Deixou-se cair ao chão, arrastando-se sobre o estômago, usando os cotovelos para propulsar-se cruzando o solo entre duas colunas de gelo, para conseguir uma melhor posição de ataque. Ficou de joelhos atrás de uma grande formação de gelo, com o olhar fixo em seu objetivo.

– Ele é muito perigoso, especialmente agora que está cheio com o sangue de um antigo.

A voz de Traian estava calma apesar de que a horrível criatura estava lhe atormentando.

Joie olhava fixamente essa horrível coisa. Era alta e esquelética, a pele estava estirada ao redor do crânio, quase como se estivesse morta. Mechas do cabelo saíam rígidas, de uma curiosa cor entre branco e cinza, enquanto o resto do cabelo pendurava sobre a gordurosa e enrugada túnica. Bebia o sangue, manchando-se com ele, lábios e dentes, tudo isto enquanto emitia grunhidos com a garganta. Parecia mais um animal que um homem

– Minha família sempre me advertiu que se permanecesse muito tempo clandestinamente, poderia acabar com um troll. A risco de parecer superficial, tenho que dizer que não é muito bonito e não me atrai absolutamente.

Sua mão se moveu para a nuca, deslizando-se entre os ombros num movimento bem praticado, extraindo a faca que sempre levava.

A criatura levantou a cabeça alerta e percorreu com o olhar a grande galeria com olhos suspicazes. Joie permaneceu imóvel, sem respirar. O ar frio soprou através da câmara e tocou Traian e à criatura, com dedos gelados. Imediatamente Lammont pegou uma das estacas que cravavam a sua vítima no gelo.

– Nada de truques, antigo. Seu sangue nos pertence agora. Os outros voltarão logo com uma vítima para te obrigar a aceitar a oferta. Está muito fraco para resistir.

– O que é?

– É um vampiro. Um não-morto. E há outros. Deve pegar a sua família e sair daqui antes que os outros voltem.

Traian observava intensamente seu torturante. O vampiro se inclinou para mais perto, para o ferimento aberto na garganta de Traian. Seu hálito era um enjoativo vapor verde, enquanto lambia o sangue com uma grossa e escura língua.

– Poderia te matar neste instante. Uma estaca através do coração. – Ele elevou uma estaca de aspecto letal sobre sua cabeça e soltou uma gargalhada maníaca.

– Os vampiros são difíceis de matar. Só terá uma oportunidade. Vá pelo coração.

Joie lançou a faca com precisão mortal. Esta voou como um foguete cruzando a câmara e se enterrou profundamente no peito do vampiro. A criatura gritou. O som rompeu o gelo de tal forma que afiadas adagas se desprenderam do alto teto e choveram para baixo, como mortais projéteis. Joie lançou seu corpo sobre o de Traian, lhe protegendo da queda do gelo. O vampiro caiu, revolvendo-se grosseiramente, o som ressonou através da caverna e depois se fez um súbito silêncio.

Joie retrocedeu lentamente, tirando uma segunda faca, da proteção de sua perna.

– Não me pareceu tão difícil. Se quiser, darei uma lição nos outros dois.

– Por que demorou tanto? – Perguntou Traian.

Ela tirou lentamente as grandes partes de gelo, em volta dele, jogando-as para um lado.

– Equivoquei-me de direção. Já sabe como pode ser o trânsito nestes lugares. – Ela inclinou-se se aproximando mais para estudar uma das estacas que atravessavam seu ombro para lhe prender na parede. – Sinto te dizer isto, mas está metido em uma confusão. O que era tudo aquilo do machão me dizendo que ficasse de lado? Se me perguntasse, eu diria que está com uma séria necessidade de ser resgatado.

Traian arqueou as sobranceiras. Sua pele parecia pálida, e ele estava claramente fraco por causa da perda de sangue. Ferimentos desatendidos, de uma recente batalha, deixavam escapar mais de seu prezado fluido vital. Tremeu incontrolavelmente, incapaz de manter sua temperatura corporal. Seu cabelo era negro e estava manchado de sangue.

– Estou seguro de que teria acontecido alguma coisa. Ele tem amigos. Voltarão logo e quando a virem, não vão ficar muito contentes. E se não incinerarmos o corpo, ele se levantará novamente.

– Encantadora idéia. – Disse Joie e se voltou para manter um olho precavido, sobre o repulso cadáver. – Tem sorte de que viaje com um médico. Minha irmã Gabrielle está bastante louca, sempre esquadrinhando com um microscópio e nos ensinando que há parasitas na terra, mas tem certa destreza.

Assobiou brandamente para indicar a seus irmãos que entrassem na câmara de gelo.

Gabrielle evitou olhar para o vampiro enquanto estudava as adagas de gelo que

cravavam Traian à parede.

– Conhece pessoas estranhas, Joie. – Disse. – Nem sequer vou perguntar onde conheceu esse.

– Se tirar as estacas, ele sangrará até morrer? – Perguntou Jubal.

– Faça de uma vez, antes que os outros voltem. – Advertiu Traian. – Ou morreremos todos. Os vampiros são muito perigosos. Tiveram sorte.

Joie falou indignada.

– Fui rápida, precisa e muito boa. Não há necessidade de sentir-se inferior. – Ela fez um sinal a Jubal enquanto lançava um sorriso presunçoso a Traian. – Tenho um dom.

Jubal pegou a estaca do ombro direito de Traian com ambas as mãos e a puxou com todas as suas forças. O sangue jorrou, mas Gabrielle pressionou as mãos sobre o ferimento aberto.

– O estojo de primeiro socorros de primeiros socorros está em minha bolsa, Joie, mas não sei como vamos levá-lo a superfície. Ele precisa de sangue, tão rapidamente como é possível.

– Saíamos daqui. – Ordenou Traian. – Realmente temos que nos apressar.

– Faça o que ele diz, Jubal. – Joie captou a sensação de urgência emanando de Traian. Pequenas linhas brancas se estavam desenhando ao redor da boca perfeitamente esculpida. – O vampiro está se retorcendo. – Para seu horror, a faca estava vibrando, meneando-se para trás como se emergisse lentamente da carne putrefata. – Rápido... Podemos ter um pequeno problema com este bonito. Parece que está voltando para a vida.

– Cubra meus ferimentos com barro. Rápido. – Disse Traian.

Joie não queria afastar os olhos da horrível criatura, mas a escura compulsão na voz de Traian, a alarmou. Gabrielle obedeceu. Ela sempre tão meticulosamente cuidadosa sobre gérmenes e organismos, encheu as mãos de terra e antes que Jubal pudesse detê-la, colocou-a sobre o ombro de Traian e o resto dos buracos abertos em sua carne.

Sem advertência, Traian alongou o braço e arrastou Jubal mais perto dele,

murmurando algo que Joie não pôde captar. Inclinou a cabeça para a garganta exposta de Jubal. Nem Jubal nem Gabrielle protestaram, permaneceram os dois calados, como cativados.

A fúria ardeu em Joie.

– Demônio chupasangue! Toque-o e está morto! Não estou brincando. Solte-o ou te arrancarei o coração. E não tente utilizar sua voz comigo, porque não funciona. – Enquanto vociferava as palavras em uma voz baixa e ardente, moveu-se para pegar a faca, enquanto tentava manter ao vampiro à vista.

– Se não consigo sangue, todos vamos morrer. – Disse Traian com calma. Olhou-a, seu olhar era firme e honesto.

Ela deixou escapar o ar entre os dentes, enquanto segurava Gabrielle e o afastava dele, para colocá-la as suas costas.

– Solte-os, agora.

– Só temos alguns minutos.

– Então não esbanje o tempo. – Sua mão não tremia. Nem tampouco seu olhar.

Traian falou brandamente com o Gabrielle e Jubal e ambos reagiram imediatamente, Jubal se apressou a ficar a salvo.

– Diga-nos que está acontecendo. – Disse Joie. – Não é como se vissemos um zumbi aqui no chão, fazendo uma lamentável imitação de Drácula.

– Sou um Cárpatos, sou da Terra. Todas as histórias que te contei eram certas, não eram para te entreter. Vivi as batalhas e eles não são ficção. Preciso de sangue para sobreviver, mas não matamos para subsistir. Lutei contra vampiros durante centenas de anos. – Sua voz era tão firme como seu olhar. – Este se levantará novamente e tem amigos. Não posso detê-los, não sem sangue para recuperar minhas forças.

Jubal pegou Joie e tentou arrastá-la para trás, longe do homem ferido. Ela levantou sua mão.

– Ele está dizendo a verdade, Jubal. Posso sentir que eles se aproximam... Você não? – Ela passou a faca para seu irmão, ignorando o tremor de sua mão. – Se estou cometendo o maior engano de minha vida, espero que me vingue.

Caminhou para onde Traian permanecia desabado contra o gelo azul, jogando

para trás a cabeça.

– Vamos, mas lembre-se que meu irmão acerta no alvo, sempre.

Traian a tocou então, envolvendo a mão com seus longos dedos e arrastando-a lenta e inexoravelmente para ele. O coração do Joie pulou um batimento e depois começou a palpitar. Se era de medo ou de excitação, ela não sabia. Só sabia que sua boca estava seca e seu interior tomado de considerável alarme. Os olhos dele se tornaram escuros, concentrados completamente nela, cegos a todo o resto. A qualquer outro. Aconchegou-a ao seu grande corpo.

Joie sentiu cada músculo, forte e definido, arrepiado de poder. Deveria estar cheirando a suor e sangue, mas sua essência era masculina, limpa e incitante, sexy. O mundo parecia ter desaparecido. O perigo já não importava. Seus braços deslizaram em volta dela, mantendo-a tão perto que seu coração pulsava com o mesmo ritmo que o dele. Ela colocou a mão sobre seu peito e sentiu coração pulsando com força contra sua palma. Levantou o olhar para ele e ficou instantaneamente perdida na ardente intensidade do que viu.

Havia uma tormenta de emoções entre eles, algo selvagem, como um vendaval bramando sobre a superfície. Hipnotizada, ela só podia fitá-lo. As pontas de seus dedos tocaram o cabelo de sua nuca, enviando fogo através de sua corrente sanguínea. Onde ele havia sido impessoal e brusco com Jubal, foi gentil, inclusive atento quando se aproximava mais de Joie. Inclinou a cabeça para a dela.

Gabrielle soltou um pequeno grito de protesto, avançando para eles com toda a intenção de detê-lo. Traian levantou a cabeça, seus olhos reluziram com uma estranha e feroz chama vermelha, paralisando-a no lugar.

Seus braços de enroscaram ao redor de Joie, possessivamente até que ela quase desapareceu, completamente fundida em seu abraço. Havia algo de muito protetor, inclusive de predador em sua postura.

Seus lábios roçaram a pele de Joie. Ela sentiu. Como toque das asas de uma mariposa, nada mais e esse leve toque provocava um calor que se propagava por todo seu corpo. Ele beijou seus olhos até que os fechou. As sensações se intensificaram. Ele sussurrou em sua mente, uma íntima e suave letânia de palavras de um idioma antigo. Sua voz a envolvia em veludo, num feitiço erótico de encantamento, que ela gostosamente abraçava.

Joie sentiu o hálito quente em sua nuca. A língua dançando sobre sua pulsação. Seu corpo inteiro sentiu, cada músculo se contraíu sem fôlego. Esperando, desejando. Os lábios flutuaram sobre sua nuca enviando ondas de calor e lhe debilitaram as pernas. Um braço seu, por sua própria conta enroscou em volta da cabeça dele, trazendo-o para mais perto, embalando-o para ela. Relâmpagos ardentes penetravam em sua pele. Enviando látegos de energia branca a sua corrente sangüínea, um prazer que beirava a dor. Nada a preparar para o fogo erótico que penetrou seu corpo. Deixou escapar um suave gemido e moveu-se impacientemente contra ele.

Traian a aconchegou, imprimindo seu corpo no dela, sentindo cada exuberante curva e cada suave e arredondada linha. Sua companheira. Esperara tanto por ela. Resistindo a tudo. Agora, não estava lhe proporcionando um escudo que a protegesse. Ela sabia exatamente o que estava fazendo e ainda assim o aceitava. Ela aceitava sua necessidade de sangue. Sangue que atravessava seu corpo com a força de um ciclone. Sangue que se induzia a suas reduzidas e famintas células. Seus tecidos, músculos e órgãos danificados exigiam sustento. Desejava saborear o momento, saborear o primeiro toque de sua pele.

Mesmo enquanto Traian lutava para manter o controle, cuidava em cobrir o horrorizado olhar de sua irmã, cuidava em cuidar o vampiro no chão, pois temia que o não-morto se retorcesse para se levantar novamente e os dois vampiros irrompessem através do labirinto de cavernas para lhes alcançar antes que pudessem escapar. Tirou de Joie só o que precisava para ter forças quando chegasse o momento da batalha. Não podia arriscar-se a deixá-la muito fraca, para defender a si mesmo. Podiam ter mais de uma escaramuça com os não-mortos, antes de sair do labirinto de cavernas.

Cortesmente, quase reverencialmente, deslizou a língua sobre as incisões, para fechá-la.

– Obrigado, Joie.

Seus braços a sustentavam, seu corpo suportava o peso do dela.

Ela estremeceu enquanto elevava as pálpebras para estudar sua face. Em seguida, ficou sujeita nas profundezas de seus olhos.

– Não foi nada.

– Odeio ter que interromper este festim de amor do que estão desfrutando os dois, – soltou Jubal. – mas temos um pequeno problema. A faca acaba de cair fora do

peito da coisa morta e ela está começando a se revolver. Não é uma visão agradável.

A voz de Jubal rompeu o feitiço que Traian parecia ter tecido ao redor de Joie. Ele liberou seu olhar com esforço e olhou para a criatura que rasgava o chão da caverna.

– Parece zangado. – Observou.

Capítulo 4

– Não é o único. – Concordou, Traian. – Seus amigos se aproximam rapidamente e têm o assassinato em mente.

O vampiro lutou para sentar-se no chão. Sangue e saliva corriam por seu queixo. Seus olhos vermelhos estavam fixos em Joie, com uma mistura de ódio e temor.

Ela o olhou.

– Que diabos tem feito com minha faca, demônio? Tem a mínima idéia do quanto custa uma faca como essa? – Ela estendeu a mão para Jubal, exigindo a faca que havia lhe dado. – Dê-me isso. Acredito que vou precisar.

Traian a colocou com firmeza, atrás dele e indicou para que Jubal e Gabrielle se movessem para longe do vampiro. Eles fizeram-no, cuidadosamente. Este estava emitindo horríveis ruídos, seus pés abriam profundas gretas no gelo.

Jubal estendeu a faca a sua irmã.

– Vamos embora daqui enquanto possamos. Acredito que não quero me encontrar com nenhuma dessas coisas, outra vez.

– Eu estou fingindo que nunca me encontrei com uma. – Disse Gabrielle, firmemente.

Joie observou Traian, atentamente. Ele parecia estar reunindo algo invisível em suas mãos. Podia sentir a acumulação de energia na câmara. A galeria estava agora temperada, a destilação da água aumentava dramaticamente. Entre as palmas de Traian, brilhou luz. Uma luz brilhante e alaranjada, que emitia calor. Parecia apenas menor que uma bola de basquete e a energia se enroscava e fiava.

O vampiro gritou, tentando se levantar, enquanto apunhalava o ar com suas garras rapidamente, emitindo uma chamada. A bola abandonou as mãos de Traian, lançando-se através da câmara para passar limpamente através do peito do vampiro, deixando atrás de si, um buraco aberto onde estivera seu coração. A criatura caiu no chão, enfraquecida e imóvel, Um asqueroso mau cheiro invadiu a caverna.

– Um truquito muito útil. – Observou Joie. – Tem que me ensinar a fazê-lo.

Traian esboçou um sorriso.

– Finalmente algo te impressiona.

Um terrível uivo, como o de uma corja de demônios, ressonou através das cavernas subterrâneas, enviando calafrios pela espinha de Joie.

– Acredito que essa é nossa entrada para sair.

– Podemos escalar? Como saberemos onde eles estão? – Perguntou Gabrielle, ansiosamente.

– Que demônios são? – Exigiu Jubal.

– Vampiros. – Respondeu Traian. – E vêm a nós. Temos que sair daqui agora. – Assinalou uma pequena abertura na parede de gelo. – Por aqui. Selarei-a depois que sairmos. Não os deterá, mas os atrasará.

Gabrielle não esperou um segundo convite. Pegou sua mochila, mergulhou na fenda e escorregou para baixo, pelo tobogã de gelo. Jubal começou a dizer algo, mas pensou melhor e a seguiu dentro do túnel de gelo.

– Em todas as nossas conversas, não te ocorreu mencionar alguns feitos pertinentes, tipo como que é uma classe peculiar de homem que gosta do sangue e tem vampiros e outras criaturas míticas a seu redor? Poderia ter mencionado, pelo menos uma vez, que não estava me contando agradáveis e nem história para dormir, mas que isto era seu modo de vida. Não acreditou que pudesse ser importante no grande esquema das coisas? – Joie arqueou uma sobrancelha para Traian.

– Considerando seu temor de estar ficando louca. Ocorreu-me que se começasse a te falar que os vampiros eram reais e não ficção, poderia acabar suicidando-se. – Seu sorriso foi lento e incrivelmente sexy enquanto dava um passo atrás para permitir a dianteira a ela. – Precisaré de sua mochila. Podemos ficar presos aqui a maior parte da noite.

O tobogã de gelo era frio depois do inesperado calor que Traian tinha gerado na câmara. Antes de poder desaparecer para baixo deslizando-se, ele a sujeitou entre seus braços, apertando-a contra seu peito. Escalou o tobogã, sentou-se com ela no colo e se empurrou dentro do tubo espiral.

Joie deslizou para baixo, no interior de um sorvete de gelo azul e cristal, sabendo que ele tinha razão. Teria se suicidado ante a mera menção de vampiros.

– Ainda poderia. – Murmurou ela. – Não acredito que ter um noivo com uma fixação para morder peçoços, seja muito sadio.

– Noivo?

Ela ouviu genuína diversão em sua voz.

– Nunca antes tinha sido o noivo de alguém. – Ele escondeu o rosto no calor do pescoço dela. – Disse a você que não viesse. Não tenho a certeza de conseguir tirar sua família daqui com vida. Há algo nesta caverna que os vampiros estão decididos a encontrar. Ou proteger.

Seus braços a mantinham aconchegada contra ele. Seu corpo protegia o dela do frio, das lascas de gelo e das duras e afiadas farpas que pudessem penetrar na pele. Ela se estendeu, segurando-se numa grossa braçadeira cristalina, até que pararam.

– Esta formação não é inteiramente natural, é Traian?

Com um barulho tremendo, pedras caíram pelo túnel em volta deles. Traian se virou. Joie sentiu a onda de energia, de calor e poder. Abriu sua mente instantaneamente a ele, enchendo-o com sua força e sua energia, compartilhando generosamente tudo o que tinha, tudo o que era. O impulso deveria tê-la aterrorizado. Não o fez. Pertencia a ele. Mente a mente. Estavam conectados de uma forma que não podia entender, mas sentia que era certo. Não estava acostumada a confiar em outras pessoas, fora Gabrielle e Jubal. Era reservada por natureza e sempre muito cuidadosa com as relações próximas. Apesar disso, no momento em que ouviu a voz de Traian, no momento em que pousou seus olhos sobre ele, mesmo quando pensava que era uma fantasia, soubera que de algum modo, ele era parte dela.

Abaixo deles, ouviu Gabrielle gritar quando os insetos a alcançaram. Jubal murmurou, consolando-a. Sobre eles, um grito de raiva e ódio anunciou que os companheiros do não-morto haviam encontrado o corpo sem vida. Traian começou a cantarolar com voz suave, suas mãos moveram rapidamente num padrão que Joie não foi capaz de seguir. Os movimentos era imprecisos devido a sua incrível velocidade.

– Vamos. – Ordenou ele soltando suas mãos, para que pudessem deslizar-se para o fundo.

Podia ouvir o ameaçador ranger do gelo. O tubo sobre suas cabeças estava gretado com um padrão de estrias que se estendiam rapidamente para fora. Na entrada, o gelo começava a cair a grandes partes, alguns deslizavam para baixo, batendo neles. Traian desceu na terra, com o Joie entre seus braços.

– Rápido! – Chamou Jubal e Gabrielle.

O ruído estava crescendo atrás deles, um grande rugido, um estrondoso trovão enquanto o tubo caía sobre si mesmo. A terra tremeu sob seus pés e um ameaçador retumbar emanou das paredes e o teto que os rodeavam. Jubal pegou a mão de Gabrielle e seguiu Traian numa exaustiva carreira através da estreita entrada.

Joie se segurou em Traian, sentindo-se um pouco tola ao ser levada em braços, quando ele estava tão horrivelmente ferido, mas o homem nem sequer respirava com dificuldade. Afiadas adagas de gelo caíam do teto, enquanto eles se apressavam a percorrer o túnel. Por várias vezes, Traian desviou um míssil letal enquanto corriam pelo caminho bem definido. Depois, deteve-se abruptamente e Jubal correu até ele. Lentamente Traian permitiu Joie ficar sobre seus próprios pés. Seu braço permaneceu em volta dela. Estavam à beira de um precipício. Uma ponte muito estreita, construída de gelo e pedras era a única forma de atravessá-lo. Parecia perigosamente estreita em alguns pontos e tinha um buraco óbvio em um dos lados.

– De onde saiu isto? – Perguntou Jubal. – Isto não é uma ponte natural. Quem poderia ter escavado algo assim? Podemos cruzá-la?

Traian o estudava cautelosamente. Sacudiu a cabeça.

– Começo a temer que acabamos em uma caverna em que não gostaríamos de entrar. Temo que esta ponte é um convite à morte. Uma armadilha.

Jubal o olhou fixamente.

– Se souber de algo, conte-nos.

Pegando a mão de Joie ele a afastou de Traian. Ela já estava olhando para cima, procurando outra forma de sair.

– Joie, afrouxe um minuto. – Ordenou Jubal. – Não entendo o que está acontecendo aqui, mas posso te dizer que este homem é perigoso. Não o conhecemos e não precisamos nos associar a ele. – Ele estava empurrando-a para trás dele e mantinha o olhar frio, deixando claro que estava preparado para proteger sua irmã de um óbvio predador. – Por que vamos confiar em sua palavra?

Traian virou a cabeça, seus olhos brilhavam ameaçadores. Fez-se silêncio. Joie apertou os dedos na mão de seu irmão.

– Acredito que podemos falar disto em ocasião mais oportuna. Possivelmente

quando os demônios do inferno não estejam nos caçando.

– Te ocorreu que ele é um deles? – Exigiu Jubal, olhando para Traian. – Bebeu seu sangue, Joie. Isso deveria te dizer alguma coisa.

– Diga a ele que sou diferente. Não totalmente humano. O fato de que não o tenha matado... Ou a voce, já que estamos... Diga-lhe, que não sou um vampiro. – Traian falou tranquilamente. – Não permitirei que ela sofra nenhum mal.

Joie fez um movimento para passar por seu irmão, mas ele a interceptou, dando mais um passo e permanecendo entre ela e Traian. Ela o enfrentou.

– O que acontece contigo? Não vai se fazer de macho estúpido comigo, não é, Jubal? Quero-o profundamente, mas não pode agir assim comigo. Não viu essa coisa? Temos que sair daqui e Traian conhece o caminho. – Conhece o caminho, certo?

Gabrielle deslizou a mão na de sua irmã.

– Tenho medo, Joie. Tenho o terrível pressentimento de que todos vamos morrer.

– Os vampiros estão emitindo medo e imagens de morte para alimentar seus temores naturais. – Explicou Traian. – Às vezes caçam nestas cavernas. A rede é muito grande e como podem notar, não toda naturalmente formada. Tento encontrar o que estão procurando. O que querem e se o encontrar, não beneficia nem à raça dos Cárpatos nem a dos humanos.

Jubal acenou para a fila de ferimentos no peito de Traian.

– Teve umas quantas brigas com eles.

Ele assentiu.

– Sim. Notei mudanças em seu comportamento. Agora os vampiros estão agindo em grupos. Normalmente andam sozinhos ou ocasionalmente um professor vampiro usa um dos mais novos como isca em suas batalhas, mas ultimamente parecem organizados.

Jubal deslizou uma mão pelo cabelo agitado.

– Sinto como se estivesse perdendo a cabeça. Os vampiros são criações de Hollywood, criaturas de filme. Não são reais. – Ele olhou fixamente, mas com certa dificuldade, para a boca de Traian, tentando ver seus dentes. – Vi você morder o

pescoço de minha irmã e pelo que me concerne, isso o coloca na categoria de vampiro. Você vai por seu caminho e nós pelo nosso e fingiremos que nunca o vimos.

O olhar de Traian deslizou sobre o Jubal, seus reluzentes olhos tomaram um peculiar brilho vermelho. Notou a postura agressiva de Jubal e como ele apertava os punhos.

– Acredita que pode lutar comigo? Não há forma de você ganhar. Sou mais poderoso do que possa imaginar, tanto como são os vampiros. Ainda não entende o perigo em que está.

– Não parecia tão poderoso, enquanto aquela coisa horrível o tomava para jantar. – Desabafou Jubal.

– Um ponto a favor dele, Traian. – Disse Joie. – Mas não temos tempo para discutir isso agora.

Podia ouvir um ruído acompanhando a destilação da água. Um tamborilar suave, como ramos tropeçando umas nas outras, ao vento. Deixavam-na nervosa.

Não houve advertência. Um momento antes Traian estava em pé, junto a eles e no seguinte, um enorme e peludo lobo negro com uma fila de dentes letais estava em seu lugar, com os olhos enfocados sobre Jubal. Gabrielle gritou e afastou-se para trás. Jubal se estendeu para alcançá-la, arrastando-a para longe do abismo, a relativa segurança do animal que grunhia.

Joie rodeou o pescoço do lobo com o braço livre.

– Absolutamente impressionante, mas não é algo que queira levar a casa a mamãe. – Seu coração estava pulsando tão ruidosamente, que soava como um tambor em seus ouvidos e sua boca estava seca.

– *Não tem necessidade de me temer. Nunca te faria mal.*

– Por que acredita que tenho medo de você? – Exigiu Joie – Não o temo. Estou tentando te manter sob controle

– *Pode ter algo a ver com a faca que estas segurando contra minha garganta.* – Disse Traian casualmente, com uma leve diversão na voz, como se a lâmina que ela pressionava firmemente contra ele, não importasse.

E isso a assustou mais do que o fato de que ele pudesse mudar de forma, para

se converter em um predador. Baixou o olhar para o braço enroscado ao redor do pescoço dele. O pelo era espesso e suave e seu braço estava quase enterrado nele. Mas podia sentir o cabo da faca em sua mão. Deixou escapar o ar e lentamente afrouxou a faca de sua garganta.

– Só estava me assegurando de que você estava prestando atenção. – Disse enquanto deslizava a faca de volta em sua bainha.

Traian voltou tranqüilamente, a sua forma verdadeira.

– Quantas armas você tem? Parece ser um arsenal ambulante

– Você é um arsenal ambulante. – Acusou Jubal. – Joie, como pôde se misturar com ele? E obviamente estas falando com ele, telepaticamente.

Joie estalou em gargalhadas.

– Está sendo acusador, Jubal. Contei a você que estava falando telepaticamente com ele. Nós três fazemos isso. Não finja que é tão estranho para nós.

– Temos que trabalhar para isso. – Queixou-se Jubal. – Você parece se comunicar com ele sem esforço.

– Jubal, podemos discutir tudo isto mais tarde, quando estivermos bem longe daqui. – Disse Joie. – Esse ruído de tamborilar está me deixando louca. Eu não gosto do ritmo, não é natural.

– Quero sair daqui. – Disse Gabrielle. – Joie, nos encontre uma saída.

Sua voz tremia e ela estava amedrontada.

– Vamos sair. – Disse Joie com confiança. – Se os dois machões deixarem de bater no peito. – Lançou um beijo a seu irmão. – Já arrumaremos isto.

A destilação da água era cada vez mais insistente. Ela olhou ansiosamente para Traian. Algo estava errado e ele sabia. Ela sabia.

– Os ajudarei a atravessar e voltarei para pegar você. – Disse Traian a Joie. Não tinha sentido tentar pegar primeiro sua companheira. Estava claro que ela nunca iria sem os outros e ele não queria perder tempo discutindo. Estendeu a mão para o Gabrielle. – Venha comigo.

Ela não o olhou, mas para sua irmã.

– Confia nele, Joie?

Joie levantou o olhar para Traian, notando as linhas gravadas no rosto forte e eterno. A escuridão profunda de seus olhos. Olhos velhos. Olhos que viram de tudo. Ele era um homem que vivia sozinho há tempo. Ela estava olhando para um guerreiro. Um homem de honra. Joie estendeu a mão para acariciar ao longo de seu queixo, com a ponta dos dedos. O toque o sacudiu. Sacudiu-a. O desejo se fechou de repente em seu interior, uma pontada que sacudia sua existência. O calor tomou seu corpo. A eletricidade fluiu entre eles, chamejando e acendendo suas veias. Compreensão instantânea. Sorriam um ao outro, em mútuo entendimento.

– Confio nele, minha vida, Gabrielle. Mais importante ainda é que confio nele, suas vidas. Por favor, vá com ele. Estou com esse mau pressentimento que sempre aparece quando estamos em perigo.

Gabrielle segurou a mão de Traian, permitindo-o atrai-la para ele. Todos olhavam Jubal.

– Demônios, Joie! Sou seu irmão maior e o homem aqui. – Murmurou, sacudindo a cabeça, mas acidiu obedientemente junto a Traian.

Traian se inclinou para segurar o queixo de Joie.

– Voltarei imediatamente. Não tente combater o inimigo. Não devem, de forma alguma, colocar as mãos sobre você. – Havia uma urgência subjacente em sua voz. Seus olhos escuros olhavam-na, fixamente. – Mantenha-se a salvo, Joie. Preciso que esteja a salvo.

Ele estava tomando a sua família para salvá-los por ela, quando tudo nele exigia tomá-la primeiro. Joie estendeu seu olhar imediatamente, reconhecendo o quanto era difícil para ele, fazer o que era importante para ela, apesar de si mesmo. Havia uma tormenta de emoções batendo em seu interior, apesar de seus traços permanecerem tranqüilos. Só seus olhos ardiam com intensidade. Com posse. Com promessas. Com paixão.

Sua boca se fechou sobre a dela, num beijo duro que estabelecia sua reclamação. Sua posse.

Nesse beijo ele lhe disse que queria tê-la e nada se inseria em seu caminho. Ela sentiu o corpo tremer e saboreou sua paixão, saboreou seu medo por ela.

Ele afastou-se bruscamente, transformando-se numa criatura alada, meio homem e meio pássaro, levantando seus irmãos com facilidade como se não fossem mais que crianças e voando através do abismo para a escuridão, onde ela já não pôde mais vê-lo.

Joie estava sozinha no lado esquerdo do precipício, com a escuridão pressionando sobre ela. Com o estranho tamborilar rítmico e a destilação da água. Com o coração martelando no peito e a boca seca. Virou-se para o som, iluminando com a luz de seu capacete, para ver o que estava atrás dela.

Nos pequenos limites, podia ver a água gotejando ao outro lado da caverna. Não era clara, mas de um amarelo leitoso e se recolhía em uma poça maleável. Moveu-se cautelosamente, colocando-se de forma que mantinha um olho sobre o que estava se recolhendo ali. Algo perverso. Algo vivo.

A água ondeou em resposta a uma escura perturbação sob a superfície. A poça escureceu com uma substância oleosa, rebelando dois olhos vermelhos que brilhavam com terrível malevolência. Um calafrio tomou seu corpo. Os cabelos de seus braços se arrepiaram.

– *Truian.*

Automaticamente, sem um pensamento consciente, estendeu-se para ele, mostrando o charco com seu macabro segredo.

– *Saia daí! Saia de sua linba de visão, Joie.*

Capítulo 5

Joie voltou à vista para os chamejantes olhos vermelhos com horror, incapaz de afastar o olhar. Os olhos eram reais, observavam-na, alguma terrível aparição que se propunha destruí-la. Nunca tinha visto tanta malícia e um ódio tão negro, emanar de alguma coisa. Seu corpo rebelou, adoeceu pela maldade que surgia da espessa lama.

Ante a advertência de Traian, tentou afastar o olhar, mas estava presa, incapaz de romper o contato visual com as vermelhas chamas. Suas vias aéreas começaram a se estreitar, afogando-a num laço invisível. Instintivamente suas mãos foram para a garganta, como se pudessem encontrar os dedos invisíveis que aprisionavam seu pescoço, mas não havia nada ali. Quando relampejaram estrelas brancas sobre em sua mente, Joie notou aturdida que tinha alguns preciosos segundos para romper o aperto invisível. Alcançou sua faca num movimento simples e num tiro dirigido pelo puro desespero, lançou sobre a poça peçonhenta.

A lâmina afundou profundamente no ardente olho esquerdo. Imediatamente, a água borbulhou gotejando vermelho e negro e a garra sobre sua garganta relaxou, permitindo-a respirar. Um terrível uivo encheu a caverna, assaltando seus ouvidos. Tropeçou, afastando-se do venenoso charco, enchendo de ar seus pulmões, tossindo enquanto sua maltratada garganta protestava.

No momento seguinte Traian estava segurando-a em seus braços e seu corpo se apertava contra o dela, suas mãos moviam sobre ela, assegurando-se que estava ilesa. Quando a elevou, ela se apoiou contra sua força, sem se incomodar em fingir que o encontro não havia agitado-a. Ele se moveu rapidamente através do ar. Estavam tão rápidos, que o ar frio a golpeio seu rosto, intumescceu seus braços e arrancou lágrimas de seus olhos. Abrigou o rosto contra seu peito, permitindo-se uns poucos momentos, para se recuperar, antes de enfrentar seus irmãos.

– Está-me ensinando o significado da palavra *medo*. – Disse ele.

– Sério? Eu pensava que era ao contrário. Não acredito que seu mundo seja o ambiente tranqüilo que uma mulher como eu deva desfrutar. – Sua voz tremeu, envergonhando-a.

– Ter valor não significa não ter medo.

– Certo, mas ninguém tem que saber que eu estava tremendo em minhas botas.

Literalmente.

– Eu não sou ninguém. Ainda não posso acreditar que você seja real. – Disse ele, amorosamente e seus lábios moveram sobre sua face. Um toque sutil, embora ela o sentiu por todo corpo. Essa pequena carícia, apressadamente enviou sangue através de suas veias, seu coração bateu forte no peito. Seu toque a reconfortava, como nada reconfortara antes.

– Estou tendo dificuldades para acreditar que tudo isto seja real. – Admitiu Joie. – E o que aconteceu com o lobo? Telepatia? De acordo, posso até aceitar isso. Inclusive seu pequeno e estranho fetiche com sangue, mas não acredita que se transformar em animais e voar através do espaço poderia ser um pouco demais?

Seus braços a apertaram possessivamente.

– Não gosta de voar?

– Não gosto de nada quando não tenho o controle completo. E você não tinha que intimidar meu irmão.

Seus braços estavam enroscados ao redor dela, pressionando a parte inferior de seus seios.

– Não terá o controle completo quando eu te fizer amor, Joie. – Disse-lhe ele, suavemente, com voz rouca.

Ela fechou os olhos para o aveludado som de sua voz. O perigo os rodeava. Sua família estava perto. Não parecia importar. Era consciente dele e seu corpo doía com a necessidade. Com a fome. Com o desejo absoluto. Sentia-se no limite e quente, com uma terrível pressão estava crescendo em seu interior.

– Eu me sinto igual.

Com frequência, ela falava com seu irmão e sua irmã usando a telepatia, um segredo que compartilhavam, mas com ele era diferente. Era muito mais. Uma intimidade que sussurrava sobre noites eróticas e apetites que algum dia se saciariam.

– *Por quê? Por quê você?*

– Sou sua outra metade. Pertencemo um ao outro. Estive te buscando por todo o mundo. Esperando por você.

Joie era uma mulher que se conhecia bem. Uma yonkie da adrenalina. Uma

feminista. Uma crente da justiça. Adorava sua vida, viajando de país em país. Um caso depois do outro, levando-a ao coração do perigo. Em seu descanso, passava escavando, fazendo rafting ou esquiando. Não era uma mulher que quisesse ou precisasse de um homem. Não era uma mulher que se prendesse a um homem.

Joie levantou o olhar para Traian, a luz em seu capacete brilhou sobre sua face. Este homem mudara toda sua existência para sempre.

– Não estou totalmente segura de te aprovar.

A risada retumbou em sua garganta.

– Felizmente, sua aprovação não é estritamente necessária. Os companheiros simplesmente são. Não temos escolha neste assunto. Somos como dois ímãs que não podem se separar.

– Genial. Não sei nada sobre você exceto não posso te levar a casa de meus pais. Minha família é muito unida, a propósito.

Ele a colocou cuidadosamente em terra firme. Jubal e Gabriel se apressaram para ela, rodeando-a com seus braços e apertando-a firmemente.

– Não tinha notado. – Disse Traian, divertido. – Não estamos a salvo. Temos que nos manter em movimento.

– Espere, Traian. – Objetou Jubal. – Encontramos algo. Algo que parece ser realmente importante. Disse que esses vampiros perseguiam alguma coisa, certo?. Tem que dar uma olhada nisto. Nunca tinha visto nada parecido.

Traian não havia deixado à mão de Joie, mesmo quando seus irmãos a arrastaram para eles.

Ela se sentia um pouco tola, lhe dando a mão... Na verdade, nunca tinha feito isso, nem sequer no instituto. Mas havia algo de quente e confortável, algo extraordinário em estar perto de Traian.

– Pode me levar para a casa de seus pais. – Disse-lhe ele suave e honestamente, enquanto seguiam Jubal e Gabrielle através da estreita entrada. – Nunca envergonharia você ou os assustaria. Quero conhecê-los. Qualquer pessoa que seja importante para você é importante para mim.

Joie tentou evitar que seu coração enlouquecesse. Não era uma juvenzinha, mas

mulher totalmente adulta. Um homem não teria que ter semelhante efeito sobre ela, nem sequer ele. Havia honestidade em sua voz. Uma sinceridade tão simples que a sacudiu. Não sabia nada sobre ele, nem quem era realmente, embora soubesse de tudo. Sabia a classe de homem que era. O conhecimento era instintivo e era o único que sabia com certeza.

– Onde está sua família? – Perguntou ela.

– Só tenho a minha gente. Meu príncipe. – Seus olhos brilharam com um negro profundo, à luz suave de irradiavam os capacetes dos três. – Você é minha família. Seu irmão e sua irmã se converteram em minha família. – ele arqueou uma sobrancelha para ela. – E acabamos de nos conhecer. Um conceito muito estranho para você, mas completamente natural para mim. Os companheiros são duas pessoas que se conhecem e precisam estar juntos, duas metades de um tudo. Encontrar uma companheira é o que todo homem Cárpatos sonha e deseja e pelo que luta para manter nosso mundo unido, embora poucos de nós conseguimos alcançar tal tesouro. Nunca pensei experimentar um evento tão explosivo.

– Está defraudado por que não sou o que pensava que seria?

Traian baixou o olhar para ela.

– Ainda não compreende o conceito de companheiros. Estou surpreso e até assustado pela idéia de ter uma companheira humana, mas nunca poderia me sentir defraudado por você. Parecemos um para o outro. Completamos um ao outro. Para mim é fascinante. Sempre será.

Joie se apressou a alcançar seus irmãos, não querendo que Traian visse o sorriso feliz que não podia ocultar. Jubal se virou para um nicho pouco profundo na parede, dirigindo sua luz ao interior do gelo. Fez-se um súbito silêncio, enquanto todos eles continham o fôlego.

A criatura capturada no gelo era grande, uma besta enorme com escamas que cobriam seu corpo, uma cabeça em forma de cunha, um pescoço de serpente, e uma longa cauda que terminava em uma ponta afiada. As asas estavam sob o corpo. Possuía garras afiadas para rasgar. Um olho estava aberto e os olhava fixamente através da grossa parede de gelo.

Joie deixou escapar o fôlego lentamente.

– Isto não é dinossauro!

– Tem que ser! – Disse Gabrielle. – Não pode ser um dragão. Não me diga que é um dragão. – Ela olhou fixamente para Traian. – Não existem vampiros, você não pode mudar de forma e não existem os dragões. O ar é ruim aqui embaixo e nós estamos sofrendo de uma alucinação coletiva. Nada disto pode ser real.

– É real, Traian? – Perguntou Jubal. Havia temor e mesmo reverência em sua voz.

– Sim. É real. Não tinha nem idéia de que estava aqui embaixo.

– Crê que seja isto é o que os vampiros andam buscando? – Perguntou Joie. Traian sacudiu a cabeça.

– Eles não têm interesse nos restos de um dragão. Mas esta é definitivamente uma caverna utilizada por magos. Suspeitava disso. Poderia ser uma mina de ouro de informação para minha gente. Os magos tinham incríveis poderes e conhecimentos. Seria aterrador pensar que no que os vampiros podem fazer com qualquer dos poderes que dirigiam os magos. Não toquem em nada. Devemos ser muito cuidadosos. Os magos utilizavam feitiços e armadilhas para guardar o que lhes pertencia.

– Isso é o que queria dizer quando mencionou que a ponte podia ser uma armadilha. Pensava que os magos a tinham feito. – Disse Jubal.

Gabrielle levantou a mão.

– Estamos falando de coisas que se encontram nos livros de fantasia. Lendas. Mitos. Nunca houve nenhuma evidência da existência de dragões. Nem ainda quando os dinossauros vagavam pela terra. – Ela estendeu a mão para tocar sua irmã. – Joie, você acredita nisto? Acredita neste homem? Ele voa através do ar! Transforma-se em lobo. Pode falar contigo telepaticamente. Bebeu seu sangue como faria um vampiro. – Havia uma suplica em sua voz.

Traian aconchegou Joie mais perto dele. Era muito consciente da influência de Gabrielle sobre Joie. Podia ler facilmente a mente de sua companheira, do mesmo modo que podia recolher os pensamentos de seus irmãos. Joie amava sua irmã e seu irmão e sacrificaria de boa vontade sua própria felicidade por eles, se fosse necessário.

Joie sentiu a possessividade no toque de Traian, sentiu o toque dele em sua mente. Sorriu-lhe com convicção. Ao mesmo tempo, alcançou a mão de Gabrielle.

– A única coisa que importa é a família. E mais que nada, queremos que cada um dos outros sejam felizes. – Explicou a Traian. – Sei o que estou fazendo, Gabrielle. Sabe que sempre confio em meus instintos. Sei que isto é correto. Não entendo nada, mas possivelmente estive me preparando para isto, toda minha vida. Encaixo com ele. Tem razão, não o conheço ainda, mas adequo a ele. – Ela esfregou o rosto, manchando-se de barro. – Estúpido, mas autêntico.

Jubal gemeu.

– Joie, nunca pensei que ficasse totalmente branda e romântica conosco.

Gabrielle intercambiou um longo olhar com o Jubal e se virou para Joie.

– Bem, suponho que sua vida com ele sempre será interessante.

– Minhas irmãs já me deixaram de cabelo branco. Não sobreviverei a Traian rondando ao redor, uivando para a lua e mordendo o pescoço do Joie. E para que fique claro, mantenha-se afastado de mim, Traian. Ter a mordida de mulher em meu pescoço seria horripilante, mas poderia até aceitar, mas a de um homem está fora de questão. – Disse Jubal secamente.

– Ai, isso dói, Jubal. – Disse Traian. – Realmente estava esperando um bocado, logo.

Ele inclinou-se, para baixo para acariciar a parte alta da cabeça de Joie com seu queixo. Tinha que tocá-la, recordar a si mesmo que ela era real. Mesmo quando estava falando telepaticamente com ela, enquanto investigava o complexo de cavernas e os vampiros o procuravam freneticamente, chegou a acreditar que a tinha imaginado.

Gabrielle conseguiu sorrir.

– Bem, ele encaixa em nossa estranha família, Joie. Não posso esperar para ver a reação de mamãe e papai.

– Tenho que selar este lugar. Vai reduzir a velocidade dos vampiros e tirar todos desta caverna. – Disse Traian.

– Não estou tão ansiosa para sair. – Respondeu Joie, estudando o enorme corpo do dragão. – Isto é um tesouro. Deve haver outras coisas fascinantes aqui embaixo.

– Está sendo caçada. – Disse Traian severamente. – Vou tirar você daqui,

agora. Voltarei depois e procurarei o que os vampiros desejam tanto.

– Quando estiver sozinho. – Disse Joie.

– Quando estiver sozinho. – Confirmou Traian e urgiu-lhes em atravessar a estreita entrada. – Não devem tocar nada, não importa o quão tentador pareça. – Acrescentou como precaução.

Jubal olhou para Joie.

– Não é normal que esteja de acordo em ficar para trás. Está segura de que ele não a tem sob um feitiço? – Gemeu. – Isso soa tão melodramático e estúpido. Não posso acreditar que o tenha dito.

– Sou uma profissional, Jubal. Esta é sua área de especialização, não a minha.

A entrada se abriu a uma galeria. Altas colunas de estilo gótico estavam esculpidas nas paredes. O alto teto de catedral era impressionante. Pilares de gelo e cristal formavam duas filas descendo pela galeria e cada um sujeitando vários globos redondos e de variadas cores. Joie esquadrinhou o interior do maior, de uma cor safira natural, azul leitosa. Enquanto o olhava fixamente, a cor escureceu e começou a formar redemoinhos com alarmante velocidade. Hipnotizada, moveu se aproximando. O solo sob ela se inclinou e ondeou. Ela sentiu-se empurrada, dirigida, como se a esfera a chamasse.

Traian bateu palmas, ante seus olhos e a afastou para longe do globo.

– Não os olhem. Gabrielle, se afaste daí. – Havia urgência em seu tom normalmente calmo. – Jubal, mantenha-a perto de você. Posso sentir a aura de poder de todos estes objetos. Até que saibamos o que são, temos que nos manter a distância.

Joie estava aturdida, por que rapidamente tinha caído sob a influência do globo.

– Eu pensava que os magos eram bons.

– O poder absoluto corrompe. É algo que alguém aprende quando mede a vida em lances de centenas de anos. – Traian se colocou perto de Joie, mantendo seu corpo entre ela e os altos pilares.

Joie sorriu.

– Não deixe que Jubal ou Gabrielle o ouça dizer isso. Se contar que viveste

durante várias centenas de anos, eles poderiam mudar de ideia sobre nós.

– Já ouvi. – Disse Jubal. Ele estava caminhando ao lado de Gabrielle, empurrando-a através da longa e ampla galeria. Havia várias estruturas de cristal, de criaturas místicas. Pequenas pirâmides vermelhas de pedra estavam colocadas em arcos cinzelados nas paredes. Era difícil não olhar fixamente, as pedras e estranhos objetos que os rodeavam, mas Traian estava obviamente preocupado por sua segurança e eles também eram conscientes das criaturas mortais que os seguiam.

Uma profunda explosão sacudiu a rede de cavernas. Detiveram-se por um momento e olharam fixamente para a sólida parede diante deles.

– Tem que haver uma saída. – Disse Traian. – Os magos não podiam se transformar ou voar. Eram mais parecidos com vocês. Deve haver uma abertura que nos leve a superfície.

– Temos nossa equipagem. – Assinalou Joie. – Podemos usá-lo para escalar.

– Não com vampiros nos pisando nos nossos calcanhares. Eles não precisam equipe de escalada. Podem usar o ar para te perseguir. Caíram na armadilha que coloquei para eles e estarão ocupados sob um deslizamento de barro, mas só os atrasará. Procurem algo que não pareça estar bem. Haverá um vestíbulo que nos conduza para cima, para a entrada.

– Como as rochas fora da caverna. O esquema estava todo errado. – Disse Joie. – Jubal, você é bom com os esquemas. Busque a abertura e rápido. Jubal é bastante bom, por sua mente matemática. – Disse ela, a Traian.

– Pode ver um padrão em quase tudo. Assim é como lida com todo seu dinheiro.

Podiam ouvir o rasgar, um terrível som amplificado pela acústica da cavernosa galeria. Grandes garras escavavam a terra, arranhando para chegar até eles. Desdobraram-se, caminhando ao longo da parede, examinando cuidadosamente cada superfície. Tudo enquanto ouviam os vampiros escavando um túnel, furiosamente, através do barro e o gelo. O som se fazia mais ruidoso e próximo e Traian retrocedeu, enfrentando a parede por onde as criaturas estavam a ponto de irromper.

– Achei! – Disse Jubal, triunfantemente. – Estávamos esperando subir, mas não descer. O solo! Vê o esquema no chão, Joie?

– Abra-o. – Disse Traian concisamente, sem olhar. Sua atenção se centrava completamente na parede mais afastada.

Jubal estudou os padrões de quadrados, pirâmides e estrelas de pedra, sob as capas do gelo barroso. No centro de cada símbolo havia hieróglifos e figuras esculpidas em cada pedra. Caminhou sobre vários deles, escolhendo cada pedra cuidadosamente, seguindo o esquema que podia ver estendido ante ele.

Por fim, uma grande pedra deslizou para o lado, revelando degraus escavados no gelo. Jubal duvidou

– Está seguro de que este é o caminho?

– Tem que ser o caminho. – Disse Traian. – Pegue a suas irmãs e vá.

Jubal era precavido, dirigiu sua luz para baixo, pelos estreitos degraus. As escadas pareciam ser uma ponte sobre um escuro e insondável abismo.

– É outra ponte, Traian. Devo confiar nela?

– Tem que confiar. Deve ser o caminho de saída.

Jubal respirou fundo e caminhou sobre o primeiro degrau, testou a solidez e depois estendeu a mão para trás para ajudar Gabrielle.

– Se apresse, Joie.

– Venha conosco, Traian. – Suplicou Joie.

A água jorrou em uma escura e barrosa onda, do outro lado da galeria. Os insetos entraram em torrentes. A parede à direita de Traian, caiu num charco que gotejava lodo escuro.

Duas criaturas horrorosas flutuaram sobre o solo da câmara. Abominações na perfeição de cristal da galeria. Fracos e cadavéricos, estavam cobertos de sujeira. Despindo seus afiados e longos dentes, olharam para Traian, com os olhos chamejantes e vermelhos, cheios de ódio venenoso.

Capítulo 6

– Gabrielle, corra! – Urgiu Joie. O medo abriu passo em seu íntimo, mas ela ficou atrás, para proteger seus irmãos. – Jubal, vamos! Não olhe para trás.

Ela permaneceria sempre entre seus irmãos e o perigo. E não podia deixar Traian. Não o deixaria. Não deixaria que ele enfrentasse a esses horríveis monstros, sozinho. Não se importava que ele clamasse que havia caçado vampiros toda sua vida, que era incapaz de abandonar alguém, para que enfrentasse o perigo sozinho. E de alguma forma, Traian estava conectado a ela. Era parte de seu sangue. De seu coração e sua alma. Ficaria com ele.

Jubal pegou a mão de Gabrielle e continuou baixando as escadas, numa carreira para salvar suas vidas. Atrás dele, a grossa laje de pedra deslizou de volta a seu lugar, encerrando Joie na caverna sobre eles. Estava agradecida e aliviada de que seu irmão a conhecesse o bastante, para não esbanjar um tempo precioso discutindo e sabia que podia contar com ele para proteger Gabrielle.

Suas duas facas esfumaram. Joie sempre levava duas, mas as tinha usado, uma com o vampiro que se alimentava de Traian e a outra, com o olho do charco. Manteve-se à distância de Traian, deixando espaço para ele lutar. Podia saborear o medo em sua boca. Não tinha pistola, nem faca.

– Meu cinturão de escalada não parece promissor considerando que essas asquerosas criaturas têm garras ameaçadoras e bocas cheias de dentes de tubarão. Poderíamos usar uma pistola ou duas. Possivelmente uma metralhadora.

– Mantenha-se perto de mim. Quero-a onde possa a proteger. Eles podem mover a terra, fazer com que chovam projéteis do teto. Não lutam do modo que você espera.

Traian nunca antes havia tido experiência real, com o medo que retorcia suas vísceras e impregnava em seus ossos. Nunca tinha tido nada a perder. Agora o tinha tudo. Uma mulher cuja mente funcionava com a sua e cujo corpo ainda não conhecia intimamente.

– Captei isso.

Por alguma razão, essas simples palavras fizeram com que ele relaxasse, desejando sorrir. Joie não sucumbia ao pânico facilmente. Não lhe faltava coragem e estava disposta a lutar a seu lado. Não ia desmaiar porque os vampiros eram reais e

tivessem vindo com idéias de vingança e morte na cabeça.

– *Não conte com isso.* – Seu retorcido senso de humor lhe disse que era uma sombra em sua mente, procurando uma estratégia para derrotar ao inimigo. – *Se eles conseguirem botar as mãos em cima, estarei tentada a desmaiar. Qual a maior fraqueza deles?*

– O ego.

Joie respirou fundo, enquanto as criaturas lentamente se estiravam em toda sua impressionante altura. Ardia fogo em seus olhos. Um mau cheiro penetrou na galeria, afogando totalmente o ar fresco e limpo e substituindo-o por uma pútrida substância espessa.

– Qual é o mais forte?

Traian notou sua calma. Ela aceitava que teriam que lutar para sair. Tendo lutado com os mesmos vampiros em três ocasiões, Traian era bem consciente de suas forças e suas capacidades.

– *O dos incisivos sobre o lábio inferior é extremamente poderoso. Chama-se Valenteen e é um professor vampiro. O outro se chama Shafe. Pode haver mais, assim fique bem alerta.*

– Bem... Demônios, e eu aqui esperando poder tirar uma sesta.

Traian se esforçou para manter o rosto impassível, mesmo em sua desesperada situação, Joie podia lhe fazer saber como se sentia.

– *Estava preocupado por como poderia ser.*

Joie deu um golpe com o pé.

– Mas se forem os irmãos do troll. Como estão? Simplesmente lhes deixando cair pela vizinhança? Alegro-me de que não se incomodassem em vestir formalmente. Só estamos fazendo uma pequena reunião. – Deliberadamente, ela olhava os padrões de pedra do chão, mantendo sua atenção centrada nela. – Estávamos reddecorando O que acreditam? Muitas bolas de cristal? – Assinalou a maior, de quase trinta centímetros de altura, que descansava sobre um alto pilar de obsidiana negra. – São muito valiosas. Pode se ver o futuro nelas. Esta responde perguntas e encontra objetos. – Estendeu a mão como se fosse dar *um tapinha na lisa esfera.*

Joie era totalmente consciente de que Traian mantinha seu corpo entre ela e os vampiros. As duas criaturas permaneciam em pé em um remolido de vapor e névoa,

cobertas de um líquido negro. No momento em que ela mencionou as esferas, eles olharam com olhos ávidos para o globo.

Surpreendentemente, Joie sentiu um calor moderado ao longo da palma de sua mão, quando a colocou sobre a bola. O cristal tinha voltado para a vida ante a proximidade de sua mão. Durante um momento eterno, viu sua própria face se retorcendo na névoa do globo, viu Traian em pé atrás dela, estendendo-se para ela, com o amor gravado em cada linha de seu rosto, com fome e desejo ardendo nas profundezas de seus olhos. Não podia afastar o olhar dele, da intensidade de seu amor. Ele não podia se sentir dessa forma com respeito a ela, podia? Ele não a conhecia. Como podiam duas pessoas sentir-se tão atraídas, uma pela outra e reconhecer o amor tão rapidamente?

– *Afaste-se dessa coisa.*

Joie piscou, elevando o olhar. Brancos redemoinhos de névoa estavam enchendo a galeria e consumindo Traian. Consumindo-a. Nos pântanos de névoa, algo se movia. Algo escuro e ameaçador. Captou uma olhada de outra forma, nas sombras enroscando-se protetoramente em volta de um objeto, mas não podia fazer nada com a branca névoa e as sombras cinzas que emergiam juntas. Uma sombra escura se abateu sobre Traian.

– Cuidado!

Ele pegou-lhe, empurrando-a para um lado. Seu impulso os levou longe dos vampiros e perto da parede exterior da caverna. Uma coleção de armas adornava o nicho mais próximo. Pedras preciosas e reluzentes decoravam facas ameaçadoras, longas lanças e espadas. Ali estava, virtualmente um tesouro feito à medida, para Joie. Ela lançou-se para as armas, embora algo a reteve. Uma fina vibração de seu sistema de alarme, que a incitou a colocar as mãos à costas e ignorá-las.

Traian considerou serenamente a sombra negra que estava emergindo da névoa da galeria.

– A justiça chegou, Valenteen. – Disse ao professor vampiro. – Um guerreiro da sombra despertou e busca nossas mortes. Lutamos um contra o outro?

Valenteen grunhiu bruscamente, sacudindo a cabeça e afastando-se da grande criatura fumegante que emergia das sombras.

Joie retorceu os dedos nas costas da camisa de Traian, olhando em volta dele, para a coisa que ele havia identificado como um guerreiro da sombra. Era insubstancial, formado de fumaça negra e cinza, em movimento. Seus olhos brilhavam de um vermelho fugidio, não como os olhos sanguinolentos dos vampiros, mas com uma chama ardente que brilhava ferozmente.

– Não me importaria em despertar agora.

Traian estendeu a mão a suas costas, envolvendo sua mão nua com os dedos. Gentilmente. Apenas ali. Mas ainda assim o leve contato foi suficiente. Estavam juntos. Era tudo o que importava. Ele a protegeria do guerreiro, dos vampiros.

– Pode sair daqui por sua conta?

Repentinamente, lhe ocorreu que ele podia se transformar, voltar-se insubstancial como a névoa. Ele podia até cavar através da terra e o gelo, como fizeram os vampiros.

O vampiro se dissolveu, deixando atrás dele, uma poça de barro negro. Borbulhou e salpicou uma beberagem venenosa para o guerreiro da sombra. Joie ofegou. Fez-se um estranho silêncio. Uma gelada rajada de ar limpou o mau cheiro da câmara e empurrou à fumegante criatura longe de Traian e Joie.

– *Pouco importa se puder. Nunca a deixaria para trás.*

Sua voz era tranquilizadora. Calmante e constante. Confiável.

– Jubal e Gabrielle estão ainda nas cavernas. Jubal estará apressando-se a encontrar o caminho de ascensão para a entrada. É um bom espeleólogo, mas se forem atrás dele... Meus irmãos não podem se proteger dos vampiros.

– Os dois vampiros estão aqui. Não sairão nem se moverão para não fazer notar sua presença ao guerreiro. Não sinto a nenhum outro por perto. O guerreiro das sombras não atacou porque não tocamos em nada. Se chamarmos sua atenção ou pergarmos alguma coisa que os magos tenham deixado para trás, atacará.

Murmúrios de vozes. Enchendo a câmara de tentações. Antes de saber o que estava fazendo. Os dedos do Joie estavam perto de se fechar ao redor de uma faca, com uma ameaçadora lâmina curva. Chamava-a. A palma de sua mão ardia por sentir a arma em sua mão. Fechou o punho, resistindo a tentação. As vozes aumentaram sua força. Olhou para as esferas e elas estavam todas ativas. As cores claras se retorciam com vida,

com matizes mais escuros e faiscantes.

Traian sujéitou suas duas mãos entre as dele.

– Fale comigo. Conte-me de você. Algo que possa pensar. Olhe-me, somente. Olhe-me nos olhos. Só a mim

Suas mãos eram muito maiores que as delas, envolvendo-as. Quando ela obediamente afastou o olhar das adagas e facas enjoiadas, ficou presa nas negras profundezas do olhar de Traian. O mundo encolheu para ela.

Ao redor deles, a fumaça e a névoa fluuavam para cima, do solo, criando um mundo entre nuvens onde vozes murmuravam. As palavras de uma antiga língua, ainda não impura, ainda não dominante. As cores pulsavam na galeria, estandartes luminosos que provinham das esferas, que estavam vivas com calor e energia.

– *Olhe-me.* – Reiterou Traian quando ela tentou voltar à cabeça para as vibrantes luzes. – *É uma armadilha. Pense em mim. Deixe-me te dizer quem sou, o que sou. O que preciso e o que desejo. Quero saber tudo sobre você e sua família. Fale-me. Me conte quem é realmente, o que represent, o que precisa e o que deseja.*

Sua voz era hipnotizadora, arrastando-se para seu coração, quando ela pensava que devia ser só atração física. Ele era sem dúvida o homem mais sexy que tinha conhecido. E estavam em perigo mortal. Havia vampiros rondando por algum lugar na galeria, esperando o momento de atacar. Um guerreiro tinha voltado para a vida, das sombras, guardando tesouros de séculos de antigüidade, de um mundo de feitiçaria. Ainda assim, Joie estava fascinada pelo homem a sua frente.

– *Perdeu o juízo?*

– *Meu juízo está perfeito.*

Ele sorriu, num relâmpago de deslumbrantes dentes brancos. Ela quase deixou de respirar.

– Sabe que trabalho de guarda-costas.

– Estúpida profissão, colocar seu precioso corpo entre qualquer outro e o perigo.

Ela riu suavemente em sua mente. Traian sentiu o pulso vibrante através de seu corpo, lhe tocando em lugares que havia esquecido, há longo tempo.

– *Passaste o equivalente, a várias vidas caçando vampiros. Estou captando lembranças muito interessantes em sua mente, a menos que tenha passado toda sua vida vendo filmes do Drácula. Acredito que colocaste seu precioso e muito sexy corpo entre o perigo e as pessoas, muitas vezes. E não diga que voca é um homem e que isso o faz diferente. Incomodaria-me muito.*

Grunhidos de ódio se misturavam com insidiosos cochichos. O vampiro menor, que Traian havia identificado como Shafe, emergiu do barro negro, sibilando e cuspidando, arrastando-se e atravessando o chão. Suas garras marcaram a terra quando ele tentou parar, para evitar responder aos requerimentos. Seus olhos estavam fixos na maior das bolas de cristal.

Mesmo com os embriagadores olhos de Traian e sua hipnótica voz, foram quase impossíveis para Joie, ignorar o drama que estava acontecendo no interior da névoa da galeria. As vozes eram insistentes, cantarolando com um ritmo firme, conduzindo o vampiro para o reluzente cristal. A cobiça e o medo refletiam na face da criatura, enquanto se aproximava mais e mais. Enquanto isso, a sombra escura do guerreiro, o guardião dos tesouros dos magos, observava desapaixonadamente.

Joie estremeceu. O medo era uma entidade viva que respirava estrangulando-a. Algumas vezes, através da crescente névoa que surgia do solo de pedra, podia apreciar a armadura do guerreiro. Outras vezes era tão insustancial como as nuvens.

Traian aconchegou Joie entre os braços, firmemente contra seu peito. Seus movimentos eram deliberadamente lentos, cuidadosos, evitando chamar a atenção do guerreiro sobre eles.

– *Vamos flutuar para cima, Joie. Simplesmente flutuaremos para o teto sobre nós.*

Ela teve medo. Lutar contra adversários humanos era uma coisa, mas enfrentar a vampiros e guerreiros feitos de fumaças e sombras era algo totalmente distinto. Deslizou sua mão pelo peito de Traian, a sólida parede de carne e sangue a tranqüilizou. Seu braço se enroscou ao redor do pescoço dele. Fechou seus dedos ali, apertando o corpo firmemente contra o seu. O corpo francamente masculino era duro como um carvalho. Não havia palavras para definir os músculos sob sua pele. Sentiu seus pés abandonar o chão e fechou os olhos, elevando uma rápida oração.

Traian observou o guerreiro. Luzes de cores vibravam através da caverna, iluminando a névoa fazendo com que parecesse que havia criaturas movendo-se em seu interior. Fantasmas de magos, perdidos a longo tempo atrás. Ele apertou seus braços em

torno de Joie. Ela encaixava perfeitamente a ele e sua mente estava cômoda na sua, extraindo conhecimento e estudando táticas. Podia senti-la ali, em seu interior, compartilhando suas lembranças e recolhendo informação de suas batalhas com vampiros, totalmente preparada para unir-se a ele, quando fosse necessário.

Mais que tudo, ele queria que ela o conhecesse como homem. Queria tempo com ela. Queria ouvi-la sorrir, ver a candura e excitação em seus olhos, como tinha imaginado durante seus bate-papos a longa distância. E queria afastá-la do perigo, mas as coisas foram acontecer rápida e ferozmente. Concentrou-se numa coisa. Manter Joie a salvo.

Flutuaram mais alto na caverna e Traian nublou sua imagem com mais neblina, mais fumaça, para que parecessem partes da névoa. Cuidou, de que seus movimentos fossem lentos, preguiçosos e tão naturais como fosse possível, para que nada ativasse os instintos do guerreiro.

A criatura das sombras permanecia imóvel, apesar da fumaça que formava seu corpo, se retorcer e enroscar em escuros fiapos. Seus ferozes olhos permaneciam fixos sobre o vampiro que se arrastava para a tentação do pulsante círculo de cristal. Shage se aproximou mais, estendendo a mão para as visões e promessas de riqueza e poder que se formavam dentro do globo.

Triunfantemente, o vampiro colocou sua mão ao redor do chamativo cristal. No momento em que ele tocou o globo, o guerreiro das sombras jogou a cabeça para trás e rugiu. Durante um breve momento a fumaça ao redor, esclareceu. Ele estava em pé alto e ereto, vestido com uma reluzente armadura de múltiplas proteções. E então voltou a fumaça novamente, apressando-se através da ampla extensão do solo, sem tocá-lo.

Valenteen, o vampiro mais antigo, surgiu do charco negro, mudando para a forma de uma serpente. Deslizou-se para a parede mais próxima e começou a escavar a terra. Joie se esforçou para olhar para baixo, para ver o guerreiro das sombras, enquanto ele se lançava para o não-morto que sujeitava a bola de cristal.

– Sua luz. Apague-a.

Seu coração saltou. – *Precisamos de luz;*

– *Vejo bem na escuridão. Queremos escapar desta câmara. Posso te levar através da saída de ar e não quero chamar a atenção do guerreiro.*

Quando ela apagou a luz, Shafe gritou espantosamente. Brilharam cores na crescente neblina. Uma mancha vermelha como o sangue, começou a invadir lentamente a névoa fumegante. Estendeu-se como um vírus. Uma violenta explosão de luz e som se uniu à voz do vampiro que chiava e uivava, até que Joie escondeu o rosto no pescoço de Traian.

Ela estava tremendo. Suas vísceras deram um nó.

– Estamos quase fora. Não olhe. Isto é uma armadilha e a selaremos para que ninguém mais a encontre.

– Está pensando que voltará amanhã à noite e encontrará o que os vampiros estão procurando.

– Tenho que encontrar. Estive nestas cavernas durante várias semanas, lutando com os vampiros uma e outra vez; Destruindo a mais de um, mas eles sempre aparecem. Isto é altamente incomum e me preocupa. Pior ainda é o fato de que Valenteen não era o único professor. Havia outro no grupo, Gallent. Foi capaz, depois de várias batalhas, de lhe destruir, mas estava claramente com este grupo. E senti a outro...

– Chegam irmanados. Seria melhor que procurássemos na Internet um lugar chamado "vampiros do mundo unidos".

Sobre sua cabeça, ele sorriu.

– Não me ocorreu procurar na Internet, mas se encontramos tal coisa, ofereça-a como voluntária para se infiltrar?

Ela soltou um pequeno muxoxo e bateu forte em seu ombro.

A saída de ar era estreita, mas ele manipulou seus corpos até que escorregaram através, levando-os aos níveis superiores. Logo que sentiu o solo sob seus pés, ela reacendeu a luz, lhe segurando da mão e correndo através do túnel, para a entrada.

– Valenteen não está nos seguindo. Embora seja um professor vampiro, não tentará lutar comigo estando sozinho.

Suas palavras a detiveram. Joie queria se assegurar de que Jubal e Gabrielle tinham conseguido sair, mas a idéia de que uma criatura tão horrível e letal como um vampiro lutasse com Traian, era aterradora. O que sabia dele, depois de tudo? Era uma voz que falava com ela na noite. Um homem que bebia sangue e mudava de forma.

– Sou um homem de honra. Um homem que encontrou uma mulher. A única

mulher. – Disse ele, segurando uma de suas mãos sobre seu ombro. – Sei que tudo aconteceu muito rápido e você não confia.

– Se não pensar, eu confio e isso me assusta, Traian. Não sou uma pessoa particularmente confiada. Todo este tempo pensava que tinha tudo sob controle. Resgatei você. Mas agora está me dizendo que essas criaturas não o atacarão enquanto estejam sozinhos.

– Sou um caçador ancestral. Fui posto a prova na batalha durante mais anos dos que posso me lembrar. Conheço as artimanhas dos vampiros e tenho muita experiência no que faço.

Não havia arrogância ou valentia em sua voz, só aceitação e certeza.

– E esses vampiros?

– Não deveriam estar juntos. Não deveriam estar aqui, nas Montanhas dos Cárpatos, tão perto de nosso príncipe e tantos de nossos homens. Estava voltando para minha terra natal quando me encontrei com eles. Sabia que estavam desesperados por encontrar algo nesta caverna. Apesar do risco de me confrontar contra tantos era minha obrigação para com minha gente ficar e descobrir o que estavam procurando. Mesmo depois que você me encontrou, fiquei porque os vampiros estavam frenéticos para encontrar alguma coisa. Não sabia que esta era uma caverna de magos.

– E o que significam os magos para os vampiros? Sei o que significariam para os humanos. A maioria de nós não acredita em contos de fadas sobre magos e bolas de cristal. E dragões. Isso foi genial, a propósito.

– Viu os globos na galeria. Ficaram nelas, antigos feitiços e poder. Não queremos que os vampiros ou qualquer outro consigam colocar suas mãos sobre coisas que estariam melhor, guardadas. Os Cárpatos são da Terra. Temos dons, mas não utilizamos o poder da mesma forma que faziam os magos.

– É possível que algum deles esteja ainda vivo?

– Poderia acreditar. Ao menos acreditar que algum de seus descendentes permanece e reteve seu conhecimento ou parte dele.

Joie suspirou.

– Encantadora idéia. Qualquer um que criasse esse guerreiro das sombras não vai estar entre meus melhores amigos.

– Nem entre meus.

Joie o seguiu através da entrada, sem se fixar na beleza e a magnificência que a rodeava, como normalmente faria. Dava voltas à informação em sua mente.

– Nasceu faz muito tempo.

Ele sorriu, seus dentes reluziram à luz do capacete dela.

– Sim. Vivi durante séculos. Já não me recordo meus pais. – Seu sorriso desapareceu. – A lembrança de meus dias de infância acabou. Capto retalhos às vezes. Lembro-me dos anos antes de abandonar minha terra natal. A forma em que o príncipe olhou a todos nós. Vi em seus olhos sua própria morte, o declive de nossa gente, seu temor por todos os guerreiros que estava enviando para longe do lar. Nossas mulheres eram poucas, seu número estava reduzindo. Mas depois nos unimos com humanas. Agora cuidamos de nós mesmos e tentamos nos confundir entre as pessoas.

Ela ouviu o som de sua voz e sentiu a dor sob ela. Em sua mente viu as batalhas, algumas vezes com amigos da infância. Viu seus demônios internos, os insidiosos sussurros de poder, a escura mancha que se estendia lentamente sobre ele, chamando-o. E ele estava sempre sozinho. Em cada lembrança, estava sempre sozinho. Joie queria lhe confortar. Pegou sua mão, entrelaçando seus dedos aos dele. Pretendia que fosse um gesto breve, mas ele afirmou o aperto.

– Eu cresci de forma muito distinta. – Disse ela, baixando a cabeça, para evitar uma grande formação de cristal. – Minha família é muito amorosa e está muito unida. Falamos a todo o momento e damos uns aos outros, toda classe de conselhos indesejados. Meu pai nos conta histórias, até hoje. Ele estava acostumado a entrar às escondidas em nosso quarto à noite, com uma lanterna iluminando seu rosto e nos contar histórias de medo, até que gritávamos e ríamos. Mamãe vinha correndo lhe castigar. Todos sabíamos que ela sabia o que ele estava fazendo e ela ria também. Uma vez, depois de nos ler um livro de Stephen King, ele colocou nata batida no focinho de nosso cão e o colocou em nosso quarto. É um milagre que todos tenhamos sobrevivido a seu senso de humor.

Joie riu ante a lembrança, compartilhando deliberadamente com Traian, a calidez de sua infância, o amor de sua família.

– Estamos todos um pouco loucos, mas isso fará bem a você.

– Crê que acostumarei? – Ele levou a mão direita de Joie para seu peito e a sustentou contra o coração.- Não me importaria ter uma família depois de todo este tempo.

Era um homem alto, de ombros largos e olhos que tinham visto muito e, além disso, o tom perdido de sua voz fazia que o coração dela se acelerasse. Joie lhe sorriu.

– Não posso esperar para que conheça minha mãe.

Capítulo 7

O ar noturno era limpo e tão fresco, que Joie agradeceu introduzi-lo em seus pulmões. O medo estava se dissipando, agora que estava a céu aberto. Tirou o capacete da cabeça, para permitir que o vento passasse por seu cabelo. Estendeu os braços para a lua e riu suavemente.

– Adoro a noite. Adoro tudo nela. Não importa se for tempestuosa ou não. – Ela virou a cabeça para olhar para Traian. Sua fisionomia era formosa à luz da lua.

– Digna de um deus grego. – Murmurou, atônita de sentir tanto por ele, de que suas emoções fossem tão fortes e conectadas com a ele. O cabelo parecia seda negra ao redor de sua face e seus ombros. Não havia uma mancha de barro em sua face. O rastro de sangue havia desaparecido de seu peito, deixando as descarnadas navalhadas em sua carne.

Joie sacudiu a cabeça, deu alguns passos afastando-se dele, colocando distância entre eles. Precisava de espaço, precisava recuperar o equilíbrio.

– Muito obrigado por me deixar estar toda suja e molhada, enquanto você está impecável e bonito. Nem vou perguntar como faz isso.

Seus dentes reluziram para ela, mais como o sorriso de um lobo, que de um homem.

– Tenho meus segredinhos. Está tremendo. Passe-me sua mochila e tome esta jaqueta. – Envolveu-a no calor de uma jaqueta.

Joie decidiu não lhe perguntar de onde havia tirado a jaqueta.

– Como encontrou a saída? Eu não podia ver nada.

Ela deixou-se cair sentada, porque de repente se sentia cansada e queria sentir a terra sob ela. Traian tinha mudado sua vida inteira em uma piscar de olhos e ela não queria pensar muito no estranho mundo que ele vivia.

– Há sinais se souber onde olhar. Nos velhos tempos, os Cárpatos e os Magos não eram inimigos. Viviam ombro a ombro e compartilhavam os benefícios de ambas as raças. Com frequência, utilizávamos os mesmos símbolos. Eu os vi, enquanto nos movíamos através das salas. – Ele abaixou-se a seu lado e tocou seu queixo com dedos gentis. – Deixe-me te levar de volta à estalagem onde está hospedada. Está cansada,

faminta e louca para tomar um banho. Está também muito preocupada com seus irmãos. Não há necessidade de estar. Implantei os símbolos na mente de seu irmão, para me assegurar de que encontrariam o caminho de saída, rapidamente.

– Obrigado. Estava preocupada, embora ambos são espeleólogos experimentados. Só queria que estivessem a salvo longe dos vampiros e das armadilhas. Estão preocupados comigo. Sei que Jubal odiou me deixar para trás, mas queria colocar Gabrielle a salvo, logo que fosse possível. Levará-a diretamente à estalagem. – Joie deslizou a mão pelo cabelo, afastando-o do rosto. – Estou cansada, Traian. Sinto-me como se pudesse dormir durante um mês.

Ele a colocou de pé, depois a pegou nos braços, simplesmente apertando-a contra seu peito. Joie rompeu a sorrir.

– Isto é tão medieval. O macho carregando sua mulherzinha sobre a montanha. Oh! A humilhação absoluta. – Apertou os braços mais firmemente à sua volta, temendo que ele pudesse baixá-la ao chão. Deixou que sua cabeça caísse para trás enquanto examinava os céus. – Se alguma vez você contar a alguém que permiti você fazer isto, terei que te fazer mal. Só quero deixar isto bem claro.

Traian desejou beijá-la. Mais que nada, parecia-lhe que fosse urgente e preciso inclinar a cabeça e encontrar essa boca maravilhosa e incitante, com a sua. Só prová-la. Estabelecer sua reclamação.

– Qual é sua postura com respeito aos beijos?

Joie olhou fixamente sua boca. A perversa e pecadora tentação.

– Estou pensando nisso. – Concedeu. – Se te permito me beijar, derreterei-me. É um fato. Já sei e é muito humilhante. Pior que ser levada por aí como se fora um fraco e desacordado fardo de feminilidade.

– Certo, mas poderia ser pior. – Assinalou ele, seriamente.

Ela suspirou e levantou a mão até seu rosto e a ponta de seus dedos percorreu a boca pecadora.

– Sim. Mas há outro ponto a considerar, Traian. Vai ser aditivo. E depois não serei capaz de te tirar de meu organismo e ficarei destroçada quando tiver que nos separar e isso é mais do que posso suportar, acabar chorando por um homem. Vê as complicações?

– Hummm. Vejo que poderia ser um problema, se alguma vez nos separarmos, mas somos autênticos companheiros e não temos mais escolha que estar juntos. Assim, na verdade, não acredito que tenha muita importância. Nestas circunstâncias, ser viciada em meus beijos poderia ser um benefício. – Seus dentes lhe beliscaram o dedo.

– Essa coisa dos companheiros, novamente? Isso é parte do problema. Tenho a necessidade de ser a proprietária de meu próprio destino. Acredito que passarei de ser uma companheira se isso suporta ter algum tipo de relação. Eu sou uma mulher de desejar. Há uma diferença.

– Isso é bom, Joie. Não prevejo nenhum problema, porque pensamos iguais. Definitivamente sou um homem de desejar. E desejo te beijar.

Havia um diabólico sorriso em sua face, um que possivelmente ela não poderia resistir. E quem queria depois de tudo? Sua boca tinha descido para a dela e Joie levantou o rosto para encontrar-lo, no meio caminho. Mas este beijo era sua escolha e ele precisava saber.

Seus lábios eram suaves, rendidos e incitantes. Depois de tão longos séculos, Traian se sentia como se tivesse chegado em casa. Não importava onde estavam, em que mundo estavam, ela sempre seria o lar para ele. A Terra deixou de girar, como ele sabia que ocorreria. Explosões de fogos caíam a seu redor. As brasas abrasavam seu ventre e estalavam em chamas por sua corrente sanguínea. Seu corpo a conhecia mais intimamente que sua alma, embora ainda não havia tocado-a.

Joie não podia pensar, não podia respirar, esqueceu se era noite ou dia. Era impossível seu cérebro funcionar. Só podia sentir. Nada a tinha preparado para a tenaz pressão que crescia tão rapidamente em seu corpo, dançavam chamas ao longo de sua pele, criando um vulcão em seu interior. A paixão aumentava, ameaçando explodi-la. O peito doía. Seus dedos encontraram a seda dos cabelos dele, acariciando a espessa massa em sua mão.

– Não deveria ser capaz de me fazer isto. – Murmurou no interior de sua boca. No interior de seu coração. – Não permito que ninguém entre em mim.

– Já estou dentro de ti. – Seus lábios tomaram os dela novamente, uma e outra vez, em longos e aditivos beijos, que sacudiram os dois.

– Isto tem que ser fator perigo. – Disse ela. – É a única explicação lógica.

– Existe a lógica? Não posso me lembrar. – Não podia conseguir suficiente dela. O barro de sua face sujou a dele. Suas roupas, que estavam molhadas, umideceram as dele. Seus ferimentos arderam, mas ele não podia sentir o desconforto, quando seu corpo estava tão firme e duro de desejo.

Sua voz a sacudiu. Era possessiva. Rouca. Perfeita. Uma sedução em si mesma. Foi Joie quem se afastou e descansou sua testa contra ele.

– Preciso de um minuto. Não posso respirar, pensar ou desejar nada que não seja você.

A boca dele se arqueou em um sorriso.

– Supõe-se que isso deva me deter?

Os olhos cinzas dela estudaram cada centímetro de sua face. Ele podia ver sua confusão.

– Por que me sinto assim? Tem sentido para você, Traian? Não entro em relações de qualquer jeito e só posso pensar em fazer amor contigo.

O sorriso dele se ampliou.

– Acredito que te beijar é a melhor ideia que tive.

Ela não pôde evitar lhe devolver o sorriso. Ele a fazia feliz como não fôra nunca. Sentia-se completa, quando não sabia que uma parte dela estava procurando por ele.

– Por que você? Nem sequer és humano.

– Toda sua família tem habilidades telepáticas. Está segura de que você é humano?

Ela estalou em gargalhadas.

– Por favor, nunca pergunte isso a meu pai. Ele é terrível e te contará algumas histórias absolutamente horríveis e exageradas. Envergonhará a todos.

O rouco afeto em sua voz lhe indicou que as ultrajantes histórias de seu pai, na verdade, nunca a tinham mortificado e que amava muito ao homem.

– Isso me dá esperanças. Ao menos sei que planeja me apresentar a seus pais, mas a lista de prós e contra continua aumentando. – Ele inclinou a cabeça, para lhe

roubar outro beijo. – Segure-se. Vou te levar voando.

Ela fez um ruído, entre uma gargalhada e um gemido.

– Te ocorreu que eu poderia ter medo de voar?

– Estava em meio de uma projeção astral, a primeira vez que posei meus olhos em você. – Assinalou-lhe.

– Pensei que você era produto das drogas que estavam me injetando no hospital. – Admitiu, ela. – Estava experimentando, mas em realidade não acreditava que estivesse conseguindo. Pensei que de algum modo, havia hipnotizado a mim mesma. Nunca teria sido tão aberta contigo se acreditasse que fosse real.

Joie voltou à face para o céu, sua cabeça descansou sobre o ombro dele.

– Então me alegro de que pensasse que havia me imaginado. Acredito que eu gostarei muito de sua família. Não tenho família há muitos anos e a idéia de ter uma não tinha me ocorrido. Mesmo agora, quando a observo com seus irmãos e sinto o amor que sente por eles, dá-me inveja.

Seu coração deu um salto ante o desejo em sua voz. Joie nunca tinha pensado que pudesse sentir algo tão intenso por um homem. O simples tom que ele usava podia fazê-la sentir como uma carícia de seus dedos ou se envolver em volta de seu coração.

– Nunca desejei me entregar a ninguém, não totalmente. – Admitiu ela, levantando o olhar para ele. – Não totalmente. Não queria que ninguém me conhecesse. Mas você já conhece, não é?

– Sim.

Ele sujeitou-a bem perto, protetoramente e se elevou no ar.

Voaram através de um céu noturno tão escuro que era quase púrpura. Uma manta de faiscantes estrelas sobre suas cabeças. As poucas nuvens de tempestade que restavam, flutuavam bastante desfiadas. À distância, sob eles, a terra arrastava montanhas e vales, bosques e lagos que escondiam segredos ocultos, a longos tempos. Uma mistura do velho e o novo.

O fôlego do Joie parou em sua garganta. Estava entre aterrorizada e fascinada, ante a forma que Traian tinha assumido. Ele possuía as enormes asas de um imenso mocho, embora braços humanos que a sustentavam contra o suave e emplumado peito.

As plumas lhe faziam cócegas na pele, enviando arrepios por todo seu corpo, quando compreendeu que era tudo muito real.

– Não é melhor que pensar que está louca?

A diversão na voz dele em sua mente teria provocado uma reação, se tivessem no chão. Uma alegria hilariante estava substituindo seu medo.

– *Não estou segura se te quero dando voltas em meu cérebro. Era perfeitamente natural pensar que estava ouvindo vozes.*

– *Mesmo apesar de ser capaz de falar com seus irmãos, telepaticamente?*

– *Isso é totalmente diferente. Sempre fomos capazes de falar uns com os outros, mas não com ninguém mais. Pensávamos que era coisa dos Sanders. Mamãe e papai podem fazê-lo também.*

– Poderia ser considerada arrogância, pensar que só sua família era capaz de utilizar a comunicação telepática.

As luzes da estalagem iluminaram o slolo abaixo deles. Traian desceu a terra, a certa distância do edifício, onde as sombras eram mais escuras. A música saía alta, do edifício de dois andares, fluuando em todas direções. As pessoas se misturavam nos terraços e balcões, algumas dançando, conversando e apertando-se uns contra os outros.

– O festival. – Disse Joie. – Esqueci-o. Me olhe, pareço um desastre.

– Mas, preciosa para mim. – Objetou Traian. – Qual é seu quarto?

– Segundo andar, terceiro balcão da esquerda. – Ela sorriu-lhe. – Vamos entrar fluuando?

– Está fechada a janela?

– Isso não me deteria. Tenho habilidades ocultas.

As sobrancelhas de Traian se arquearam.

– Estou muito impressionado. Sou um caçador e estou seguro de que essas habilidades poderiam me ser úteis.

Ela semicerrou o olhar, fechando seus dedos na nuca dele.

– São úteis para um guarda-costas. Tenho um negócio e sei que sou a melhor.

– Estou seguro de que é. – Ele levou-a pelo ar rapidamente, desfrutando da forma em que ela se segurava a ele, apertando seus braços e ofegando enquanto se

lançavam para cima.

– Não ria de mim

– Não estou rindo.

– *Posso te sentir rindo. Sabe, não é normal voar pelo céu.*

– É normal para mim.

O piso do balcão era sólido sob seus pés. Soltou-se de seu pescoço, imediatamente.

– Genial, tinha que fazer isto com centenas de pessoas a minha volta.

– Não podem nos ver. Defendi-a seus olhos.

Ela olhou sobre o ombro.

– Somos invisíveis? Céus! Sua vida é assim tão fácil? Não me importaria ser invisível em minha linha de trabalho. Não duvido que aquelas criaturas estivessem assustadas.

– Eles voam e podem ocultar sua presença também.

Joie abriu a porta de seu quarto.

– Que perfeito para eles. De onde vêm?

Traian a seguiu para o interior do quarto. Ela ouviu seu profundo suspiro e se voltou.

– Não vai gostar de sua resposta.

– Os vampiros são Cárpatos que escolheram entregar suas almas em troca de um breve momento de poder, a emoção da morte. Nossos homens perdem suas emoções e a habilidade de ver cores, depois dos primeiros duzentos anos de existência. Alguns antes e outros depois, mas todos nós, cedo ou tarde perdemos tudo o que consideramos sagrado se não encontrarmos uma companheira. Nossa raça tem poucas mulheres e poucas crianças. Estamos ao beira da extinção. Há pouca esperança e cada vez mais, nossos homens estão se convertendo.

Havia compaixão nos olhos dela.

– Que coisa terrivelmente triste para todos vocês. Então você e os outros caçadores são obrigados a pegar os vampiros. Mesmo quando foram uma vez amigos

da infância... Ou família.

Ele assentiu, surpreso ante a enorme compreensão que lia em sua expressão. Claramente ela viu o que os outros não podiam, fundo sob a superfície, cada destruição de um amigo de infância ou um primo, haviam arrancado partes de sua alma, até que ele temeu que não ficara o suficiente. Sua compreensão, a compaixão que ela vertia sobre ele, mudou tudo. Sentiu-o. Sentiu o primeiro toque curador e o poder que esgrimia uma companheira. Ela estava ali em pé, com suas roupas molhadas e o rosto manchado de barro e era formosa para ele. Um nó se elevou de sua garganta e ele se virou, afastando-se dela, temendo deixá-la ver as emoções que ameaçavam estrangulá-lo. Como era possível que ela entendesse quanto significava para ele?

– Sinto muito, Traian. Sei que sequer posso começar a entender o que deve ter sido sua vida, mas sinto o peso em sua mente.

Mais que isso, ela sentia sua solidão. A intensidade de sua dor a sacudia. Sua vida havia sido severa. Feia e erma. Captaram aterradores retalhos de cenas de seu passado. Terríveis batalhas que duraram horas. Ferimentos gravíssimos e morte a seu redor. Ninguém que o reconfortasse. Ninguém que o cuidaria.

– Isto está se convertendo num hábito.

Joie fechou os olhos brevemente, curvada pelo desejo, mas a necessidade de envolvê-lo em seus braços e simplesmente o sustentar era maior.

– Tenho que avisar Jubal e Gabrielle. Posso sentir que estão por perto, então estou segura de que conseguiram. – Quando ela pegou o telefone para falar com eles, sua mão tremia.

Traian esperou enquanto ela falava com seus irmãos, assegurando que estava bem e que se encontraria com eles após tomar banho. Estava instantaneamente relaxada e sorrindo, com a voz suavizada pelo amor e firme, com segurança. Tinha esquecido muita coisa. Seu simples tom de voz lhe trouxe lembranças de sua vida, antes de abandonar sua terra natal para atender à chamada de seu príncipe.

Joie era incomodamente consciente de seu aspecto, agora que Traian estava olhando-a.

– Preciso de uma ducha.

– Isso é um convite?

Ela olhou os duros ângulos e planos de seu rosto. Seus escuros olhos insondáveis. Se a atração entre eles fosse meramente física, Joie teria se atirado sobre a cama e arrancado a roupa diretamente. Mas ele revolveia sentimentos aos quais não estava acostumada. Profundos e aterradores sentimentos, para uma mulher dona de seu próprio destino.

Vendo a indecisão escrita claramente em sua face, Traian sentiu como se seu mundo estivesse balançando na ponta de uma agulha. Tinha medo de se mover. Medo de falar. Sabia que sua união com ela seria inevitável. Teria-a. Era dela. Pertencia-lhe. Mas ainda assim, queria a decisão fosse dela. Queria que ela o quisesse do mesmo modo em que ele a queria.

– É um banheiro muito pequeno. – Disse ela.

Ela colocou as mãos nas costas e ele pôde se dar conta, de ela estava com medo de dar o passo seguinte. Mas o deu. Joie levantou o queixo e lhe sorriu, provocante.

Ele não esperou que ela chegasse até ele. Deu os poucos passos que os separavam e a deslizou em seus braços. Joie lhe sorriu.

– Isto se está convertendo num hábito.

Capítulo 8

O vapor embaçava o cristal claro do box, elevando-se para se enroscar em torno dos dois corpos que permaneciam sob o jorro de água quente. Joie deixou que a água caísse sobre ela, lavando seu cabelo e pele, limpando a sujeira de seu corpo. O cubículo do box era pequeno, obrigando-a a permanecer em estreito contato com Traian. Pensava que estava completamente preparada para a visão de seu masculino corpo, mas ficou quase sem fôlego. Ele era puro músculo, de peito largo e quadris estreitos. Não se atreveu a olhar sob sua cintura. Este homem não tinha modéstia quando se tratava de seus desejos. E ele a desejava, afrontosamente.

– Vai seguir retrocedendo, a cada vez que consigo me aproximar de você? – Havia um toque de diversão na voz de Traian. Seu tom era aveludado, escorregando sobre sua pele exposta, alertando cada terminação nervosa.

Joie ficou com a boca seca.

– É a única coisa segura que posso fazer. Desde que te conheci, a única coisa no que pensei é em te ter todo para mim, a sós e nu... – Ela afastou-se para trás, de forma um pouco desesperada. As fantasias eróticas eram maravilhosas, quando ele não estava de pé na frente dela, enorme e vivo e ainda quase um estranho. – Agora, definitivamente não faço idéia do que vou fazer com você.

– Lembro-me claramente, de você me contando que tinha uma longa lista de amantes. – Disse ele, com as mãos emoldurando sua face. Seu polegar ergueu o queixo de Joie, para fazer com que ela o olhasse. – O que estava planejando fazer com todos eles?

Havia um pouco de amargura em sua voz e seus dentes brancos se uniram com um golpe definido. Joie tentou deixar que um súbito sorriso florescesse desde seu interior, até mostrar-se em sua face.

– Não era real. Queria te dizer alguma coisa. – Era impossível afastar o olhar da escura intensidade de seus olhos, da fome que habitava neles. – Continuo pensando que isto aconteceu muito rápido. Na verdade não te conheço. Como terminei te trazendo para meu quarto? Estando nua contigo no banheiro? Sou uma pessoa reservada, não muito confiada e ainda assim você está aqui.

Ele fez tudo o que pôde para evitar beijá-la. Traian sabia que podia jogar de

um lado facilmente, todas as suas objeções. A atração entre eles era mútua. Elétrica. Consumia-os. Responderia-a com a mesma feroz necessidade que sentia por ela.

– Joie. – Sussurrou seu nome, com voz dolorida. – Se quer falar disto, sugiro que saíamos daqui e colocamos todo o espaço do quarto entre nós. Tivemos na mente um outro do outro durante semanas. Você me conhece. Sabe mais de mim do que a maioria das pessoas poderia aprender em toda uma vida. Conhece meu caráter e o que sou. E sabe que isto não é uma aventura. Isto é para sempre.

– Para sempre. – Ela saboreou a palavra. – Isso é muito tempo, Traian.

A água escorregou por seu corpo e o vapor os rodeou quando ela se apoiou nele de forma que as pontas de seus seios pressionaram contra o peito dele. Sentiu-o duro, forte e pesado com a necessidade de um homem. Uma tentação e uma súplica.

– Está me pedindo que tome uma decisão, cuja enormidade possivelmente não posso compreender. Amo a minha família, Traian. Realmente os amo e nunca seria feliz sem eles.

Ele inclinou sua cabeça para a dela. Aproximando-se. Seus lábios estavam a poucos centímetros dos dela.

– Sei o que te estou pedindo. E sei que tem reservas sobre sua família. Não quero voltar para uma existência sem você. Passe sua vida comigo, Joie. – Tentou-a Traian, amorosamente, deixando leves beijos em sua face, sobre os cantos de sua boca. Seus dentes mordiscaram o lábio inferior. – Passe várias vidas comigo, uma eternidade. Só comigo. Diga-me o quanto me deseja. Deixe-me ser parte de sua família.

Ela o fitou e viu a intensidade que ardia em seus olhos. Era tão ardente como um ferro de marcar, chamuscando um caminho para seu coração. Joie sentiu o impulso de sua necessidade, de sua solidão. Ele era um predador perigoso, não de todo humano. Mais poderoso que tudo o que ela houvesse sequer sonhado. E sexy. Tão sexy que parava seu coração. Seus braços já estavam deslizando-se ao redor de seu pescoço, seu corpo amoldando-se ao dele.

– Podemos ficar juntos, Traian? Como? Diga-me como.

Porque sempre fôra sozinha em meio a uma família que a amava. Sempre rodeada de pessoas, amigos, família e sempre à parte. Nunca soubera o porque, até que ouviu sua voz. Algo estivera perdido no mais fundo de si mesma, uma parte essencial

dela.

– Pode se converter no que eu sou. E ainda Joie, continuar parte de sua família, mas com os dons e as vulnerabilidades de minha raça. Ou posso envelhecer contigo. Minha força se debilitará e serei mais vulnerável a nossos inimigos. É sua felicidade o que conta, Joie. Quero estar sempre em sua vida.

Revoaram contrações em seu âmago. Sentia que estava à beira de um grande precipício. Joie tentou voltar atrás antes que fosse muito tarde. A enormidade do que ele estava oferecendo era de uma vez aterradora e hilariante. Ele afligia-a, com sua solidão, com a intensidade de seus próprios sentimentos, tão completamente estranhos para ela. Tentou refugiar-se no humor.

– Nem sequer sei como você é na cama.

– Quero que me conheça e que saiba o que estou te oferecendo. – Sua boca escorregou sobre sua face, desenhando as maçãs do rosto, do queixo, movendo-se para encontrar a pulsação frenética do pescoço. Seu hálito o enchia de calor, uma tentação sedutora tão poderosa, que sentia que seu corpo endurecia de desejo.

Ela estava em sua mente. Ele viu as possibilidades, claramente.

Viu seus dentes cravarem profundamente nele, fazendo-a sua, introduzindo-a em seu mundo.

Ou Traian ficava com ela como se fosse humano, envelhecendo com ela, vendo sua enorme força decaindo lentamente, sempre vulnerável aos inimigos. Duas escolhas. Dois mundos. Só o espaço de um batimento do coração, para decidir.

E ela sabia que tinha que responder, não porque ele exigisse, mas porque a intensidade de seus próprios sentimentos para com ele era tão grande, que precisava esclarecer o futuro em sua própria mente.

Os dentes dele beliscaram a pele, sua língua enroscou sobre a pequena dor. Sentia o batimento do coração de seu núcleo, o estiramento dos músculos que pulsavam procurando alívio.

– Joie. – Ele suspirou seu nome, novamente. – Amarei-a até o final de nossos dias.

A água deslizava sobre ela, realçando sua sensibilidade ao prazer. Ouviu a honestidade em sua voz. A pureza. Joie inclinou a cabeça de lado, para lhe dar um

melhor acesso e fechou os olhos com antecipação. Estava segura. Podia não entender o porque era o certo, mas nunca estivera tão segura.

E os dentes foram cravados profundamente na carne macia. Uma dor ardente atravessou seu corpo, dando passo instantaneamente, a tremores de êxtase. Estalavam relâmpagos em sua corrente sangüínea e quentes látegos de prazer a atormentavam. O calor crescia, ameaçando e consumindo-a. Sujitou-lhe, perto, movendo seu corpo excitadamente. Deveria tê-la assustado, a forma em que se sentia, devorando-a com ânsia, um desejo de luxúria mais sensual que nenhuma outra coisa.

Traian traçou cada linha e cada curva, gravando seu corpo na memória, esperando o momento que ansiara durante várias vidas. A pressa o golpeava, o apetite sexual se misturava com um escuro desejo, quase incontrolável. Durante vários séculos seu apetite permanecera insaciável, uma fome terrível que nunca podia ser suavizada, mas agora o sangue de Joie satisfazia sua desumana necessidade. Mas sua sexualidade permanecia insatisfeita. Estava duro, quente e pesado de desejo. Sua língua deslizou sobre as incisões de sua pele. Seus lábios desceram sobre o seio.

Antigas palavras vinham em sua cabeça. Sua mente estava tomada por palavras de um ritual impresso nele desde o nascimento. Uma vez pronunciadas, não haveria como voltar atrás.

Traian e Joie estariam unidos por toda a eternidade.

Um pequeno som escapou da garganta dela, para insistir-lo seguir adiante. Sua língua brincou e dançou sobre o tenso mamilo e apanhou as gotas de água que adornavam sua pele.

– Reclamo-te como minha companheira. Pertença a você. Ofereço-te minha vida. – Suas mãos desenharam o corpo de Joie, subindo para segurar os seios túmidos.

Seu rosto estava escuro e seu olhar intenso enquanto fitava os olhos dela. Joie sentiu um estranho toque em seu coração. Uma parte dela saboreou o medo, querendo choramingar para que ele se detivesse, mas outra parte abraçou suas palavras, entendendo a importância de cada promessa que continham. Deslizou as mãos sobre o peito dele e se inclinou para saborear sua pele e mordiscou-lhe diretamente sobre o coração. Nunca tinha sido das que removem, mas algo a urgia a cravar seus dentes nele, para conectá-los. Saboreou com sua língua, o duro músculo.

Ela estava matando-o. Seu corpo doía, uma dor aguda e forte que procurava

desesperadamente alívio.

– Dou-te meu amparo, minha lealdade, meu coração, minha alma e meu corpo. Do mesmo modo tomo em mim os seus para guardá-los. Sua vida, sua felicidade e seu bem-estar serão apreciados e colocados acima dos meus, sempre. É minha companheira e está unida a mim por toda a eternidade e sempre a meus cidadãos.

As palavras se verteram dele. O ritual de matrimônio Cárpato, tão antigo como o tempo. Sentiu os milhares de diminutos fios ligando-os, unindo-os.

Segurou-lhe o queixo na mão, elevou-lhe a face, encontrando seus lábios quase às cegas, desejando devorá-la. Ela abriu sua boca para a invasão dele, fundindo-se com ele. Traian a elevou nos braços, beijando-a e levando-a para a cama, embalando-a em seu colo, de forma que a pesada ereção pressionasse firmemente contra suas nádegas. Sussurrou em sua língua, uma ordem firme, enquanto com a unha desenhava uma linha no peito.

Joie beijou sua garganta e seus lábios deslizaram por seu pescoço, depois desceram, encontrando infalivelmente seu peito e o corte ali, aberto. Uma ardente chama explodiu dentro dele, uma tormenta de emoções e sensações. Segurava a parte de trás da cabeça dela, que encaixava na palma de sua mão, sujeitando-a, animando-a a fazer o intercâmbio. O calor espalhou por seu corpo. Ardia por ela, seu corpo estava duro e dolorido por ela, o prazer deslizava através de seu corpo. Traian se moveu, inclinando Joie para deixá-la mais cômoda, baixando-a para não romper a conexão entre eles. Quando esteve seguro de que ela havia tomado o suficiente para um autêntico intercâmbio, sussurrou a ordem para curar-se e fechar o ferimento. Em seguida, sua boca estava sobre a dela, roubando ar e dando-lhe o seu próprio.

Joie não podia se lembrar de como havia terminado sob ele, com o quadril estreito entre as pernas. As mãos enormes estavam em todas as partes, tocando, acariciando e incitando. Não havia um centímetro de sua pele que ele não houvesse explorado. Ouvia o próprio grito estrangulado, quando Traian afundou os dedos em seu interior, sentiu como seus músculos se fechavam firmemente a seu redor. Estava preparada para ele. Esperando por ele. Desesperada por sua invasão. Segurou o quadril dele com as mãos, puxando-o para si, numa frenética tentativa de encontrar alívio. Nunca quisera ou necessitara tanto uma coisa, que sentir o corpo dele, profundamente em seu interior.

Traian, seguro de que ela estava preparada para ele, elevou os quadris e se introduziu nela com uma longa e profunda penetração. Ela gemeu de prazer, arqueando-se para ele, encontrando-o. Ele gritou, incapaz de permanecer em silêncio enquanto se inundava dela. Ela era sedosa, fogo e veludo, enquanto sua feminilidade o envolvia firmemente.

Joie se segurou nele, incapaz de fazer muito mais que o sujeitar, elevando seu corpo ansiosamente ao encontro dele e o conduzir mais forte e mais profundo, emergindo juntos em uma dança tão selvagem e feroz, que ela desejou que durasse sempre. Estavam pele a pele. Seus corações pulsavam ao mesmo ritmo selvagem. O ar rangia com a eletricidade e saíam faíscas de cada terminação nervosa.

A pressão cresceu, até que ele pensou que poderia gritar com a alegria que explodia dela, para ele.

Então ela o sentiu em sua mente. Sentiu as sensações do corpo dele, a acumulação de uma imensa força, quase como um vulcão. Quente. Enorme. Um vulcão de desejo e fome, misturada com a intensa emoção e pura luxúria. Ele encheu-a com fogo e calor, uma sobrecarga de pressão crescendo dos dedos de seus pés até o alto de sua cabeça. Ao mesmo tempo, ele sentiu sua reação, as ondas de prazer que a alagavam, correndo sobre ambos, consumindo-os completamente.

Joie gritou por ele, chamou-o e se apegou a seu corpo com força, enquanto transbordavam o limite, lançando-os livre através do espaço, com selvagem alegria.

Não podiam respirar, pois seus corações pulsavam fora de controle.

– Acredito que vi foguetes. – Sussurrou ela sobre seu peito.

Ele sorriu largamente.

– Acredito que produzimos foguetes. – Ele deitou-se sobre ela, seu membro ainda firmemente em seu interior, enquanto a beijava lentamente. Totalmente. Devagar. Saboreando-a. – Obrigado por me encontrar, Joie.

– De nada, Traian. – Respondeu ela, simplesmente. Estava se movendo e cada pequeno movimento, enviava ondas de prazer através de seu corpo inteiro. – Posso ouvir nossos corações pulsando. Ouço-os de verdade, como tambores latentes. E posso ouvir o sangue movendo em suas veias. É normal? Porque se for, nossa!

Ele sorriu e o som vibrou através dela fazendo com que seus músculos se

apertassem ainda mais em torno dele.

– Pense em baixar o volume. Nossas mentes são muito poderosas. Pode controlar o volume com um pensamento. – Traian mordiscava-lhe o lábio inferior. – Pense nisso e poderá ouvir cair um alfinete no quarto ao lado. Mas se quiser silêncio, simplesmente baixe o volume.

– Não me sinto muito diferente por dentro. Pensei que notaria mudanças.

– Não passaste ainda pela conversão, Joie. É preciso três intercâmbios de sangue. Nós já intercambiamos uma vez. – Ele segurou-a firmemente nos braços e virou-se, levando-a com ele, para que ela ficasse sobre ele.

Ele enchia-a completamente, ainda duro e grosso, com o que cada movimento enviava prazer por todo seu corpo. Suas mãos acariciaram os seios firmes.

– Quero ver você. Ainda acho difícil acreditar que tenha te encontrado. Que estou contigo.

Deliberadamente, Joie se moveu num longo e lento movimento para cima e para baixo, incitando-o. Sentiu que ele estremeceu, tomado pelo prazer e arqueou as costas, conseguindo um melhor ângulo para introduzir-se mais em seu interior.

– O que está esperando?

Traian viu-se, suado e úmido, através dos olhos dela.

– Quero dar tempo a seu corpo para se acostumar às mudanças.

Foi difícil pronunciar as palavras e manter um pensamento coerente, enquanto ela investia fortemente sobre ele, com rápidos, mas longos e profundos embates. O fogo lambeu suas vísceras, as chamas erupcionaram sobre sua pele e o calor se apressou a seu centro, recolhendo-se ali e rugindo fora de controle.

Deixou que o êxtase sexual se estendesse sobre ele, através dele, tomando posse dele, enquanto observava o corpo dela deslizando-se, a forma em que seus músculos se moviam sob a pele, à forma em que seus seios dançavam, seus mamilos endurecidos, lhe tentando. O puro prazer na face bela e lisa. Seus pensamentos, completamente concentrados em proporcionar prazer a ambos, eram suficiente para lhe fazer transpor o limite. Aumentou o ritmo, empurrando-se para cima, conduzindo-a quando ela descia para ele. Cada investida lhe roubava o fôlego, roubava-lhe o coração. O corpo dela acariciava o seu. Ela estava úmida, quente e firme. Levando-o ao limite e desejando

mais. Sentiu seus músculos se contraírem, apertando-o até que ambos arderam em chamas.

Joie se deitou a seu lado, incapaz de se mover, desejando gargalhar de alegria. Seus dedos encontraram os dele, enredando-os e sujeitando-os. Acreditava em viver sua vida trabalhando, mas sempre pensara que seria sozinha. Pela primeira vez em sua vida, sentia-se completa e com absoluta satisfação. Sentia-se completa e absolutamente em paz.

– Eu me sinto exatamente igual. – Disse Traian. – Não posso evitar de me perguntar se de ter sido você a Carpató e eu o humano com uma amorosa família, tivesse sido capaz de confiar, como você confiou. Não sabe o que sua fé e sua confiança significam para mim.

Joie voltou à cabeça, com um sorriso travesso na face.

– Decidi que eu gostei de voar e mudar de forma seria genial. E se fizer alguma coisa de tola, como me enganar ou escapar com outra, sou muito boa com uma faca.

O arqueou uma sobrancelha.

– Pensava que estaria preocupada em ter que deixar a comida. Cheira bem. Inclusive a provo de vez em quando.

– Ninguém me disse nada de deixar a comida. – Ela olhou-o, séria. – Há certas coisas que uma mulher não pode fazer, Traian. O chocolate em certos momentos do mês é essencial para a saúde. Não necessariamente para minha saúde, mas para a de todos os homens dos arredores. Não vou deixar o chocolate, nem sequer em troca de excelente sexo.

Traian se levantou apoiando-se em um cotovelo, a ponta de seus dedos desenharam um círculo em volta dos mamilos incitantes.

– O chocolate é importante, é?

– Essencial. Absolutamente essencial. Isso não é negociável.

– Que tipo de chocolate você gosta?

– Chocolate escuro, é óbvio. Tem que ser de outro tipo?

Ele baixou a cabeça para sugar o mamilo, só para sentir sua reação. Sua língua se enroscou sobre ele, antes de beijá-la. O beijo foi longo, lento e completo. Quando ele

levantou a cabeça, sorriu brandamente ao ver sua expressão. Ela olhou-o fixamente, assombrada, tocando os lábios com a mão, maravilhada ante o sabor de chocolate em sua boca.

– Como você faz isso?

– Você precisa e eu lhe dou... Assim é como funciona. Acredito que gostará de ver seus irmãos esta noite.

Ele a fez levantar-se.

– Pode fazer isso cada vez? Acredito que vai me fazer gostar deste assunto de companheiros.

Traian sorriu, apenas capaz de acreditar na felicidade que surgia em seu interior. Não se atrevendo a acreditar que Joie era real.

Capítulo 9

Joie permanecia em pé na soleira da porta do salão e seu olhar examinava a multidão como sempre fazia, obtendo uma percepção da multidão, captando o único que provavelmente causaria problemas, o único que parecia mais interessado neles, do que deveria. Divisou um homem alto e de cabelos escuros, que levantou o olhar quando ela entrou com o Traian. Rapidamente, ele afastou o olhar deles, mostrando um repentino interesse por sua bebida, mas diria que os estava observando cuidadosamente. Um segundo homem atraiu seu interesse. Estava sentado em uma das cadeiras de respaldo alto, próximas ao fogo, com um jornal nas mãos. Era baixo, magro e estava com óculos de leitura. Estava olhando por cima do jornal, para Gabrielle.

Jubal se voltou e saudou Joie. Gabrielle levantou o olhar, soltou um grito alegre e se apressou para ela. Joie se preparou para ser virtualmente enrolada quando sua irmã se lançou sobre ela, abraçando-a alegremente. Sobre o ombro de Gabrielle, notou que o homem dos óculos passeava o olhar, dela para Traian. O reconhecimento flutuou em sua face. Ele dobrou cuidadosamente o jornal e o colocou na mesinha à frente dele, antes de se levantar.

– Train. – Advertiu, Joie. Gentilmente, ele colocou Gabrielle de um lado e um pouco a suas costas.

Traian ficou ligeiramente surpreso quando compreendeu que o homem magro era humano e mesmo assim reconhecia quem e o que era Traian. Notou com diversão que Joie tinha tentado colocar seu corpo entre ele e o estranho. A onda de alegria e afeto, uma ligeireza em seu coração e sua alma, fez-lhe tremer. Não podia se lembrar de que alguém, em sua longa vida, se preocupou por ele ou tentado protegê-lo. Esse pequeno gesto significava um mundo para ele.

Sob isso, estava sua fé nele. Fazia um ato de fé, comprometendo-se com sua forma de vida, com seu mundo. Acreditava que ele procurava sua felicidade acima da própria e queria lhe dar felicidade em troca. Sentiu o louco desejo de pegá-la em seus braços e voltar correndo para o quarto, onde poderia lhe fazer amor diversar vezes. Fitou-a, deixando que a idéia brilhasse tenuemente em sua mente, enchendo de calor seus olhos.

Joie riu.

– Estou indo...

Gabrielle olhou de sua irmã para Traian e gemeu.

– Oh! Não, Joie! Deixamos você sozinha com ele uns poucos minutos e já lhe seduziu?

Joie encolheu os ombros, impenitentemente.

– Tenho que admitir que ele é muito ardente.

– Direi a mamãe.

– Bem, dane-se você! Se disser uma só palavra à mamãe, contarei a ela que você está pensando em aceitar esse trabalho para estudar o vírus Ebola. Sabe o que ela fará quando ouvir isso, não sabe?

– Você não se atreveria. – Disse, Gabrielle e se aconchegou no ombro de Joie, enquanto o magro forasteiro se aproximava, tentando sem êxito fazer sua irmã sair de lado, para ter uma melhor visão do homem. – Isto é uma loucura, Joie. Há algo mais em um homem, que músculos. – Ela sorriu abertamente, para Traian. – Não se ofenda com nada disso.

– Não o farei. – Assegurou-lhe ele.

– Está com a língua de fora, Gabrielle. – Sussurrou Joie.- Deixe de paquerar com o homem. Está desmaiando a seus pés! Este deve ter um QI intelectual de duzentos. – Ela olhou para Traian. – Nenhum homem que eu tenha cuidado, poderia sustentar uma conversa normal com ela. Acredito que ela pode ver diretamente através de seus cérebros. – Joie acotovelou sua irmã. – Seus olhos estão saindo das órbitas.

– Só estava olhando. – Gemeu, Gabrielle. – Ao menos não me atiro sobre ele e me exibo destruindo trolls recém saídos da sepultura.

– Eu adorei que ela fizesse isso. – Assinalou, Traian.

– Sim...Bem, suponho que sim, sob aquelas circunstâncias. – Concedeu Gabrielle. – Mas está com uma grande mordida no pescoço. Se mamãe notar, haverá conseqüências.

Traian mostrou os dentes brancos e fortes para ela.

– Acredito que poderei dirigir sua mãe.

Gabrielle e Joie olharam uma para a outra e romperam em risos.

– É impossível, Traian! Inclusive para você. – Disse Joie.

O homem parou diante deles e estendeu a mão para Traian, embora Joie notou que seu olhar se voltava continuamente para Gabrielle.

– Sou Gary Jansen. Envia-me a você, Mikhail Dubrinsky. Pedi-me que apresentasse suas desculpas, mas circunstâncias desafortunadas o impediram de vir, ele mesmo. Se for necessário, ele pede que o avise e ela enviará Falcon. O irmão de Mikhail está na Itália neste momento, então me enviam para recolher as informações lhe ajudar no que puder.

Traian estreitou a mão de Gary, firmemente.

– Sou Train Trigovise. Esta é minha companheira, Joie Sanders e sua irmã, Gabrielle. Confio em que o príncipe e sua companheira estejam bem.

– Raven esteve doente. – Disse Gary, brevemente.

Traian captou o eco do pensamento de Gary. Aborto. Joie deslizou sua mão na dele, numa oferta de condolências, que traiu o fato de que ela era uma sombra silenciosa em sua mente. Podia não entender a importância das notícias, mas podia sentir sua dor.

– Temos que conversar em algum lugar tranquilo. – Disse Traian. – Trago notícias que o príncipe deveria ouvir.

Jubal se uniu a eles, deslizando um braço ao redor de suas duas irmãs e esperando ser apresentado. Traian o fez, enquanto seguiam Gary através do salão, à comparativa tranquilidade de seu quarto.

– Agradável! – Comentou Jubal. – Nós estamos no segundo andar, com pequenos balcões. Isto é estupendo! – ele olhou para fora, através das portas, para o espaçoso terraço. – Joie, devemos ter perdido nossas reservas aqui, no andar de baixo.

O rubor se estendeu sob a pele de Gary e ele olhou para Gabrielle, enquanto se apressava em recolher a roupa de uma cadeira.

– Lamento a desordem.

Gabrielle lhe sorriu.

– Deveria ver meu quarto, então. Estivemos numa caverna e nossas roupas estão asquerosas. Só podia pensar em tomar uma ducha. – Ela ruborizou sem razão aparente e se afastou de Gary, para estudar o terraço em que Jubal parecia tão

interessado.

– Mikhail queria te perguntar porque você não lhe deu simplesmente a informação, quando pediu que alguém se reunisse contigo aqui. – Disse Gary.

– Teria que ter usado o vínculo telepático comum e os não-mortos teriam ouvido o que dizia. – Disse Traian. – Nunca intercambiei sangue com o príncipe e não disponho de um vínculo telepático privado. Era melhor manter minhas notícias em segredo.

Gary assentiu para os irmãos Sander.

– Me perdoe por perguntar, mas... Está seguro que todo mundo aqui é de confiança?

– Estou mais seguro deles do que estou de você. – Respondeu, Traian.

Gary sorriu, relaxando pela primeira vez.

– Isso é suficiente para mim. Posso entregar a Mikhail, suas notícias, embora ele me pediu que o levasse de volta para casa, logo que fosse possível. Ele está chamando todos os antigos que seu pai enviou para fora. Ele precisa de seus conhecimentos, para tomar decisões sobre a iminente guerra com os não-mortos.

– Onde está seu sucessor? Temo que a vida de nosso príncipe está em perigo. Eu não gosto do fato de que os não-mortos se atrevam a se esconder tão perto de nossa terra natal.

– Gregori está nos Estados Unidos, mas voltará logo. Falcon e Jacques permanecem perto do príncipe.

– Há muitas cavernas sem conhecimentos, nestas montanhas. – Disse Traian. – Voltei para a terra e numa delas, tropecei com vários vampiros. Estão procurando algo escondido e estão tão ansiosos por encontrá-lo, que me atacaram em vez de me evitar, como seria normal. Tivemos várias batalhas. Destruí dois deles, embora mais de um professor vampiro viaje com eles e são extremamente poderosos. Estava seriamente ferido após uma das batalhas e eles me encontraram em meu lugar de repouso. Em vez de me matar, decidiram utilizar meu sangue para poder continuar procurando. Joie e seus irmãos me encontraram. Joie matou um dos vampiros.

– Algo parecido. – Corrigiu Joie, quando Gary a olhou com admiração. – A maldita coisa destroçou minha faca favorita. Traian teve que incinerá-lo antes que

estivesse acabado de tudo. – *Ele não é como você, Traian. É humano.*

– *A poucos humanos é confiado o conhecimento que tem ele sobre nossa gente. Mikhail deve lhe respeitar muito para enviá-lo a mim.*

– Os vampiros são difíceis de matar. – Disse Gary. – E mais com um professor vampiro nas cercanias é muito perigoso para encetar-se em uma batalha. – Ele esfregou a ponta do nariz. – Eu sou um bioquímico, não um caçador, mas vi os resultados do que um vampiro pode fazer aos humanos. É aterrador.

Gabrielle estremeceu, visivelmente.

– Acredito que Joie estava se divertindo ali na caverna, mas tudo o que eu queria era me esconder sob a cama. E ainda penso nos vírus e algum microrganismo que tocamos, lá embaixo. – Fez uma careta. – Acredito que deixarei a caça de vampiros para os peritos. Se nunca voltar a ver ou ouvir outro, serei feliz.

Joie lhe sorriu.

– E eu aqui planejando fazer disto minha nova carreira.

– Isso não tem graça, Joie. – Disse Jubal. – O que faz já é bastante ruim. Consegue deixar todos nós, de cabelos brancos. Mantenha-se longe dessas coisas.

– Como conseguiu se misturar a tudo isto? – Perguntou Gabrielle a Gary curiosamente.

Ele pareceu tímido.

– Na verdade, desenvolvi um composto para paralisar o sistema dos Cárpatos, pensando é óbvio, que eram vampiros. O composto se converteu num veneno e foi usado para torturar e dissecar tudo o que a sociedade humana de caçadores de vampiros considerava um não-morto. Quando tentei enfrentá-los e resgatar a uma de suas vítimas, conheci Gregori. – Ele encolheu os ombros. – Não posso descrever Gregori ou o como fui lhe conhecer, mas ele mudou minha vida. À sociedade gostaria de me ver morto e para me proteger, Gregori me enviou para cá, para ajudar com a investigação. Eu gosto disto e tenho feito grandes amigos, assim que fiquei. Havia muito respeito na voz do Gary

– Quem é Gregori? – Joie era curiosa.

– É o sucessor do príncipe. Um grande caçador e médico. Bem, um curador.

Sua companheira é a filha do príncipe.

Joie levantou o olhar para Traian.

– Posso ver que os Cárpatos têm uma sociedade complexa. Por que não soubemos que sua existência até agora?

– Temos muito cuidado em não nos misturar com o mundo humano. Foi nossa forma de agir durante séculos e nos funcionou bem. Infelizmente, nossa raça está à beira da extinção. – Traian puxou Joie, para ele. – Sem companheiras, não sobreviveremos.

– Companheiras? – Repetiu Jubal.

– Um homem encontra a mulher que é sua outra metade e a liga a ele, como fazem vocês, com a cerimônia do matrimônio. Se ela é humana e não vive completamente em nosso mundo, pode ser muito difícil. Os companheiros não podem se separar durante longos períodos de tempo. Temos um forte vínculo telepático e devemos tocar nossas mentes com frequência ou cada um começa a sofrer pelo outro. Como os Cárpatos não podem se adaptar de todo ao mundo humano é normalmente melhor para o humano adaptar-se a nosso mundo. – Explicou Traian.

Jubal e Gabrielle trocaram um apreensivo olhar.

– O que é que faz exatamente esse vínculo?

– Jubal. – Protestou, Joie.

– Não, Joie! Quero saber do que ele está falando. – Jubal não olhava para sua irmã, mas para Traian. De homem a homem. Esperando uma resposta. Exigindo uma.

– Joie consentiu em entrar totalmente para meu mundo, Jubal. – Disse Traian, com voz baixa e sem inflexão. – A protegerei. Cuidarei e procurarei sua felicidade acima de tudo. A conversão não a separará de sua família. Ela nunca seria feliz longe de vocês. Espero que você, sua irmã e seus pais sejam capazes de me aceitar em seu mundo, em sua família, da mesma forma que sei que minha gente aceitará Joie na minha.

Jubal jurou baixinho e se afastou deles, para olhar fixamente para fora, para o interior da noite.

– Joie, pensou atentamente? Sabe o que ele está pedindo?

Joie foi para seu irmão e colocou os braços ao redor dele.

– Nunca senti ue pertencia verdadeiramente a alguém, Jubal. Aceitava que era diferente e se fui feliz é porque eu gosto de meu trabalho e amo minha família, mas quero mais que isso. Traian me ofereceu mais e pegarei a oportunidade, com as duas mãos.

– Você ouviu o que ele está dizendo? Isto não é um matrimônio humano, Joie, no qual pode deixá-lo se as coisas não funcionam como pensa.

Traian se colocou junto a Joie e seus dedos se entrelaçaram com os dela.

– Os companheiros não só querem estar juntos, Jubal, precisam estar. Encontram a forma de fazer as coisas funcionarem. Um homem Cárpatos sabe o que faz feliz sua companheira e faz tudo o que está em seu poder para fazê-lo, por ela. E funciona de ambos os lados. Temos contínua comunicação telepática entre nós e assim, de certo modo, estamos acostumados a viver um na cabeça do outro. Sei que isto pode ser uma grande mudança e estou tentando com todas minhas forças dar a Joie tanto espaço, como preciso. Mas ela está aprendendo rapidamente.

– Isto é o que eu quero, Jubal. – Disse Joie. – Se alegre por mim.

– Conheço-a, Joie. Não vais ficar satisfeita sentada a um lado, enquanto há vampiros rondando por aí. Vais tentar salvar o mundo.

Joie não podia mentir a seu irmão.

– Provavelmente. Por outro lado, não tenho intenção de deixar meu trabalho. Acredito que Traian poderia trabalhar comigo.

– É onde é necessário que tenha fé em mim, Jubal. – Disse Traian. – Não posso permitir que nada aconteça a Joie.

Jubal riu, sem humor.

– Não conhece Joie, se pensar que vai estar protegendo-a. Provavelmente, será o contrário.

– Perdoem por interromper, mas estou rodeado da raça dos Cárpatos há algum tempo. – Disse Gary – Traian é um antigo homem Cárpatos. É muito mais poderoso do que podem imaginar e eles não permitem que suas mulheres corram nenhum perigo.

– Mas não conheceu ninguém como Joie, antes. – Assinalou Jubal. – É a guardiã do mundo.

– Deixa de se colocar contra mim, Jubal. Pelo menos eu vou perseguindo gente, não pequenos organismos que não pode ver e sobre os quais não posso fazer nada.

– Ei! – Objetou, Gabrielle. – Não dirija o objetivo para mim.

Um pequeno sorriso curvou a boca de Traian.

– Acredito que esteja me desvalorizando por causa de nosso primeiro encontro, quando estava prisioneiro. Sobrevivi a incontáveis batalhas com os não-mortos, Jubal. Um professor vampiro é tão poderoso como nosso maior caçador. – Ele olhou para Gary – Mikhail deve saber que eles estão viajando em grupos e ouvi perturbadores rumores de que estão planejando alguma coisa. Também acredito que é importante descobrir o que estão procurando. Os vampiros sempre procuram poder. Nunca esbanjariam tempo trabalhando em algo, a menos que o resultado fosse poder.

Gary assentiu.

– Eu contarei a Mikhail.

– Voltarei para a caverna antes que caia o sol amanhã. Espero surpreendê-los, antes que se levantem. Em todo caso, tentarei descobrir o que procuram.

– Por que justo antes do anoitecer? – Perguntou Jubal, curiosamente.

– Sou débil e vulnerável enquanto o sol está alto. – Admitiu Traian, sem vacilação. – O vampiro está também em seu momento mais vulnerável. Se me levantar antes que eles, posso ser capaz de destruí-los antes que reúnam forças.

– Bem, é óbvio que vou contigo. – Disse, Joie.

Traian levou a ponta de seus dedos aos lábios, respirando ar sobre eles.

– Posso viajar mais rápido sozinho, Joie. E ainda não aprendeu a evitar que leiam sua mente. Colocaria-me em perigo, porque seus pensamentos estariam desprotegidos.

O olhar de Joie flutuou para Gary. O homem assentiu.

– Eles são aficionados em ler nossos pensamentos e inclusive a nos controlar. Traian pode se aproximar deles, sem que sejam conscientes de sua presença, mas a notariam no momento em que se aproximasse.

Joie franziu o cenho.

– Eu não gosto da idéia de que vá sozinho, Traian. Há vários deles, e admitiste que há mais de um professor vampiro. Poderia te ajudar. Pode lhes bloquear para que não leiam meus pensamentos?

– Provavelmente, mas seria mais trabalho a realizar, mais energia a gastar. Tenho que ir rápido e direto e sair do mesmo modo.

Jubal imediatamente ficou do lado de sua irmã.

– Que tal se ficamos perto, esperando, no caso de você ter problemas? – Sugeriu.

Gabrielle assentiu.

– Acredito que seria o melhor, Traian. Podemos não ser capaz de incinerar as coisas, mas poderíamos atrás-los, para você.

Traian olhou os três. Família. Solidariedade.

Jubal e Gabrielle podiam não estar de acordo com a escolha de Joie. Podiam ter medo por ela. Mas quando ela precisava, estavam a seu lado. Inclinou a cabeça e beijou Joie diante deles. Era isso ou humilhar-se, mostrando as lágrimas que brilhavam em seus olhos. Um nó em sua garganta ameaçava estrangular-lhe.

– Obrigado por me permitir ser parte de sua família, Joie. Eles são maravilhosos. – Traian, levantou o olhar para Jubal. – Aprecio a oferta, mas será mais seguro para mim, que fiquem aqui. Se precisar de ajuda, entro em contato com a Joie, imediatamente.

Ele olhou para Gary, acima de suas cabeças e o mensageiro do príncipe assentiu cuidadosamente. Cuidaria da companheira de Traian e sua família. Uma questão de honra no mundo Cárpatos.

Capítulo 10

Joie estava sonhando com a boca quente e úmida de Traian, que ele acariciava seus seios e seu corpo. Com lábios, ele que viajava por sua pele nua até seu umbigo. Eram beijos atormentadores. Mãos em suas coxas que afastava lentamente suas pernas, para separá-las. Estava úmida e preparada para ele.

Abriu os olhos, enquanto sensações estalavam através de sua mente, como um presente. A riqueza do sedoso cabelo negro de Traian deslizava sobre sua pele, a vista era mais erótica do que jamais podia imaginar. Os dedos longos moviam dentro dela, procurando caminhos e segredos pelos quais esparramava fogo através de suas veias. Depois sua língua ocupou o lugar das mãos, entrando profundamente dentro dela, saboreando, atormentando e acariciando até que ela soluçou e seu corpo já não mais lhe pertenceu. Orgasmos atrás de orgasmo ondearam através do seu corpo, fazendo-a se convulsionar, enquanto ele a sujeitava firmemente, devorando-a, reclamando-a, alimentando seu prazer.

Acariciou os cabelos negros, sujeitando-o, enquanto a terra se movia e seu corpo explodia em pedaços.

Ele tomou posse dela, penetrando-a, segurando seus quadris para ele, arremetendo-se profundamente em poderosos impulsos, enquanto ela chegava ao selvagem clímax, que parecia interminável. Ele estava em todas as partes. Traian estava em seu corpo, em sua mente e seus corações pulsavam ao mesmo ritmo. Joie podia sentir a intensidade de suas emoções, a profunda onda de desejo e amor, de necessidade e fome absolutas, de carinho e lealdade, além do que podia entender, mas absolutamente real.

Joie se segurou a ele enquanto seu corpo estava saindo da tormenta de misturadas emoções, cada investida mais profunda e mais forte que a outra, numa união feroz e poderosa.

Traian ouviu trovões rugir em seus ouvidos, estalaram relâmpagos em seu sangue, fogo dançou em suas veias, até que a conflagração emergiu unida ao centro de seu corpo. O sexo dela era calor ardente, firme e suave veludo. Era uma sensação incrível e inédita. Inclinou os quadris, procurando arrastar-se para o interior de seu corpo, para sua casa. Seu santuário, após várias vidas de solidão. Queria lhe dar o mundo, desejava provocar em seu corpo as mesmas sensações de paixão e prazer que ela

acendera nele. Sentiu os músculos dela se fecharem em torno de seu membro. Jogou a cabeça para trás, deixando que seu corpo explodisse com a intensidade de um vulcão, levando-a com ele, sujeitando-a contra ele, enquanto estalavam a luz do sol, na única vez em sua vida em que poderia abraçar algo parecido. Moveu-a entre os braços, pressionando o corpo dela com o dele.

– Não vá embora, nunca. – Sussurrou-lhe ao ouvido. – Nunca mais me deixe enfrentar anos intermináveis, sozinho.

Joie sujeitou o rosto dele entre as mãos, jogando o longo e sedoso cabelo negro para trás e olhando-o, fixamente. Cada linha gravada em seus formosos traços masculinos, colocadas ali por batalhas e anos de conhecimento de que coisas horríveis caminhavam sobre a Terra. Colocada ali pela crua solidão.

– Quero estar com você, sempre, Traian. Encontraremos nosso caminho, juntos.

Ele se inclinou para ela, beijando-a gentilmente, com deliciosa ternura, com um amor tão grande em seu coração que não podia expressá-lo com palavras, mas tentou mostrar, adorando seu corpo. Beijou-a longamente. Beijou embriagadores, com seu corpo encerrado nas profundezas do dela e suas mãos em seus cabelos. Deixou vagar a boca por sua garganta, descendo para seus seios, procurando infalivelmente, seu coração.

Joie sentiu a carícia de sua língua e seu coração pulsou de antecipação. Seu corpo se apertou ao dele. Uma dor ardente a atravessou, deixando caminho imediatamente ao prazer. Embalou-lhe a cabeça enquanto ele se alimentava, enquanto seu corpo se movia lenta e eróticamente no mais fundo do dela. A sensação não se parecia com nada que conhecia. Retorceu-se, desamparadamente sob ele, arqueando seus quadris para cima para encontrar-se com o dele. Os seios doíam, ansiosos. Quando a mão dele cobriu um deles e seu polegar acariciou um mamilo, ela pressionou a cabeça dele mais perto de sua carne, oferecendo-se mais a ele.

Traian deslizou a língua sobre as pequenas marcas, saboreando a tentação de seu seio, antes de encontrar sua boca para compartilhar o sabor de suas essências vitais. Demorou saboreando sua boca e explodiu completamente, torturando e dançando até encontrar o êxtase dela.

– Entre em meu mundo, Joie. Está um passo mais perto.

Nesse momento ela estava envolta em uma neblina de sono, consciente das sensações do corpo dele, enquanto se movia inquietamente, desenfreadamente sob ele. Quando moveu os lábios contra o peito másculo, tomando seu prezado presente, lhe acariciou a garganta com os dedos. O corpo dele endureceu novamente dentro dela, movendo-se com maior força e intenção.

Ela sentiu as chamas quentes, brancas e puras, ardendo em suas veias, pulsando através dele.

Devia estar horrorizada, mas não estava. Estava alvoroçada por ser capaz de lhe dar tanto prazer, tanta felicidade. Desejava entrar totalmente em seu mundo, desejava muito mais. Moveu-se agressivamente até que ele explodiu em seu interior com toda sua força e poder, até que ela sentiu a coleta de cada terminação nervosa, de cada músculo e fluxo de sangue, até que voaram juntos, mais alto.

– Desejo mais tempo contigo. Desejo tocar seu corpo e conhecê-lo da mesma forma em que você conhecerá o meu. Desejo ver as coisas que você viu e te fazer sentir como você me faz sentir.

– Temos tempo. – Disse ele. – Todas as coisas com as quais fantasia, todas as coisas que lhe importam... Temos tempo para tudo. – Gentilmente, ele a fez deixar de se alimentar, fechando as incisões de seu peito. Deitou-a na cama, suas mãos gentis e amorosas acariciaram a pele nua, enquanto a conduzia até deixá-la totalmente fora de controle. – Tenho que ir, Joie. Dormimos todo o dia e está quase anoitecendo. Tenho que encontrar ao professor vampiro antes que ele se levante.

– Tem idéia de onde procurar? – Ela desenhou sua face e sua boca, com a ponta de seus dedos.

– Espero que não tenha deixado a caverna. Estavam relutantes em sair antes, mas não tínhamos descoberto ainda as armadilhas dos magos. É um lugar perigoso, até para os não-mortos. Possivelmente, especialmente para os não-mortos.

– Me prometa que entrará em contato comigo se tiver problemas. – Olhou-o diretamente nos olhos, insistindo na verdade.

– É minha companheira, Joie. Se eu tiver problemas, saberá. – Traian inclinou a cabeça para beijá-la. Lentamente. Atrasando-se. Vertendo seu coração e sua alma nisso.

Imediatamente, Traian se fôra. Joie estendida entre os lençóis, olhava fixamente para o teto, com o coração pulsando de medo. Ele saiu, deslizando-se através da janela,

numa nuvem de vapor estremeando-se no ar. Ainda não se colocara o sol, mas se sentia como se o sol tivesse descido em seu mundo.

– *É o efeito de nossa conexão. Estou sempre contigo. Sinta com sua mente, como deve fazer um Cárpatu. Levarei tempo aprender nossos costumes, eu sei, mas não posso deixar que o sofrimento te envolva quando estou vivo, bem e capaz de te alcançar.*

Decidida a combater sua dor, Joie se sentou.

– *É assombroso quão forte é o sentimento. E é aterrador pensar que esta emoção é mais forte que a lógica. Sei onde está, mas ainda tenho a necessidade de te tocar. Não tem nenhum sentido.* – Joie considerava-se uma mulher muito lógica. Não gostava deste sentimento fora de controle, um temor negro que lhe roubava seu sentido comum e sua capacidade de raciocinar. Levantou o queixo. Estavam sentindo mudanças em seu corpo e mente, mas isso não significava que se deixasse levar pela melancolia. – *Estarei perfeitamente bem, Traian. Preocupe-se com você. Estarei com Jubal e Gabrielle enquanto estiver fora.*

– *E Gary. Ele conhece tanto aos não-mortos, como minha gente. Fique perto dele.*

Joie fez um gesto, equivalente mental, de virar os olhos. – *Traian, vai ter que mudar sua defasada atitude para com as mulheres. Deve ser sua idade. Esse homem é quem precisa de amparo. Vive em outro mundo, como Gabrielle. Posso vê-lo. Ele se sente mais em casa em um laboratório, que lutando com vampiros.*

– Mas conhece os vampiros. Fique perto dele.

– Poderia ter mencionado sua arcaica atitude e sua obstinação, quando estava tão explosivamente encantad, esta manhã.

A risada dele ressoou em sua cabeça e depois ela o sentiu deslizar-se fora de sua mente, deixando-a com uma sensação de perda. Decidida a não ceder ante a estranha reação a sua separação, Joie tomou uma demorada ducha quente. Era quase impossível estar sob a cascata de água sem pensar em Traian, mas se concentrou em imaginar como dizer a seus pais que estava essencialmente casada.

Gabrielle apareceu no banheiro.

– Depressa! Jubal e eu estamos cansados de esperar por vocês dois. E será melhor que não estejam levando a cabo nenhuma perversão nesse pequeno e diminuto box. – Ela soava mais esperançada que nada.

– Como entrou em meu quarto, pequena entremetida? – Joie lançou uma peça

de roupa úmida nela, com precisão mortal. – Estava fechada.

Gabrielle gritou quando a roupa acertou totalmente sua face.

– Estou comprovando seus maus hábitos. Está sozinha aí dentro? Porque não quero ver nenhum corpo nu.

– Traian já voltou para a caverna.

– Se ela não fosse tão magnificamente protetor, teria medo de que fosse um troll. Gosta muito de ficar escondido. O que vais dizer a mamãe e papai? – Desta vez havia alegria na voz de Gabrielle.

– Estive pensando. – Admitiu Joie, saindo do banheiro, envolta em uma toalha. – Me ocorreu mentir. E eu pensava que você preferia os homens superficiais. Vi você paquerando o Gary, ontem à noite.

– Não paquerava. – Soprou Gabrielle, indignada. – Nunca paquero. Ele é bastante bonito. – Ela suspirou, profundamente. – Oh! Quem dera que eu fosse magra e bonita.

Joie a olhou fixamente.

– Você é bonita, idiota. Só que está louca. Jubal está no quarto? Preciso de minha roupa.

– Conseguirei algo apresentável para você. – Gabrielle desapareceu.

Joie a ouviu sorrir bobamente. Gabrielle nunca fazia algo tão indigno, como sorrir abertamente. Sem vergonha, Joie se deu conta de que podia ouvi-la, pensando conscientemente nisso. Gary se unira a seus irmãos, no quarto.

Joie falou para a porta.

– Olá! Odeio ter que lembrar a vocês todos, mas estou plantada aqui, nua no banheiro. Vão embora ou me alcancem uma muda de roupa.

Jubal gemeu.

– É tão chata, Joie. Não preciso dessa imagem visual. Gary, você deveria ter um par de irmãs com inclinação a te atormentar. Grudam-se em mim, de uma forma que você não acreditaria.

Gabrielle lhe lançou um beijo.

– Nós impedimos que sua vida seja extremamente monótona e aborrecida.

Joie pegou a roupa que sua irmã atirou dentro do banheiro.

– Obrigado por se lembrar de mim.

– Recordava-me. Só que não me pareceu tão importante.

Gary ficou em pé quando Joie entrou.

– Traian já foi, não é? Pensei que se levantaria o mais antes possível. Há nuvens bloqueando a luz solar. Às vezes manipulam o tempo para proteger seus sensíveis olhos. – Ele sorriu a Joie. – Quer que consiga um pouco de suco para você, esta noite.

Joie pressionou uma mão sobre o estômago.

– Não acredito que isso vá conseguir beber, mas seguro que Gabrielle e Jubal estão famintos.

– Esfomeado. – Concordou Jubal, instantaneamente. – Pensei que Joie ia dormir para sempre.

– Está acostumado a um horário distinto. – Disse Gary – Eu trabalho no laboratório e me esqueço do tempo. Se estiver com algo prometededor, parece que não preciso dormir.

– Eu sou igual. – Disse Gabrielle. – Às vezes levanto o olhar e já se passaram dois dias. – Ela trocou um sorriso de cumplicidade com Gary.

Jubal lançou as mãos para o ar.

– Começa a haver certa tensão aqui. Vou procurar comida. Vamos, Joie. Esteja ou não faminta temos que permanecer juntos.

Esperaram enquanto Joie procurava seus apetrechos de guarda costa e o prendia na perna. Gary elevou uma sobrancelha, mas Gabrielle encolheu os ombros, com um sorriso tímido. Estavam acostumados a Joie e a que sempre estivesse armada com algo letal.

Joie foi consciente do momento exato em que o sol entrou. Não viu os tons laranjas e vermelhos, mas no meio uma conversa que tinha lugar a sua volta. Simplesmente soube. Sentiu os súbitos estremecimentos da terra, quando os vampiros se elevaram. Seu coração saltou de medo – *Truian!* – Estendeu-se para ele. Tocou-o. Sentiu

seu imediato conforto. Ela ainda não tinha descoberto o lugar de descanso dos vampiros. Não havia estado na galeria da caverna dos magos.

– Joie? – Gabrielle tocou sua mão. – Está bem?

Joie olhou através da mesa para ela e tentou sorrir.

– Desejaria estar com ele.

Não havia necessidade de dizer seu nome.

Uma sombra escura passou sobre a estalagem, movendo-se rápido, tanto que por um momento se fez um silêncio no restaurante e as pessoas se olharam, inquietos. Gary reagiu instantaneamente. Pegou a mão de Gabrielle e se levantou tão rápido que sua cadeira caiu para trás.

– Venham comigo, agora mesmo. – Ele pegou Gabrielle e começou a abrir passo entre as mesas, arrastando-a com ele.

Jubal olhou para sua comida com pesar, enquanto Joie lhe dava uma palmada na parte de atrás da cabeça.

– Pode ser sua última comida se não se mover. – Advertiu-o.

– Poderia ser minha última comida de todas formas. – Grunhiu ele. Mas já estava em pé e apressando-se atrás de Gary e Gabrielle.

– Chame-o, Joie. – Ordenou Gary, sobre seu ombro. – Chame Traian e faça-o voltar. Não temos muito tempo.

Joie não duvidou. Havia muita urgência na voz de Gary.

– Traian. *Eles estão aqui. Os não-mortos estão aqui na estalagem. Gary diz que é urgente que volte tão rápido, como possível.*

– *Faça o que diz Gary. Ele saberá o que fazer até que eu possa voltar. Não podem colocar as mãos em cima de você. Siga seu coração se tiver que se defender. Com frequência, eles injetam veneno na veia sanguínea e são geniais enganando e mudando de forma.*

– Mas o ego é sua debilidade.

– Uma de suas poucas debilidades.

Gary abriu de repente, a porta de seu quarto.

– Rápido, entrem e coloque tudo o que possam encontrar, selando as frestas de

portas e janelas. – Ele lançou camisas para Gabrielle, enquanto se apressava para as portas que conduziam ao terraço. – Teremos que nos manter aqui. Tentarão fazer com que saíamos, usando a compulsão. Jubal, há um pequeno reproduzidor de CDs no escritório. Coloque um pouco de música e suba o volume. Suba muito.

Joie fechou as portas atrás delas e colocou o armário contra elas.

– O olho da fechadura, Gabrielle... – Se os vampiros poderia fazer o que tinha visto Traian fazer, não via como foram mante-los fora. – Porque estão aqui?

– Provavelmente porque você está aqui. – Respondeu Gary – A forma mais segura de atrair um homem dos Cárpatos é ir atrás de sua companheira. Não quer que um de vocês os convide a entrar. Se ouvirem uma voz falando docemente, é uma armadilha. Coloquem algodões nos ouvidos ou coloquem as mãos sobre as orelhas. Façam algo para evitar ouvir. Se algum de vocês caminhar para a porta ou inclusive falar, convidando alguém, o detenham. Mesmo que isso significa lhe golpear.

Passaram sombras cruzando a janela, movendo-se de um lado a outro, como se procurassem algo. Elevaram-se ventos tão fortes, que os galhos das árvores raspavam contra a parede, com um chiado doentio. As nuvens se desfizeram e desfizeram, lançando horrorosas aparições atravessando a lua. Uma mancha cobriu o céu, embotando lentamente as estrelas, arrastando-se insidiosamente até que quase toda a luz se extinguiu. O vento uivava contra a janela, batendo as portas do terraço, carregado de vozes. Suaves. Hábeis. Doces e incitantes. Vozes suplicantes. Chorando em busca de ajuda. Uma mulher chamava, atrás da porta, suplicando para entrar. Sua voz se elevava sobre o vento.

– Joie? – Gabrielle procurou sua irmã em busca de guia.

Gary estava perto dela e pôs um braço a seu redor, protectoramente.

– Traian voltará logo. Poderemos agüentar até então.

Jubal dobrou o volume do reproduzidor de CD, para que soasse ruidosamente. Algo pegou a maçaneta da porta e a sacudiu com força. A porta se sacudiu e estilhaçou. Joie saltou para colocar seu corpo entre a porta e seus irmãos.

– Gary, tire-os daqui. – Ordenou.

– Acredite-me! Estamos mais a salvo dentro desta estalagem, que em nenhum outro lugar. E é menos perigoso que nos mantenhemos unidos. – Disse Gary e

adiantou-se para se colocar a seu lado. – Jubal vigie as janelas. Se vir algo que pareça fumaça ou névoa tentando entrar através de uma fresta, tape-a com uma camisa, mantas, algo com tal força de deixá-lo fora.

A porta estava sendo golpeada novamente, de fora. Era o bastante forte para mover o caixilho. Gabrielle tampou a boca com a mão, para impedir que escapasse um grito.

– Não pode entrar. – Disse Gary, sem levantar a voz. – Não foi convidado e não pode ganhar a entrada deste quarto.

Uma risada maníaca saudou as palavras de Gary. Um grande peso se estrelou contra a porta. A madeira começou a se encurvar para dentro.

Capítulo 11

Com a forma de um mocho, Traian atravessava como um raio o céu escuro. Joie não tinha nenhuma oportunidade contra um professor vampiro, mesmo com o vasto conhecimento de Gary sobre os não-mortos. O melhor que podiam fazer era esperar entreter os vampiros até que ele chegasse. O vento aumentou tanto que as rajadas lançavam madeira e ramos pelo ar, como mísseis. Um voltado de nuvens se retorceu e desfiou do chão ao céu, um monstro escuro e turbulento saltando com seus vorazes dedos estendidos para ele. Voou através da invisível barreira, bateu com força no obstáculo e desceu para o chão.

A massa negra se estirou amplamente, formando uma horrível cabeça com a boca totalmente aberta e grandes e ossudos braços, que se estiraram para alcançar o corpo da coruja enquanto dava voltas para o chão.

Traian se transformou em negras gotas de vapor, emergindo da escura massa, estendendo-se para evitar ser detectado. O tornado caiu nos céus, como se nunca tivesse existido, deixando atrás dele uma estranha calma e um céu claro.

Uma rede de prata caiu dos ramos das árvores, uma manta sólida e fina de cordas tecidas. Traian já estava mudando novamente, aterrissando rente ao chão. A rede lhe bateu o braço, mas ele deslizou fora, aterrissando a vários centímetros de seus pés. A dor relampejou através de seu corpo. Ardentes marcas vermelhas apareceram imediatamente em sua pele onde sua carne tinha entrado em contato com a reluzente rede. Milhares de picoteantes insetos voaram para sua face, formando uma sólida parede, programada para encontrar e atacar. Traian se dissolveu para evitá-los, deslizando-se de volta ao bosque para segurar-se ao ramo de uma árvore, transformado numa rã.

Estendeu seus sentidos, tentando localizar seu oponente. Os professores vampiros raramente se revelavam, especialmente em batalha. Traian sabia que o não-morto lhe tinha tirado deliberadamente da estalagem, com a esperança de apanhá-lo e destruir.

— Estou lutando por todos, por nossas vidas. Se puder evitar a confrontação, faça-o. A não ser, vá sempre pelo vampiro mais perigoso e pelo coração. Nada mais poderei abatê-lo. Atrase-o. Agüente. Tente evitar a batalha.

Esperou. Seu coração pulsava muito forte e o temor invadiu sua mente até que ela respondeu. Sua voz era tranqüila e serena, inclusive confiada.

– Não pense em nós como personagens mortais, Traian. Podemos dirigir estes tipos mortos. Simplesmente não deixe que lhe façam nem um só arranhão ou me zangarei muito. E você não me viu zangada.

O alívio quase lhe curvou. Ela estava ilesa.

– Aprendi o verdadeiro significado do medo. Sempre fui à batalha sem nada a perder. Sem me importar os sentimentos.

– Bem... É mútuo, Traian. Então não comece a se compadecer de si mesmo. Tenho uns tipos horríveis à minha porta, assim vou ter que te deixar.

Joie o fazia desejar rir. Soava como se estivesse falando ao telefone, para pedir emprestada uma xícara de açúcar. – Não se confie muito. – Ele não podia evitar acautelá-la, embora sabia que isso a incomodaria.

– É um passeio pelo parque. Preocupa-se com você mesmo.

Ele podia ver os insetos desdobrando-se, voltando e voando através das árvores procurando qualquer sinal dele. E os insetos sempre voltavam a pulular ao redor do mesmo tronco podre de uma árvore caída.

– Quero você, Joie. Não posso viver sem você. Mantenha isso em mente, quando pensar em qual é a melhor forma de dirigir a situação. Está decidindo por nós dois.

Ela praguejou entre dentes.

Ele podia ouvir claramente, a irritação e o aborrecimento de uma mulher que tinha transpassado os limites de sua paciência. Seu coração deu um curioso salto, uma estranha reação a exasperação feminina. Por alguma inexplicável razão, sentia-se alegre.

A pequena rã saltou ao longo do ramo da árvore, colocando bom cuidado em se confundir com as folhas e ramos. Estava a alguma distância da árvore caída e o chão que se estendia até ele estava coberto de restos. Traian olhou fixamente para o céu, desafiando as nuvens. A sua ordem mental, um relâmpago fiscou sobre o enorme caldeirão. A ardente energia branca se fiou formando uma bola, atravessando as nuvens e lançando-se para o chão. O ar rangeu de eletricidade.

Traian saltou do ramo, mudando a sua verdadeira forma, com as mãos dirigindo os largos fios de energia, lançando a bola enquanto se confundia de volta entre as árvores. A esfera deslizou até o centro da árvore caída, fazendo um buraco

enegrecido em tudo o que encontrou a seu passo, até golpear o chão, formando uma profunda cratera. Látegos brancos rangeram dentro da depressão.

Elevou-se vapor negro do tronco da árvore para misturar-se com as escuras nuvens desfiadas. Um terrível e penetrante uivo de ódio encheu o ar, tão agudo e obscuro, que irritava os nervos e furava os tímpanos. As árvores estremeçeram. Grama e folhas se enrugaram. A explosão bateu nas costas de Traian e o fez cair para frente, deslizando-se entre as árvores. Ele ainda tentou jogar a cabeça para trás, antes de abater-se.

Inalou rapidamente e notou o nocivo e sujo aroma de carne queimada, e soube que ganhara um ponto. Caiu fogo do céu em brasas vermelhas, que prendiam a folhagem. Chamas famintas lamberam a grama e as folhas, correndo rápidas sobre árvores. Traian estendeu os braços, deu uma ordem e as nuvens se abriram, vertendo uma cortina de água sobre as chamas crescentes. O céu sobre sua cabeça estava negro, por causa da fumaça e das desfiadas nuvens. Era impossível dizer onde estava o vampiro. Ele tinha suficiente experiência para não fazer notar sua presença no espaço em branco do ar. Escolheu misturar-se ao caos que o rodeada, esquivando-se da batalha, agora que estava ferido.

Triian tentou uma última tática, sabendo que o vampiro desapareceria durante muitos anos, evitando todo contato com os caçadores, para sobreviver. Tinha uma última oportunidade para tirá-lo a luz e Traian a usou, arriscando-se a revelar sua posição, para enviar um requerimento de noite. Sua chamada foi pura e imponente, a voz de um antigo em pleno poder, ordenando o vampiro descer a terra.

Durante um breve momento a horrorosa criatura se perfilou no céu, uma aparição tão perversa e sinistra como só uma criatura com séculos de conduta depravada e assassina pelo mero gozo de observar sofrer os outros, podia sê-lo. Ele baixou o olhar para Traian com os olhos cheios de ódio, seus afiados dentes apertados em desafio.

Um som estalou na cabeça de Traian, subindo de volume, uma ordem de morte e destruição. Cada célula seu corpo reagiu. Era um fonte de terminações nervosas, obrigadas a abrir-se.

– Sou seu amo.

O eco reverberou através dos músculos e malhas de Traian, através de cada

órgão.

– *Não!* – O sussurro do Joie foi um suave e sensual contraponto à venenosa ordem. – *Traian, ele tomou seu sangue e está usando isso como uma arma contra você. Desconecte-se de sua voz. Não tem poder sobre você, sobre nós. Não importa quão forte seja, Traian, ou o que seja. Somos fortes, juntos. Pode te encontrar através de seu sangue, mas não pode te obrigar a obedecer.*

– *Estúpida mulher. Estou em sua mente, sua mente me pertence. É minha marionete, e logo todos os outros serão também. Não pode me matar, mas eu posso lhe encontrar em qualquer lugar. E pensando nele, posso encontrar a você e sua penosa família. Una-se a mim. Um dia governarei Cárpatos e humanos.*

Joie riu, deliberadamente. Soou como uma rajada de ar fresco, afastando a negra morte do coração de Traian e esclarecendo sua mente.

– *Você é o único estúpido aqui. Só há um para mim. Destruiremos você, porque não é mais uma podre casca vazia. E se me pergunta, você é simplesmente asqueroso.*

Traian sentiu a raiva do monstro, explodindo em sua cabeça, em suas veias, enquanto seu sangue ardia, mas estava livre da terrível paralisia. Deu uma palmada com as mãos e estendeu amplamente os dedos, alongando os braços para o vampiro, que estava dissolvendo-se no céu. Um relâmpago e arqueou e chispou. O vampiro gritou uma vez e um aroma pútrido poluiu o ar noturno.

– *Mate-a. Mate a todos.*

Um trovão ressoou no chão. A terra ondeou e tremeu e a tormenta explodiu num furacão selvagem e deslizou para o bosque e o povoado.

– *Estão tentando entrar!*

Desta vez havia medo na voz dela. Traian já estava correndo para a estalagem, fazendo tudo o que podia por apaziguar a tormenta assassina.

– *Valenteen é perigos, mais do que acredita, Joie. Seja quem for este professor, ele controla Valenteen e isto é de uma vez surpreendente e aterrorizante. Nunca vi dois professores andarem juntos, nem a um controlando ao outro.*

– *Apreste-te, estão irrompendo através da porta.* – O coração do Joie estava pulsando tão forte que ela temia que saísse de seu peito. – *Pode não ter sido uma boa idéia lhe dizer que o achava asqueroso.*

A estalagem inteira tremeu e as paredes oscilavam, como se fossem movidas por um terremoto. A porta do terraço se curvou e estilhaçou, quando algo a bateu com tremenda força. A estalagem estava cheia de sussurros suaves e insidiosos, sussurros de doces vozes.

Gabrielle gritou e colocou as mãos sobre os ouvidos. Deu vários passos para a porta, assentindo com a cabeça, seus lábios começaram a se mover. Gary saltou para seu lado, arrastando-a para trás, tampando sua boca com a mão. Ele colocou os lábios contra sua orelha.

– Estão tentando te obrigar a que os convide. Não deve ouvi-los.

A porta estalou e um negro enxame de insetos voou entrando no quarto, com a chuva e o vento. A densa nuvem de picoteantes insetos atacou a carne exposta, mordendo viciosamente. Gary atirou uma manta sobre a cabeça de Gabrielle, envolvendo sua face e seus braços, para protegê-la das mordidas. Jubal amaldiçoou e se bateu, numa frenética tentativa de manter os insetos longe dele.

Joie agüentou estoicamente, enfrentando o monstro que estava em sua porta.

Seu sorriso era uma terrível ameaça, como foi sua inclinação de saudação. Parecia cheio de si enquanto observava a negra horda de insetos mordendo os ocupantes do quarto. Joie sabia que estava vendo algo bem mais horrível que a criatura que havia apunhalado na caverna. Este lhe fez gestos com dedos como garras e ela sentiu um tremendo impulso. Foram às viciosas mordidas dos insetos que a impediram de atravessar o aposento e sair para o terraço. Não tinha nenhuma dúvida de que ele a mataria. De que mataria a todos. Esforçou-se por manter-se proprietária de sua própria mente, apesar de ouvir sua suave voz ordenando.

– Me diga porque está fazendo o que ele te ordena. – A única arma que tinha era adular o ego do vampiro. Entretê-lo com a esperança de que Traian chegasse antes que Valenteen pudesse incitá-la a ir para ele. – Está claro que você é muito mais poderoso. Por que serve tal criatura? – Ela obrigou-se a mostrar interesse e admiração em sua voz. – Acho difícil acreditar que um homem como você precise a alguém como ele.

O lábio do Valenteen se curvou, expondo suas enegrecidas gengivas.

– Permito-o pensar que me controla. Satisfaz-me seguir seus planos. Ambos procuram a mesma coisa. Se encontrar, o arrebatarei.

Joie estava sendo compelida para frente, num passo lento cada vez. Ela esforçou-se para parar, estendendo a mão para Jubal. Os dedos de seu irmão se apertaram sobre ela instantaneamente, segurando-a sem vacilação.

– É óbvio que o pegará. Ele é um tolo pensando que pode te tratar com tão pouco respeito. Percorri todo mundo e nunca tinha encontrado a um homem tão poderoso como você. – Tentou inserir uma nota de flerte em sua voz, mas suas habilidades interpretativas não chegavam tão longe. – Deveria liderar a todos. Todos se beneficiariam de seus conhecimentos.

Apesar da mão de Jubal que a refreava, ela estava caminhando para frente. Joie se sentia como uma marionete. Não podia deter seu corpo que se dirigia para a mão que a chamava, mesmo com Jubal tentando segurá-la.

Valenteen assentiu com a cabeça.

– É verdade que tenho muita experiência liderando. Possivelmente te matar não seja a melhor opção. Possivelmente te atrair para meu lado, serviria melhor a ambos.

Jubal soltou sua mão e a segurou pela cintura, levantando-a e levando-a longe da porta. Em seguida o vampiro fechou a mão, olhando para a garganta de Jubal. O irmão do Joie veio a baixo com força, afogando-se e tossindo, lutando para respirar. Os insetos instantaneamente se lançaram sobre ele, entupindo sua garganta, atacando sua face exposta. Gary fez gesto de pegar Joie, mas ela sacudiu a cabeça e deliberadamente caminhou para o terraço.

– Ajude Jubal. – Ordenou e manteve o olhar sobre o vampiro, tentando parecer fascinada. Traian estava perto. Estava com ela, movendo-se em sua mente, dando-lhe forças. O vampiro acreditava que estava compelindo-a, obedecer a sua ordem, mas com a ajuda de Traian, ela se movia por própria conta. Não olhou para trás para ver se Gary era capaz de lutar contra os insetos. Intuitivamente soube que era melhor para todos que mantivesse a atenção do vampiro centrada nela.

Retorceu seu estômago ante a perspectiva de estar tão perto da perversa criatura. Podia vê-lo claramente, sem a ilusão que o não-morto oferecia a suas vítimas. A carne pendurava de seus ossos. Mechas de cabelo grudavam em seu couro cabeludo. Suas longas e grossas unhas tinham a forma de garras curvas, afiadas, retorcidas e negras. Seus olhos eram vermelhos e raiados de amarelo. Havia tal malevolência obstinada a ele, que a adoeceu e encheu o ar do aposento.

Em lugar de tentar deixar de se mover para ele, Joie tinha que obrigar suas pernas trêmulas a dar outro passo. A impaciência cruzou sua face.

– Me unir a um homem tão poderoso e saber que com segurança dominará a todos ao redor, me soa uma boa idéia. Sempre admirei a força.

A centímetros de sua mão estendida, Joie tropeçou intencionalmente com uma parte da porta estilhaçada e cambaleou. Protegeu-se, colocando a palma da mão contra o piso e seu corpo se virou levemente, lhe dando um precioso segundo para deslizar a mão ao longo de sua perna afiançando a faca que levava ali, ocultando-o contra sua mão.

Valenteen se inclinou sobre ela. A saliva descia por sua boca, enquanto a levantava pelos cabelos e tentava colocá-la em pé. Arrastou-a contra seu corpo, atirando sua cabeça para trás, para expor sua garganta e afundou profundamente os dentes, sorvendo enquanto bebia.

Joie notou a feroz dor de um ácido ardendo enquanto ele abria um enorme ferimento em sua garganta. Turvou-lhe a visão e ela cambaleou, enquanto suas pernas se tornavam de borracha. Podia ouvir o som de seu coração, embora não podia senti-lo pulsar. Não emitiu nenhum som de protesto, não lutou, entregando-se de boa vontade. Um pouco de tensão abandonou o corpo do não-morto. Com cada grama de força que possuía, com tudo o que era, Joie enterrou a faca profundamente no peito dele, apontando diretamente para seu coração.

Levantando a cabeça, Valenteen gritou horrivelmente. O som fez pedacinhos dos cristais das janelas. Agarrando seu cabelo, ele a jogou para trás, enquanto seu corpo lutava para manter-se em pé, apesar da faca em seu coração. Com a outra mão, ele a pegou pelo queixo, com a intenção de lhe romper o pescoço.

Jorrou sangue do ferimento de sua garganta, quando ele retirou a mão. Joie fechou as mãos para trás sobre a dele, que a agarrava pelo cabelo, para lhe sujeitar a mão sobre a cabeça. Deixou-se cair, dando a volta e ficando em pé rapidamente, rompendo os ossos da mão imunda. Ele uivou enquanto a soltava, arranhando-a com suas venenosas garras.

Traian emergiu da escuridão, com os olhos chamejantes, afastando o vampiro de Joie, torcendo com força sua cabeça. A lâmina da faca caiu inutilmente no assoalho do terraço, com a folha completamente destruída pelo ácido do sangue do não-morto. O punho de Traian disparou, cravando-se profundamente, seguindo o rastro da faca.

Valenteen igualou o movimento, introduzindo sua mão boa no peito de Traian, através de músculo e malha, procurando o coração.

Traian conseguiu primeiro.

Olhando diretamente aos olhos do vampiro, retorceu o enrugado e enegrecido órgão tirando-o e jogando-o para o lado. Um relâmpago se arqueou no céu, fiando-se até formar uma brilhante esfera branca que engoliu o vampiro. Valenteen desapareceu em cinzas e carvão, completamente. E o coração estava incinerando-se, ali perto. Traian banhou suas mãos e braços na energia, extraindo o ácido de sua carne para poder atender Joie.

Ela se sentou no chão, lhe estudando com uma espécie de temor. Não podia falar por causa do ferimento de sua garganta. Simplesmente se sentou ali, com as mãos pressionando o ferimento para tentar deter o fluxo de sangue. Gabrielle gritou e correu para seu lado.

– Me ajude, Jubal, ela está perdendo muito sangue. Ajude-me.

Gary a pegou pelo braço e retrocedeu, levando Gabrielle com ele.

– Só Traian pode ajudá-la agora.

Jubal olhou para o Cárpatos.

– Faça-o. Seja o que tenha que fazer. Mas não deixe que ela mora.

Traian olhou para os rostos inchados e vermelhos, pelas picadas dos insetos. Abaixou-se e pegou Joie nos braços, embalando-a contra seu peito. Joie se recostou contra ele, com suas pálpebras baixando lentamente.

Capítulo 12

– Traian – Disse Gary, serenamente. – Você está quase em tão má forma, como ela. Precisa de sangue e rápido. Use Jubal, enquanto consigo terra para fechar os ferimentos. Eu te darei mais sangue assim que voltar.

– Ela não quer que eu use a sua família. – Disse Traian. Havia ralentizado automaticamente o ritmo cardíaco de Joie, para que ela perdesse menos sangue. Enterrou a face na garganta dela, fechando o terrível ferimento, o melhor que pôde, com sua curadora saliva.

– A quem importa o que ela queira? – Desabafou, Jubal. – Só objetou porque pensou que você fosse um vampiro. Se precisar de nosso sangue para salvá-la, tome-o. É óbvio que isso não vai fazer mal nem a ela nem a Gary. Gabrielle, ajude Gary com o que seja necessário.

– O jardim tem terra rica. – Instruiu, Traian.

Ele permaneceu em pé um momento, com rugas marcando sua face, o peito rasgado e aberto. A debilidade e o medo misturados com turbulenta raiva em seus olhos. Depois sai para o balcão do segundo andar, sobre suas cabeças e se apressou ao longo do corredor, até encontrar o quarto de Joie.

Jubal subiu as escadas, atravessando a toda pressa a entrada para irromper no quarto de sua irmã. Fechou a porta de repente e se aproximou da cama onde ela estava deitada. Joie estava pálida, quase cinza e sua respiração era tão superficial, que quase não existia.

– Pode salvá-la? Diga-me a verdade, Traian. É possível?

Uma mão parecia ter se fechado sobre seu coração. Traian elevou seus olhos negros como a meia-noite e tão frios como o gelo, para Jubal.

– Não permitirei nenhum outro resultado.

– Gary disse que você precisa de sangue. – Jubal se sentou junto a sua irmã e pegou sua mão. – Joie significa tudo para nós. Posso ver que significa tudo para ti também. Não vou fingir que entendo sua relação, simplesmente estarei agradecido por ela.

Traian murmurou suavemente, economizando a Jubal o medo inicial enquanto

abria uma veia da mão e se alimentava. – *Perdoe-me, Joie. Sei que não quer isto.* – A força fluiu a seu vazio corpo. – *Só quero nos salva e esta é nossa única opção. Nós dois estamos feridos. Se puder conseguir sangue suficiente, sobreviveremos.*

Houve uma pequena revoada em sua mente. Um toque, não mais que uma carícia ligeira em sua cara. Traian fechou cuidadosamente os ferimentos na mão de Jubal e aproximou Joie para ele, antes de liberar seu irmão do encantamento.

Jubal se deslizou da cama para sentar-se no chão

– Assumo que tem meu sangue.

– Sim. Obrigado. – Replicou Traian, formalmente. – Todos foram muito mais que afortunados. Qualquer vampiro é difícil de derrotar, mas os professores vampiros viveram durante séculos e séculos, crescendo em força e poder. Utilizam os outros como iscas e bonecos e se mantêm longe do perigo da batalha. Sacrificam a seus peões e se debandam quando há caçadores pelo lugar.

Traian colocou as mãos sobre os terríveis ferimentos de Joie. Parecia ter saído de seu próprio corpo, olhando fixamente para o vazio. Jubal podia ver as profundas rugas de sua face. Ele empalideceu visivelmente como se sua força estivesse escapando lentamente, para fora dele.

Gary e Gabrielle irromperam no quarto. Gary colocou uma terrina de rica e escura terra no chão junto à cama e Gabrielle deixou várias ervas em uma segunda terrina. Gary estendeu velas para Jubal.

– Coloque-as pelo quarto e acenda-as. Não queremos nenhuma luz artificial acesa, somente as velas. Gabrielle, misture as ervas juntas, na terrina. Queremos que se misturem as essências. – Ele colocou sua mão sobre o ombro de Traian. – Joie foi toda uma surpresa para Valenteen. Esteve maravilhosa e incrível. Nem sequer duvidou. Nunca ocorreu a um vampiro que uma mulher pudesse ficar entre outros e o perigo. E certamente nunca pensou que ela estivesse desejando lhe afundar uma faca no coração.

– Ela usou minhas lembranças. – Explicou Traian, enquanto misturava saliva com a terra e cobria os ferimentos da garganta de Joie. – Adulou-o, esperando que eu conseguisse chegar a tempo. E quando viu que eu não consegui, fez o que sempre faz. Ela quis ficar corajosamente em perigo, para poder aproximar-se o suficiente, para estar segura de que o destruíra.

Gary pegou um pouco da mistura e o colocou no peito de Traian.

– Inclusive com tudo o que sei, ele era tão poderoso, que duvido que teríamos sobrevivido.

– Era um professor vampiro e estava com outro professor, muito mais poderoso. – Traian elevou a cabeça para olhar Gary. – Nunca vi o outro com clareza. Tomou meu sangue na caverna, embora não posso lembrar quem seja. Não posso me aproximar de nosso príncipe. Terá que ser você quem lhe faça chegar toda a informação. Até que o vampiro seja encontrado e duvido muito que vá permanecer neste país agora, mantere-me longe de Mikhail. Não podemos nos arriscar com sua vida.

– Ele não verá do mesmo modo. – Assinalou Gary.

– Sei que tenho razão. Não deveria arriscar sua vida entrando em batalha do modo em que o faz. Seu encargo é servir e liderar nossa gente, não caçar vampiros. Temos muitos caçadores e um só líder. Seu irmão é forte e poderoso, mas foi prejudicado pela tortura que suportou. Não pode liderar. Se o vampiro ou os humanos tentarem em matar Mikhail, temo que nossa raça ficaria mortalmente ferida.

Traian não levantou o olhar para Gary, para ver se ele estava de acordo com ou não. Estreitou Joie em seus braços.

– Deve aceitar meu sangue, Joie. Isto a converterá para minha raça e não é uma experiência agradável pela qual vai passar.

Novamente, ele sentiu o toque, gentil e enternecedor, sobre sua face, embora ela ainda estivesse imóvel entre seus braços. Um sorriso débil apareceu em sua mente como se ela achasse sua advertência divertida. Virou seu corpo levemente, não querendo esbanjar forças mascarando sua presença aos outros. O consolador aroma das ervas e velas se misturava com os sons do canto em sua mente, enquanto outras vozes na distância, se uniam a ao ancestral canto curador. Tomou a mínima quantidade de sangue possível dela e rapidamente abriu suas próprias veias. Ela aceitou seu sangue da mesma forma em que havia aceitado tudo o que a ele concernia, com completa fé. Sensibilizava-o, que assim fosse.

Quando ela havia tomado o suficiente, para um intercâmbio, Traian a deitou gentilmente.

– Possivelmente todos vocês devam sair daqui. Ela não gostaria que a vissem

assim.

– Precisa de sangue e cuidar de você mesmo. – Assinalou Gary. – Está mais fraco do que pensa, Traian. Tome meu sangue e me permita ajudar os dois nisto. Sei o que acontecerá. Gabrielle e Jubal podem esperar em seus quartos.

– Ficaremos. – Disse Jubal, com decisão. – Ela é nossa irmã.

Gabrielle observou como Traian caminhava para Gary. Deveria lhe parecer repulsivo, mas ao contrário, estava fascinada. Pareceu-lhe um momento nobre, ver pessoas oferecendo-se para ajudar ao outro. Gary parecia não sentir nenhum temor ou repulsão por oferecer seu sangue, como se fosse algo cotidiano.

– Se isto virar um caos, Traian, Joie gostaria que eu estivesse aqui para me ocupar do que precisa. Ela é meticulosa com certas coisas. – Gabrielle levantou o queixo, preparada para lutar por seu direito de ficar.

– Seu ferimento é profunda, Traian. Precisa ir para a terra. Mesmo com meu sangue, não terá força suficiente para curar a navalhada. Quase alcança seu coração. – Disse Gary. Mas estava olhando para Joie.

O primeiro espasmo de dor cruzou sua face e enviou tremor através de seu corpo.

Traian sentiu a dor que a consumia. Um fogo ardente com a força de uma tocha no centro de seu corpo, estendendo-se para fora como uma explosão. Uniu-se a ela, tentando tomar o golpe de dor, decidido a fazer sua iniciação a seu mundo, tão fácil como fosse possível. Traian ficou assombrado com os irmãos de Joie, pois estava seguro de que eles se horrorizariam e se assustariam, quando comessem as convulsões, quando Joie estivesse violentamente doente e fosse impossível controlar as ondas de absoluta dor. Trabalharam juntos como uma equipe, pareciam entender que não podia falar diretamente com eles. Toda sua atenção estava posta em bloquear toda dor, como fosse possível, ajudando Joie através da conversão.

Gary manteve o aposento limpo e cheio dos consoladores aromas das ervas e velas. Todos eles se recolheram às palavras do antigo canto curador. Gabrielle limpou as gotas de sangue da testa de Traian. Ele tentou sorrir fracamente, mas toda sua atenção estava claramente em sua companhia.

No momento em que pôde fazê-lo, Traian induziu Joie a um profundo sono.

Exausto, devou o olhar para todos eles.

– Tenho que sair para longe, por poucos dias. Não seremos capazes de contactar com vocês, mas ela está viva e se curará rapidamente.

Evitou toda referência a terra. A família de Joie já tinha bastante no que pensar, sem conhecer os detalhes de aonde ele a levaria.

Gabrielle se inclinou e deu um beijo na cabeça de Joie.

– Cuide dela. Dependemos de você. Não lamento que ela tenha te encontrado. Não depois de ver a forma em que cuidou dela.

Traian podia ver que ela estava piscando, para conter as lágrimas.

– Obrigado, Gabrielle. Logo que seja possível, a trarei a vocês.

– Ficarei aqui com eles. – ofereceu-se Gary.

Traian sacudiu a cabeça.

– Advirta Mikhail. Não quero lhe enviar nenhuma informação, se por acaso o vampiro que tomou meu sangue puder encontrar a forma de me utilizar contra ele. Faça-o saber que há alguma coisa na caverna, e é de grande valor para os vampiros e que há numerosas armadilhas. Ele entenderá quando lhe disser que é uma caverna que foi utilizada pelos magos.

Gary assentiu, com a cabeça.

– Jubal e Gabrielle podem vir comigo, se quiserem.

Traian se levantou, com o Joie em braços.

– Parta então, esta noite. As regras que sempre aplicamos aos vampiros, parecer estar mudando rapidamente. Estarão a salvo sob o amparo de Mikhail.

Ele deslizou para fora, sobre o balcão. Entrou para o interior da noite, onde pertencia. Onde se sentia cômodo. O vento soprou em sua face, frisando seu cabelo trazendo mensagens das criaturas a seu redor.

Lançou-se aos céus, com a adormecida Joie em seus braços e se dirigiu para uma pequena caverna, que lembrava de seus dias de juventude. Uma caverna de cura com mananciais de água quente e piscinas de água glacial. Longe, sob eles, se estendia sua terra natal. Sua terra, um lugar que não tinha via há muitos anos. A visão lhe trouxe

a memória, lembranças de seus pais e de seus amigos de infância.

Estava em casa e sujeitava sua companheira entre os braços.

– Ela nunca estará a salvo. Sempre estará ligado a mim. Perdoei-te a vida, mas posso tomá-la sempre que quiser. E tomarei a dela.

Traian não pensou duas vezes. Enviou um golpe de trovão ensurdecedor, de volta pelo caminho mental que o vampiro tinha iniciado. Uma seta de relâmpago raspou o céu, como uma lança enviada para uma presa. Rapidamente, mudou sua própria posição, totalmente preparado para uma guerra no céu.

Uma explosão de dor estalou na mente de Traian. Havia acertado.

– Pagará por isso.

– Sou um guerreiro ancestral. Não temo nem a você e a nenhum outro de sua espécie. Se quiser perseguir a mim ou a meus, darei as boas vindas, à oportunidade de te levar sua sentença de morte.

Traian se moveu novamente, esperando a represália. Não havia mostrado medo ou apreensão, sequer respeito e os vampiros estavam acostumados que suas presas os admirassem.

Uma chuva de pedras quentes caiu do céu. Traian protegeu Joie, cobrindo o corpo dela com o próprio, como um manto. As pedras caíram inofensivas a seu redor, mas o ataque foi um esforço desinteressado. O vampiro estava fugindo e simplesmente quisera provocar medo em Traian.

Ele abraçou à adormecida Joie, aproximando-a mais a ele.

– Fui um guerreiro tanto tempo, que não conheço outra existência. Nem sequer um professor vampiro pode mudar minha forma de pensar. Se ele vier nos buscar, Joie, não lhe voltarei às costas. Ele não a afastará de mim, nem a mim de você.

Fez-lhe esta promessa em voz alta, sob as estrelas. E a levou profundamente, sob a superfície das cavernas curativas.

Capítulo 13

Joie despertou rapidamente. Um momento antes estava inconsciente e no seguinte, totalmente consciente e lúcida. Ouviu a firme queda da água, o retumbar da vida batendo sobre a terra. Sabia onde estava e como havia chegado ali. Sentia-se diferente, completamente viva, embora lhe doesse todo o corpo e sentia a garganta sensível. Virou a cabeça para olhar o homem que a sustentava. Traian estava deitado a seu lado, com seus braços ao redor dela e uma mão sobre seu estômago nu, com os dedos estendidos. Estavam num profundo buraco na úmida terra de uma caverna. Ela soube, viu, embora deveria ser impossível, estarem enterrados na terra, como estavam.

– Estou vendo o que você viu. – Supôs.

Sua voz era diferente, cascata. Não de todo, como soava antes.

– Sim. – Seus dentes lhe beliscaram o ombro. Estamos numa caverna que eu estava acostumado a usar para nadar, quando era um jovem aprendiz.

Joie olhou a seu redor, estendendo-se e tocando a terra úmida.

– É uma sorte que não seja uma fanática por limpeza. As camas não são mais apropriadas, quando se está ferido?

– A terra nos cura. – Ele beijou-a no pescoço, deslizando sua língua sobre os ferimentos de sua garganta. – Podemos limpar qualquer rastro de sujeira, facilmente. Nossos ferimentos foram antes cobertos de terra, mas agora estão bem limpos. Cobrirei-os novamente, antes que voltemos a dormir.

– Que encantador. Há vermes nesta cama de terra, em particular? Não me ocorreu a você, mencionar os vermes, em nenhuma de nossas conversas?

– Não acredito que tenha feito.

– Não havia razão para fazê-lo. – Ela enredou seus dedos aos dele. A mão sobre seu estômago estava aliviando-a, de alguma forma que não entendia. Suas vísceras doíam.

– Esteve usando um taco de beisebol comigo?

– Não. A conversação é difícil.

Ela não queria se lembrar do horror dessa dor, aparentemente interminável. A completa perda de controle. A sensação que tinha ou que viu nos olhos dele.

Especialmente dos olhos dele. Suplicando perdão. Parecia culpado, aterrorizado em perdê-la. Recordou as lágrimas de sangue que desceram pelo rosto dele.

– Sim. Para ambos.

Traian colocou a parte alta da cabeça de Joie, sob seu queixo.

– Que aconteceu a Jubal e Gabrielle? Devem ter se assustado ao ver aquele pequeno e sujo vampiro me rasgando a garganta.

Ele sentiu o tremor que a percorreu e a apertou mais contra seu corpo.

– Foram incríveis. – Ainda tinha problemas para acreditar que nenhum deles o tinha enchido de recriminações. E Gabrielle havia sido generosa em suas palavras de despedida. – Estão os dois bem. Gary os levou para nosso príncipe. Estão com Mikhail e sua companheira, sob seu amparo. Eu gosto de muito seu irmão e sua irmã. Nunca tinha pensado nisso antes. Vivemos no mundo com os humanos e os protegemos, mas mantemos nossa raça a salvo. Sempre nos mantemos à parte. Esta é a primeira vez que tenho um contato tão direto com humanos. Gary é um homem extraordinário e obviamente de confiança para nosso príncipe. Sinto genuíno afeto e admiração por Jubal e Gabrielle. Nunca havia esperado me sentir assim.

Traian lhe esfregou o nariz com a ponta dos dedos, e depois acariciou sua boca.

Joie sorriu e lhe mordiscou suavemente, a mão. Ele a tocava continuamente, como se procurasse a certeza do contato físico.

– Será melhor que sinta um profundo afeto por eles. É a única coisa segura que pode fazer com esses dois. E com meus pais também, devo acrescentar. Eles vão voltar te deixar louco Ou você vai gostar deles ou acabará se enfartando. Mal posso esperar que conheça minha mãe e meu pai.

Ela explodiu em gargalhadas, ante a idéia.

– Por que faz isso? – Perguntou Traian. – Tem uma forma perversa de gargalhar, cada vez que menciona me apresentar a seus pais.

– Não se preocupe, o protegerei deles. Jubal, Gabrielle e eu sempre vamos juntos, visitá-los. Se formarmos equipe, temos uma oportunidade.

– Sou um Cárpatos. – Assinalou ele.

– Como se isso fosse importar. Mas siga pensando assim se quiser. – Sua mão voou para a própria garganta, ainda avermelhada e dolorida pelo ataque. – Vou me despertar magnífica e perfeita? – Joie olhou para ele. – Tive visões de um mago dos milagres.

– Você já é magnífica e perfeita. – Traian parecia confuso. – Despertei antes para te dar mais sangue, mas não estará de volta à terra, até que esteja totalmente curada. – Ele tocou o peito. – Ambos, estaremos.

Ela virou a cabeça para fitá-lo e sua respiração parou na garganta.

– Oh! Traian, me deixe ver. – Ela se levantou de joelhos, apesar dele tentar refreá-la com as mãos. – Está ferido!

Seus olhos refletiam preocupação e amor. Suas mãos se moviam pelo peito dele, ansiosos e acariciadores. Traian conteve a respiração, surpreso pela onda de emoção que se espalhava em seu íntimo.

– Não é de grande relevância, mas se agradece a preocupação.

– É de grande relevância, sim. – Rebateu, ela. – Como você consegue curar-nos? Eu também poderia fazer? Funcionaria?

Estava já inclinada sobre ele, com a língua deslizando-se sobre a pele machucada.

Traian fechou os olhos. Sua língua estava lhe aliviando, numa gentil carícia que tomou por surpresa. Ela estava tentando mentalmente, com o canto curador. As palavras eram suaves e vacilantes, embora fizesse bem. Seus olhos arderam e sua garganta se fechou com um nó. Seu coração contraiu no peito ante a sensação. Não lhe tinha ocorrido que ela pudesse tentar cuidar de seus ferimentos.

– Estúpido homem! – Murmurou ela. – É obvio que vou cuidar de você. Preciso te cuidar.

Ele não abriu os olhos, temeroso de que ela pudesse ver suas lágrimas.

– Acreditava que você fosse uma mulher do tipo, *desejar*.

– Certo, mas as mulheres podem mudar de idéia, todo o tempo. Agora mesmo preciso fazer isto. – Ela sorriu e seu hálito esquentou a pele nua. – Você se surpreenderia com as coisas que preciso fazer.

Sua boca estava se movendo perigosamente para baixo

– Oh! Não, não o fará. – Objetou, ele. – Precisa se curar primeiro, Joie. Vou te dar sangue e te colocar novamente, para dormir.

Ela sorriu outra vez, sobre sua ereção.

– Sericamente? – A língua o lambeu como se fosse um sorvete. Retorcendo-se, dançando e lhe fazendo coisas ultrajantes. – Estou voltando a ser uma mulher do tipo *desejar*. Desejo um montão de coisas, agora. E desejo que me deseje o suficiente para deixar de se preocupar sobre se posso ou não fazer amor em minha delicada condição. E desejo seu corpo dentro do meu. E o fará, Traian. Apaixonei-me desesperadamente por você e então só te restam responsabilidades. Umas quantas responsabilidades.

E Joie foi mostrar a Traian, exatamente o que queria dizer.

FIM